

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Centro de Artes**  
**Dança Licenciatura**



**Trabalho de Conclusão de Curso**

**Os caminhos formativos de uma artista-professora:  
a história de Janaína Jorge**

**Carolina Martins Portela**

**Pelotas, 2018**

Carolina Martins Portela

**Os caminhos formativos de uma artista-professora:  
a história de Janaína Jorge**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Dança-Licenciatura, do Centro de Artes, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial, para a obtenção do título de Licenciatura em Dança.

Orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Andrisa Kemel Zanella

Pelotas, 2018

Carolina Martins Portela

**Os caminhos formativos de uma artista-professora:  
a história de Janaína Jorge**

Trabalho de conclusão de curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Licenciatura em Dança, do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 14 de dezembro de 2018.

Banca examinadora:



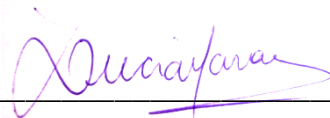
Prof.ª Dr.ª Andrisa Kemel Zanella (Orientadora)

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).



Prof.ª Dr.ª Eleonora Campos da Motta Santos (Avaliadora)

Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).



Prof.ª Dr.ª Lúcia Maria Vaz Peres (Avaliadora)

Doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Dedico este trabalho às minhas avós (in  
memoriam) Otília

Lemos Martins e Maria Conceição Calvete Portela,  
que por muitos anos exerceram a profissão de  
professoras.

À minha família, ao meu amor, aos meus amigos e  
a todos que me formaram como artista-professora,  
os quais foram grandes incentivadores e  
inspiradores ao longo de minha trajetória de vida.



## GRATIDÃO

Sou grata aos meus familiares por estarem me possibilitando a graduação em Dança-Licenciatura, a profissão que amo. Em especial aos meus pais e irmãos Carlos Heitor, Flávia Maria, Fernando e Marina, por entenderem minha ausência em muitos momentos durante esses quatro anos, pelo apoio e amor que existe entre nós, sem vocês esta conquista não seria possível.

Aos meus dindos Zaira e Alfredo e tia Anaelise, que mesmo longe sempre estavam em contato para o apoio dessa trajetória.

Aos meus sogros e cunhados, Giovani, Ana Lúcia, Giani e Roger, agradecimentos não são suficientes para o acolhimento recebido nesse percurso.

Aos amigos “Baixinho” e Rafael, pelas idas e vindas nessa estrada entre Bagé Pelotas.

Para meu companheiro de vida e de profissão, Renan, serei eternamente grata pelas nossas experiências, companheirismo e dedicação, pois é mais uma conquista de nossa trajetória, ainda temos muita arte para compartilhar e viver com muita sabedoria e amor.

Aos professores que me acompanham antes e durante o ingresso à Universidade, em especial Carminha, Josi, Jaci e Andrisa, pois ao ser bolsista dos projetos e orientada por vocês nessa caminhada, percebi que nossas relações ultrapassam as paredes da sala de aula. Foram conexões que levarei para minha atuação docente, como inspirações e motivações como artista-professora.

As professoras Eleonora e Lúcia, por estarem compartilhando comigo esse momento, avaliando e qualificando meu trabalho.

Aos amigos Tabla (Keity, Marina e Grégory), Lidiane, João, Cíntia, Flávio, Karen, Beliza, Sabrina, Ramon, Robson, Felipe, Dani e Mail. Por fortalecerem a Arte e pelos pensamentos positivos, pois tudo é possível basta segurar na mão e acreditar.

Ao Kako Xavier e a Tamborada, por me permitirem colocar o “pé no chão” e dançar a nossa cultura sul rio-grandense, fortalecendo a arte e por proporcionar trocas de energias em nossos encontros.

Aos projetos de pesquisa, ensino e extensão em que fui bolsista e voluntária, em especial CoCTec (Rosária e Carol) e Reverberações (Andrisa e colegas), por

permitirem o aprendizado e desenvolvimento de minhas questões instigadoras como artista-professora-pesquisadora.

A família de Janaína Jorge, tia Carminha, tia Cheila, Jaci e Jordana, as professoras Antônia, Malê, Carminha e Lu e ao amigo Thiago que com muito carinho abriram as portas de suas vidas para contribuírem com o meu trabalho.

Aos funcionários da Universidade federal de Pelotas, em especial Larissa, Ederson, Cátia, Sr. Cecí e Sr. Romeu, pelo apoio, disponibilidade e carinho de sempre.

E por fim com muita alegria, gratidão ao “Nordestiando”, bailarinos e bailarinas, responsáveis e equipe que ainda caminham comigo, acreditando em meus projetos e possibilitando a prática docente.

“Dance, dance, dance, se não estaremos perdidos (Pina Bausch)”.

Vamo time !!!!

*Ela teimou e enfrentou o mundo  
se rodopiando ao som dos bandolins*

(Oswaldo Montenegro, Bandolins)

## Resumo

PORTELA, Carolina Martins. **Os caminhos formativos de uma artista-professora:** A história de Janaína Jorge. 2018. 188 p. Trabalho de Conclusão de Dança (Graduação em Dança-Licenciatura) – Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2018.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi desenvolvido no Curso de Dança – Licenciatura e apresenta a temática a “Formação de uma professora antes, durante e depois da graduação em Dança Licenciatura”. A escolha da temática se deu pelo meu interesse em investigar os caminhos formativos de Janaína Jorge como artista-professora, a partir da vontade de aprofundar os estudos sobre o professor de dança e seus espaços formativos. A questão que motivou para realizar a pesquisa foi: “Como Janaína Jorge se constituiu artista-professora?”. Ao pesquisar sobre a História de Vida em formação de Janaína, entendo que estou olhando para possíveis caminhos de formação dos professores de dança no Brasil, pois são muitos professores que tem a formação semelhante com a de Janaína, inclusive a minha formação. A metodologia se caracteriza por uma pesquisa qualitativa, no campo das pesquisas (auto)biográficas. Busco por meio de narrativas, depoimentos e fotos abordar a História de vida de uma artista-professora. Como autores-guia principais trago: Josso (2004) e Abrahão (2004 e 2014) no que se refere aos estudos (auto)biográficos, Sanches (2010), Strazzacappa (2012), Falkembach (2011) e Marques (2011), em relação ao professor de dança e a ideia de artista-professora; e, Molina (2015), Hoffmann (2015) e Borba (2015) para problematiza os cursos de Dança Licenciatura. A partir da pesquisa realizada é possível perceber que Janaína Jorge constitui-se uma profissional que inicia sua formação em um espaço não formal, mas que pelo desejo de se qualificar e crescer ainda mais, busca o ensino formal, ampliando assim, seus espaços de atuação e inserção. É na conexão entre a artista e professora que faz história, deixando sua marca na vida de muitos grupos e pessoas. Além disso, pela escrita sobre os caminhos formativos na dança de Janaína, evidencia-se o quanto o curso superior em Dança-Licenciatura é fundamental na formação de novos profissionais e na consolidação da área da dança nos diferentes espaços de ensino.

Palavras-chave: Artista-Professora. História de Vida. Formação de professores. Dança-Licenciatura.

## RESUMEM

PORTELA, Carolina Martins. **Los caminhos de formação de uma artista-maestra:** La historia de Janaína Jorge. 2018. 188 p. Trabajo de Conclusión de Danza (Graduación en Danza-Licenciatura) – Centro de Artes, Universidad Federal de Pelotas. Pelotas, 2018.

El presente trabajo de Conclusión de Curso fue desarrollado en el área de la Danza - Licenciatura y presenta la temática a "Formación de una profesora antes, durante y después de la graduación en Danza Licenciatura". La elección de la temática se dio por mi interés en investigar los caminos formativos de Janaína Jorge como artista-profesora, a partir de la voluntad de profundizar los estudios sobre el profesor de danza y sus espacios formativos. La cuestión que motivó para realizar la investigación fue: "Como Janaína Jorge se constituyó artista-profesora?". En la investigación sobre la historia de vida en formación de Janaína, entiendo que estoy mirando para un posible camino de la formación de los profesores de danza en Brasil, pues son muchos profesores que tienen la formación semejante con la de Janaína, incluso mi formación. La metodología se caracteriza por una investigación cualitativa, en el campo de las investigaciones (auto) biográficas. Busco por medio de narrativas, testimonios y fotos abordar la historia de vida de una artista-profesora. Como autores guía principales trago: Josso (2004) y Abraham (2004 y 2014) en lo que se refiere a los estudios (auto) biográficos, Sanches (2010), Strazzacappa (2012), Falkembach (2011) y Marques (2011), en con el profesor de danza y la idea de artista-profesora; y Molina (2015), Hoffmann (2015) y Borba (2015) para problematizar los cursos de Danza Licenciatura. A partir de la investigación realizada es posible percibir que Janaína Jorge se constituye una profesional que inicia su formación en un espacio no formal, pero que por el deseo de calificarse y crecer aún más, busca la enseñanza formal, ampliando así sus espacios de actuación y la inserción. Es en la conexión entre la artista y profesora que hace historia, dejando su marca en la vida de muchos grupos y personas. Además, por escrito sobre los caminos de la formación en danza de la Janaína, se evidencia cuánto el curso superior en Danza-Licenciatura es fundamental en la formación de nuevos profesionales y en la consolidación del área de la danza en los diferentes espacios de enseñanza.

Palavras-chave: Artista-profesor. historia de Vida. Formación de profesores. Danza-Grado.

### Lista de Imagens

Figura 1. Imagem dos integrantes da Companhia Mimese (2003) .....	51
Figura 2. Imagem do encontro com Antônio Caringi .....	60
Figura 3. Imagem do encontro com Maria Helena Oeshlaeger .....	60
Figura 4. Imagem do encontro com Carmen Hoffmann .....	60
Figura 5. Imagem Luciana Paludo .....	60
Figura 6. Imagem da inspiração da Compreensão Cênica .....	62
Figura 7. Imagem da escrita sobre os caminhos formativos na dança de Janaína Jorge .....	63

### **Lista de Tabelas**

Tabela 1. Estado da Arte 1 .....	20
Tabela 2. Estado da Arte 2 .....	21
Tabela 3. Curso de Dança (Licenciatura, Bacharelado e Tecnólogo) .....	46

## Sumário

<b>1 Introdução .....</b>	<b>122</b>
<b>2 A minha história ... caminhos que me levam a pesquisa .....</b>	<b>144</b>
<b>3 Estado da arte: conhecendo publicações da área da dança .....</b>	<b>20</b>
<b>4 Reflexões teóricas que embasam a pesquisa.....</b>	<b>34</b>
<b>4.1 A pesquisa (auto)biográfica: um campo de possibilidades na Educação</b>	<b>344</b>
<b>4.2 O professor de Dança .....</b>	<b>377</b>
<b>4.3 Artista-professor .....</b>	<b>41</b>
<b>4.4 Curso de Dança no Brasil.....</b>	<b>43</b>
<b>4.4.1 Curso de Dança – Panorama Geral .....</b>	<b>444</b>
<b>4.4.2 – Curso de Dança – UNICRUZ .....</b>	<b>499</b>
<b>4.4.3 – Curso de Dança Licenciatura – UFPel .....</b>	<b>533</b>
<b>5 Passos percorridos rumo ao objeto de estudo: metodologia pesquisada .</b>	<b>577</b>
<b>6 Análise .....</b>	<b>65</b>
<b>7 Como Janaína Jorge se constituiu artita-professora? Considerações finais .</b>	<b>69</b>
<b>Referências.....</b>	<b>71</b>
<b>Apêndices .....</b>	<b>75</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>183</b>



## 1. Introdução

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi desenvolvido na área da Dança, abrangendo o campo de história de vida, buscando refletir sobre a formação do professor de dança ao longo de sua trajetória.

Por diversos atravessamentos fui motivada a pesquisar sobre a **formação de uma professora antes, durante e depois da graduação de Licenciatura em Dança**.

Há dez anos já atuo na área da dança e, ao ingressar no curso de Dança Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), percebi um leque de possibilidades que podem ser abertos ao experimentar os variados espaços de atuação docente que podem qualificar minha formação como professora de Dança.

Durante minha trajetória, em determinado momento da graduação, participei de uma coreografia com a autoria de uma professora/artista: *Janaína Jorge*. A obra a qual me refiro estava embasada em movimentos de Danças Folclóricas. Logo fui procurar mais informações sobre essa personalidade, e me deparei com uma profissional graduada em Dança, o que me levou ao questionamento: **como Janaína Jorge se constituiu artista-professora?**

Diante disso, como objetivo geral, visei **desenvolver um estudo sobre os percursos formativos da artista-professora Janaína Jorge e, através deste, pretendi** com os objetivos específicos (na perspectiva teórica e metodológica): **a) conhecer a história de Janaína Jorge; b) investigar o processo formativo da artista-professora da dança; c) visibilizar as contribuições de Janaína Jorge na área da dança; d) dialogar sobre a formação do profissional da dança e, e) apontar a importância dos cursos de graduação na minha formação e na de Janaína.**

Ao olhar para a história de Janaína Jorge, estou olhando para todo um caminho de como pode estar se formando os professores de Dança no Brasil, pois são muitos os que têm formação semelhante à de Janaína, inclusive a minha formação. São muitos os acadêmicos que, ao chegarem no Curso de Dança Licenciatura, já têm uma trajetória em dança que antecede ao ingresso na Universidade.

Este estudo busca dar visibilidade à formação desse professor de Dança, qualificando a área e, ao mesmo tempo, mostrando que os cursos de Dança têm relevância no Brasil. Para tanto, há necessidade de um aporte maior de investimentos na área, mostrando o quanto os cursos estão fazendo a diferença na formação dos profissionais em dança com atuação no espaço formal e não formal.

Os elementos que compõe este trabalho dividem-se em: **Introdução** - a qual contextualiza sobre as motivações que me levam a discursar sobre a temática já apresentada; **A minha história... caminhos que me levam a pesquisa** - neste momento trago a minha trajetória de vida e o início da carreira docente em dança; **Estado da Arte: conhecendo publicações da área da dança** - trago um panorama de obras consultadas acerca das palavras-chaves que norteiam esta pesquisa; **Reflexões teóricas que embasam a pesquisa** - Este capítulo traz o referencial teórico que alicerça o presente estudo. Divide-se em três subcapítulos que são: **A pesquisa (auto)biográfica: um campo de possibilidades na Educação; O professor de Dança; Artista-professor e Curso de Dança no Brasil** que por sua vez divide-se em três seções: **Curso de Dança - Panorama Geral, Curso de Dança - UNICRUZ e Curso de Dança - UFPel; Passos percorridos rumo ao objeto de estudo: metodologia pesquisada** - para este momento foi traçado todo trajeto metodológico que a pesquisa se desenvolveu; **Análise** – este capítulo aborda a análise das narrativas, depoimentos e o referencial teórico; e **Como Janaína se constituiu artista-professora? Considerações Finais** – para este momento trago reflexões sobre a trajetória da artista-professora Janaína Jorge na área da dança.

## **2. A minha história ... caminhos que me levam a pesquisa**

Começo minha história relatando que desde pequena digo que fui no casamento dos meus pais, pois minha mãe descobriu que estava grávida às vésperas do casamento e de sua formatura no Curso Normal – no meio de todos estes compromissos lá estava eu, já na barriga da minha mãe.

Nasci na cidade de Bagé, no dia 11 do mês de agosto do ano 1985, coincidentemente no segundo domingo do mês, quando é comemorado o Dia dos Pais. Lembro-me, quando pequena, de cantar e dançar sobre os pés do meu pai na “sala da frente”, também chamada de “sala das visitas”, ao som de fitas que ele gravava do rádio.

Nessa mesma época, com as fitas ou os discos de vinil, escutava músicas que acabariam por marcar minha infância. Durante o dia, ficava com minha mãe, ela na cozinha, fazendo nosso almoço, enquanto que eu, na sala ao lado, a “sala da frente”, ficava escutando meus discos (Xuxa, Trem da Alegria e a coleção de histórias do Silvio Santos). Momentos em que ficava dançando na frente de uma cristaleira, onde eu a via, através do reflexo do vidro, na beira do balcão da cozinha. Nessa mesma sala havia uma escada em curva, que na dobrada tinha um degrau mais largo, no formato de um quadrado – ali foi o meu primeiro palco.

Comecei a frequentar a escola desde pequena, pois minha mãe tinha uma amiga que era proprietária de uma Escola de Educação Infantil. Lá fiquei por dois anos, cursando os primeiros prês. Em seguida mudei de escola passando por mais um pré e, depois, a primeira série (hoje primeiro ano do Ensino Fundamental).

Estudei na Escola Estadual de 1º e 2º Grau Justino Costa Quintana, todo o Ensino Fundamental. Foi lá que conheci uma professora que marcou minha vida: a

tia Antônio, ela era dedicada e carinhosa mas, às vezes, quando necessário, nos dava um puxão de orelha.

Na maioria das vezes era meu pai que me levava e me buscava na escola, ocasião em que conversávamos sobre muitas coisas. Era nesse percurso que ele me pedia que, quando fosse me buscar, não era para eu estar em cima dos muros, nem nos mastros das bandeiras da frente da escola e, muito menos, brincando com os “guris”. Hoje ao olhar para as crianças na escola não vejo distinção de gênero, são crianças como as daquela época, com a mesma vontade de brincar e subir nos mastros das bandeiras da escola.

Aos nove anos entrei para o balé clássico, realizando o tão esperado sonho de dançar em um palco de verdade. Comecei as aulas no início do ano e, entre as aulas e os ensaios para os festivais, me via realizada por estar fazendo o que mais gostava. Pelo motivo de só querer dançar acabei repetindo a quinta série e, como castigo, fui afastada das aulas de dança.

Ainda na infância lembro-me de dançar o ritmo Lambada com a minha prima nos aniversários que frequentávamos. Ela era o meu par e, por ser mais velha, fazia a parte do homem e eu da mulher. Em casa copiava os passos da televisão e quando tocava a música sentia uma felicidade e uma vontade de dançar.

Na adolescência experimentei os palcos de outra maneira, arrisquei fazer aulas em um grupo de teatro da escola, em um projeto do professor Tadeu. Mas pelo mesmo motivo de somente me envolver nas atividades de dança, deixando as aulas da escola de lado, as notas foram caindo e os meus pais resolveram me afastar das aulas de teatro também. Foi nestas aulas de teatro que conheci o que vinha a ser a caixa preta, as coxias e os camarins, com estes nomes específicos.

Conclui o ensino fundamental na mesma escola que iniciei e, por este motivo, alguns colegas e professores se tornaram amigos. Já no ensino médio foi um pouco mais complicado, não sendo possível me formar nos três anos previstos, pois necessitei trabalhar no turno da tarde, deixando os estudos para o turno da manhã. Passados alguns meses fui convidada a trabalhar nos dois turnos diários, o que me obrigou a trocar os estudos para o turno da noite. Mas como a escola que tinha vaga no noturno era muito distante, seu acesso ficou mais difícil.

Por vontade de aprender em outras áreas, passados quatro anos do meu primeiro emprego, resolvi experimentar trabalhar em outro lugar. Nesse meio tempo de todos os empregos pelos quais passei, a frequência escolar ficava cada vez mais

difícil, uma vez que não era a minha prioridade. Então, em paralelo, iniciei aulas de Dança do Ventre, motivada que fui ao assistir uma apresentação de uma antiga amiga do tempo em que fiz balé. Achei muito interessante a apresentação do grupo em que ela estava participando e logo fui pedir mais informações. Na semana seguinte comecei, em outubro de 2006, as aulas da turma iniciante e, em seguida, já entrando nos ensaios do festival do final daquele ano, que seria no mês de dezembro, graças a atenção da professora que conseguiu um lugar para eu participar na coreografia.

Ao iniciar o ano de 2007, organizei as minhas finanças, pois ainda ajudava em algumas necessidades da casa dos meus pais. Por ter dois irmãos menores acabava comprando algumas coisas para casa e para eles. Mas me sentia muito feliz, trabalhava, dançava, namorava, mas... os estudos ainda estavam pendentes.

No ano de 2008 resolvi parar de trabalhar e iniciei um cursinho para estudar e concluir o ensino médio. Porém a dança continuava, passei para a turma avançada, sem passar pela turma intermediária. Mas a dedicação neste momento era a dança do ventre e os estudos para passar nas “provas da DE”, provas antecessoras ao ENEM. Chegando o final do ano realizei as provas passando em todas as disciplinas.

No ano seguinte, em 2009, voltei a trabalhar e prestei o vestibular em uma Universidade a distância no Curso de Administração, conclui o segundo semestre e não continuei, pois não fui disciplinada nos estudos, uma vez que o trabalho e a dança naquele momento eram mais importantes.

Logo meu pai me fez um convite para abrimos uma papelaria e, ao mesmo tempo, fui convidada a iniciar monitorias nas aulas das crianças da dança do ventre. Foi um momento em que tentava conciliar o negócio do meu pai e o início da minha docência em dança. O que não deu muito certo, pois voltei a me dedicar às aulas deixando um pouco de lado a minha responsabilidade no negócio.

Iniciei outro Curso superior em Recursos Humanos, concluindo também o segundo semestre e não dando continuidade. Mas estava conseguindo conciliar o trabalho e as aulas, o que possibilitou, naquele momento, uma aproximação maior com a família, aspecto que foi muito importante, pois foi um período de grande convívio.

Assim, dei início a uma nova etapa de minha vida: a separação do negócio com o meu pai e o começo de um investimento profissional na parte comercial. Fui

novamente para outro emprego. Minha prima Aline convidou-me para trabalhar na Clínica de Odontologia que estava inaugurando, onde eu e a Tati (colega de trabalho), inicialmente recepcionávamos e visitávamos escolas fazendo parcerias e convênios para a abertura da clínica. Sendo um retorno às escolas de uma maneira diferente, podendo ser um início do despertar para a docência no espaço formal de ensino, pois ao comunicar sobre nossos serviços na frente da classe, estava encantada com as crianças que, quando perguntávamos se tinham interesse de nos visitar, às vezes elas interagiam positivamente ou, em forma de perguntas.

Paralelo ao trabalho diurno mencionado anteriormente, estava ministrando aulas de dança do ventre e iniciando nas aulas de danças de salão, em uma academia no espaço não formal de ensino, onde fui convidada a fazer parte do corpo docente. Como minha jornada envolvia os três turnos e, como sempre, muito atarefada, porém muito feliz, meu corpo pediu socorro, foi quando adoeci e passei por uma cirurgia em consequência de uma gravidez tubária e perdi um bebê. Neste momento fiquei em repouso um mês sob os cuidados da minha família, amigos e do Renan (na época já meu namorado). Foi quando parei e refleti sobre o que realmente importava na minha vida, o que estava fazendo que me deixava feliz, então tomei uma decisão: investir na dança, nas parcerias, nos verdadeiros amigos e na minha família.

No ano seguinte, em 2014, montei um grupo de dança do ventre na mesma academia que ministrava aulas, onde até hoje as minhas alunas relatam que foi um dos momentos mais importantes para elas. Comecei a investir em cursos na área de danças de salão e iniciei uma pequena trajetória nas danças tradicionais gaúchas. Nesse mesmo ano, juntamente com o Renan, realizei as provas do ENEM, para observar colocação na lista e cursar Dança Licenciatura na Universidade Federal de Pelotas, sendo que, para nossa surpresa passamos na segunda chamada e ingressamos com acadêmicos no ano de 2015.

Então começamos uma nova etapa em nossas vidas, deixando a família, os amigos e os empregos em Bagé. Saímos da zona de conforto e, desta vez, juntos, iniciamos uma trajetória de vida acadêmica, profissional e de relacionamento, mudando de cidade, de casa, de rotina e, principalmente, de condições financeiras. Pelotas me apresentou muitas possibilidades. Quando eu refleti sobre a minha felicidade não imaginava que estava tão pertinho e tão longe ao mesmo tempo, pois a saudade de todos é grande.

Ao ingressar na Universidade, no ano de 2015, me aproximei, no segundo semestre, como voluntária do Grupo de Pesquisa Observatório de Memória, Educação, Gesto e Arte (OMEGA), do Centro de Artes, da UFPel. Já no primeiro semestre do ano de 2016 tornei-me bolsista do Projeto e Ensino Valise Cultural, onde iniciei a confecção de material didático para as escolas de ensino básico a partir de diversos gêneros de dança; no primeiro semestre de 2017 fui bolsista do Projeto de Pesquisa Ensino Contemporâneo de Dança na Educação Básica: Pedagogias Possíveis, no qual fui instigada a pesquisar sobre metodologias e processos de criações para a inclusão de todos os alunos; no segundo semestre do mesmo ano participei da seleção de bolsista do Projeto de Extensão Danças Folclóricas para a Comunidade, onde o foco era o público infantil, passei na etapa de seleção e fiquei como bolsista por três meses. Hoje o projeto está encerrado, mas expandimos por mais um período, onde os participantes e convidados compõem a equipe da Montagem de Espetáculo, disciplina do Curso de Dança Licenciatura ofertada no sétimo semestre e, atualmente, fazendo parte do Projeto de Extensão COREOLAB (Laboratório Coreográfico), atendendo quatorze crianças dos seis aos dozes anos.

Junto a aproximação do Grupo de Pesquisa, participei de uma aula aberta da Abambaé Companhia de Danças Brasileiras, tornando-me parte do grupo como bailarina até o início do ano de 2017, dando início a prática das danças folclóricas e populares do nosso país. No meio dessas danças tinha uma que mais me chamava atenção, o Samba de Roda, por ser alegre, contagiante e onde todos bailarinos dançavam, o figurino era colorido e estampado, encantando a todos quando dançávamos. Por curiosidade perguntei quem havia coreografado, alguém do grupo me respondeu que foi a Jana, por não saber quem era, perguntei novamente ouvindo o nome de Janaína Jorge. Então, foi assim que aconteceu a minha primeira aproximação com a coreógrafa, através dessa dança.

Frequentando vários espaços de Dança, sempre escutei falar de uma professora que coreografou para muitos desses locais na cidade e região: seu nome era Janaína Jorge. Daí que, por interesse sobre seu processo de criação, fui em busca de informações nas redes sociais e diálogo com colegas sobre esse contato com a coreógrafa, a qual não mantinha um trabalho centrado em uma localidade. Por esse motivo não encontrei materiais suficientes que sanassem minha curiosidade, logo descobri que alguns desses elementos estavam mais próximos do

que imaginava, pois naquele momento integrava como bailarina, a companhia a qual Janaina foi uma das fundadoras: Abambaé Companhia de Danças Brasileiras.

Por ser uma pessoa apaixonada pela Dança desde a infância, onde fiz várias vezes de palco os lances de escada da casa da minha mãe, a cristaleira de espelho e a avó de público, encantada pelo universo infantil, talvez ainda não tivesse percebido, mas já havia decidido ser uma artista.

Não contente com as abordagens de ensino e por curiosidade de conhecer essa arte, vim morar em outra cidade, deixando aqueles degraus da escada na casa da mãe em busca do aprendizado das diferentes maneiras de seguir guiando outros corpos, através da pesquisa em Dança. Por esse motivo a aproximação com o tema desta pesquisa, pois quando cheguei em Pelotas, nos grupos que eu me inseri, percebi que muitas pessoas faziam referência à Janaína Jorge. Questionando-me, quem foi Janaína Jorge? Então compreendi que ela, mesmo jovem, trilhou um caminho na dança que reverberou na vida de diversas outras pessoas. Isto gerou em mim uma curiosidade em pesquisar a sua história, uma vez que, como acadêmica do Curso da Dança, ao longo de minha história de vida, muitas foram as professoras que marcaram e me instigaram a chegar onde estou hoje.

Por não encontrar materiais especificamente sobre ela, decidi iniciar uma pesquisa que trouxesse informações para a escrita do meu Trabalho de Conclusão de Curso, contribuindo com o universo acadêmico sobre a formação do profissional em dança.

Convido a todos para participar desse momento importante na minha formação docente onde, mais uma vez, encerro um ciclo dando início a outro, ainda com o intuito de seguir em dupla jornada, seguindo os estudos e ministrando aulas de dança, seja no espaço formal ou não formal de ensino.

Desta forma registro o percurso formativo na dança de Janaína Jorge, para que outras pessoas acessem e conheçam os contextos em que essa artista-professora passou, assim contribuindo para a área da arte-educação, passando por diferentes lugares e momentos.



### 3. Estado da arte: conhecendo publicações da área da dança

Baseada no tema do presente trabalho, realizei uma pesquisa entre os meses de junho e julho de 2018, sobre o Estado da Arte, no Catálogo de Dissertações e Teses da CAPES, *Google Acadêmico* e *Blog do Curso de Dança Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas*.

As palavras-chave que nortearam a pesquisa no primeiro momento foram: “história de vida na dança”; “trajetória e dança”; “memória e dança”; “biografia e dança”; “formação de professores de dança”; “formação de professores e dança”; “a dança no espaço formal”; “a dança no espaço não formal”; e, “Curso de Dança Licenciatura”. Foi preciso utilizar o filtro aspas, pois ao rastrear as palavras sem filtros cheguei a um número muito abrangente.

**Tabela 1** - Estado da Arte 1

<b>Plataformas de pesquisas / Palavras-chave</b>	<b>Catálogo de dissertações e teses da CAPES</b>	<b>Google Acadêmico</b>	<b>Blog do Curso de Dança Licenciatura da UFPeI</b>
“história de vida na dança”	00	04	00
“trajetória e dança”	00	00	00
“memória e dança”	04	23	00
“biografia e dança”	00	00	00
“formação de professores de dança”	04	90	00
“formação de professores e dança”	00	70	00
“a dança no espaço formal”	00	02	00
“a dança no espaço não formal”	00	00	00
“Curso de Dança Licenciatura”	03	113	00

Fonte: a autora, 2018.

Quando foi acessado o ***Blog do Curso de Dança Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas***, a pesquisa se deu através da leitura dos resumos e das palavras-chave dos Trabalhos de Conclusão de Curso dos anos de 2012 a 2018. Consultados 26 TCCs, dois não estavam disponíveis e dois, ao acessar a plataforma, continham a palavra “erro”. Chegando a zero, o resultado em todas as palavras-chave, pois alguns trazem em suas temáticas memórias, trajetórias e formação de professores, de uma forma geral, quando o foco do meu estudo é específico na área da dança. Então irei dialogar com a autora Rebeca Pereira San Martín (2018), pois no seu Resumo anuncia o trabalho com Narrativa, sendo o instrumento de pesquisa que norteia o meu estudo.

Em um segundo momento constatei que, nos resultados, três palavras-chave tiveram números significativos, o que me fez utilizar um segundo filtro, buscando nos títulos a proximidade da temática do estudo. As palavras-chave que nortearam o segundo momento do Estado das Artes foram: “formação de professores de dança”, “formação de professores e dança” e “Curso de Dança Licenciatura”.

As plataformas de pesquisa acessadas foram o Catálogo de dissertações e teses da CAPES e o *Google Acadêmico* utilizando, ainda, as aspas e observando os títulos dos trabalhos encontrados, chegando ao seguinte resultado:

**Tabela 2** - Estado da Arte 2

<b>Plataformas de pesquisa / Palavras-chave</b>	<b>Catálogo de dissertações e teses da CAPES</b>	<b>Google Acadêmico</b>
“Formação de professores de dança”	Resultado = 04 (Será utilizado 01 trabalho)	Resultado = 95 (Serão utilizados 09 trabalhos)
“Formação de professores e dança”	Resultado = 04 (Igual a palavra-chave anterior)	Resultado = 01 (Será utilizado)
“Curso de Dança Licenciatura”	Resultado = 03 (Serão utilizados os 03 trabalhos)	Resultado = 119 (Serão utilizados 06 trabalho)

Fonte: a autora, 2018.

Ao consultar o **Catálogo de Dissertações e Teses da CAPES**, neste segundo momento, percebi que os resultados foram iguais do primeiro momento, 04 trabalhos com as palavras-chave “formação de professores de dança” e o mesmo

resultado para as palavras-chave “formação de professores e dança” onde, no primeiro momento da consulta, o resultado foi zero. Sendo alguns trabalhos com foco na formação de professores de modo geral e outros onde aparecia a palavra “dança” no meio de frase.

Lendo os títulos dos trabalhos percebi que um deles poderia dialogar com a minha pesquisa. Assim trago a seguir um dos trabalhos encontrados e uma breve contextualização da tese. O trabalho a ser destacado é a tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, da Universidade Federal da Bahia, intitulado **Experiência Artística no Ensino Superior em Dança para um currículo encarnado** (MOLINA, 2015). Este trabalho dialoga com esta pesquisa, em um de seus subcapítulos, “Dança, ensino e universidade”, trazendo um panorama histórico sobre a formação em dança no Brasil, desde o surgimento da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, no ano de 1956.

Para as palavras-chave “Curso de Dança Licenciatura” apareceram 03 trabalhos, onde será listado a seguir os seus objetivos de estudo, sendo utilizado na pesquisa por contextualizarem sobre os Cursos de Dança Licenciatura de outras cidades e estados:

**A trajetória do Curso de Dança da Unicruz (1998-2010)** (HOFFMANN, 2015), Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS, trazendo em seu objetivo a análise do percurso do Curso de Dança-Licenciatura Plena, da Universidade de Cruz Alta, apresentando seu histórico, pioneirismo, inserção e relevância para o nosso estado. Ao dialogar com este estudo saliento a importância do Curso de Dança da Unicruz, por ser o primeiro Curso de Dança do Estado do Rio Grande do Sul e, por esse local fazer parte da formação em Dança de Janaína Jorge.

**O projeto de formação de professores do Curso de Dança-Licenciatura da UFPel: uma trajetória em movimento** (BARBOZA, 2015), buscou, em sua pesquisa, compreender como se desenvolveu o projeto formação de professores do Curso de Dança-Licenciatura da UFPel, desde sua abertura, passando por três grandes propostas. O estudo também enfatiza a formação do professor de dança, assim como alguns desafios referentes à inserção da área na escola básica e no ensino superior. Ao trazer esse trabalho para dialogar com a minha pesquisa, estou evidenciando a formação do professor de Dança e a importância de sua passagem

pelo ensino superior e por ser um estudo realizado no Curso de Dança-Licenciatura da UFPel, onde sou acadêmica.

**Arte, Cultura e Educação e a formação do professor de Dança** (PIMENTA, 2016), este estudo tem como objetivo identificar alguns conceitos de Arte, Cultura e Educação, no currículo do curso de formação para docência em dança da Universidade Federal de Viçosa-Minas Gerais, problematizando, em um de seus capítulos, a Arte, principalmente a Dança, como área de conhecimento no meio educacional, assim dialogando com a minha pesquisa pela formação do professor de dança no seu antes, durante e depois do ingresso ao curso de Dança-Licenciatura e, também, trazendo a realidade de outro Estado para dialogar com as pesquisas citadas anteriormente, que trazem a visão de dois cursos de Dança-Licenciatura do Estado do Rio Grande do Sul.

Seguindo a consulta na plataforma de pesquisa **Google Acadêmico** com as palavras-chave “formação de professores de dança”, encontrei 95 trabalhos, dos quais irei utilizar 9 em minha pesquisa, entre eles 5 artigos e 4 dissertações. A seguir mostro seus objetivos de estudo:

**Formação superior em Dança no Brasil: panorama histórico-crítico da constituição de um campo de saber** (PEREIRA & SOUZA, 2014), o artigo apresenta um panorama histórico-crítico sobre a constituição da dança no ensino superior.

Os autores trazem, em seu texto, um panorama sobre os cursos superiores de Dança no país, levantando apontamentos relevantes, que serão aprofundados no próximo capítulo. Na formação superior em Dança no país, os Cursos de Dança oferecem a licenciatura e o bacharelado.

A partir do momento em que a legislação contempla e (re)qualifica a Dança no âmbito da educação básica (ensino fundamental e médio) é que se inicia um processo de instauração, de fato, de diferentes perfis de atuação cujas particularidades põem, de um lado, a licenciatura e, de outro, o bacharelado. Os possuidores do diploma de licenciado seriam os profissionais capacitados para o desenvolvimento do componente curricular *dança* na educação básica. Entretanto, ainda que a dança constitua um campo específico de atuação docente, ela se encontra vinculada a áreas que abrangem formas distintas de expressão artística/corporal (PEREIRA & SOUZA, 2014, p. 27).

Sobre os conteúdos de educação física os autores também ressaltam que a dança está classificada “[...] no grupo das práticas da cultura corporal de movimento

(jogos e brincadeiras, esporte, dança, ginástica e lutas), estabelecendo outra interface para a área” (2014, p. 27) Assim, entendo que o ensino superior em Educação Física também trabalha a dança em seus conteúdos, mas de outra forma, não sendo através da arte.

**A inserção da dança no contexto escolar: os caminhos da formação do professor de dança** (ANDRAD & GODOY, 2016), neste artigo as autoras apresentam a origem dos diversos tipos de formação dos professores de dança que atuam nas escolas; a inserção da dança no ambiente escolar e os diferentes espaços que constituem o professor de dança entre eles: as escolas técnicas, as escolas não formais e os cursos superiores de Dança.

Para dialogar com a formação de professores de dança, as autoras Andrad e Godoy (2016), observam “[...] que muitas vezes os saberes em dança começam a ser construídos desde as primeiras vivências em apreciação estética, assistindo a espetáculos e possivelmente, aprendemos os passos iniciais em uma academia de dança” (p. 768). Desta maneira a abordagem sobre a formação em dança, não se remete somente aos cursos superiores, “[...] mas também a um contexto sociocultural e da própria formação adquirida como ser humano” (p. 768).

No texto as autoras ainda trazem o histórico da organização dos cursos de Educação Artística (formação em Artes) na década de 1970:

Os cursos eram divididos em bacharelado e licenciatura, sendo que as licenciaturas teriam as modalidades curta e/ou plena. A licenciatura curta evidenciava a formação do professor de 1º grau, com estudos mínimos nas áreas de desenho, Artes Plásticas, Música e Artes Cênicas, e visava a uma abordagem integrada e polivalente nas diversas linguagens da Arte. (ANDRADE & GODOY, 2016, p. 772).

No período das décadas de 1970 e 1980 a formação do professor em Arte se dava como polivalente, onde abarcava diversas formações na área. “Se por um lado essa formação colocava mais profissionais no mercado, por outro estimulava uma formação superficial no intuito de habilitar os professores nas diversas áreas da Arte” (ADRADE & GODOY, 2016, p. 772).

Desse modo, as autoras também enfatizam no texto que a Dança na escola não tinha um campo próprio, encontrava-se em sua maior parte na Educação Física ou na Educação Artística como as Artes Cênicas junto com o Teatro.

Em meados da década de 1970 também surgem no país as escolas de dança de nível técnico, sendo a maioria de iniciativa privada. Onde atualmente, fazem parte do nível médio de ensino, “[...] esses cursos objetivam habilitar o aluno com conhecimentos teóricos e práticos como forma de obter um acesso imediato ao mercado de trabalho” (ANDRADE & GODOY, 2016, p. 776).

Paralelo ao surgimento dos cursos técnicos, ainda continuavam no mercado as escolas livres (sistema não formal), com o intuito do ensino do balé, “ligados às grandes escolas internacionais, como a Royal Academy of Dance (Inglaterra); os Métodos Cubano, Francês ou Cecchetti (italiano); Bournonville (Dinamarquês); Balanchine (americano); a instituição Russa Vaganova, entre outros” (ANDRADE & GODOY, 2016, p. 777), sendo que a preocupação destas escolas era formar profissionais que atuassem no contexto de sistema não formal.

Embora a formação do professor de Dança, para a escola de sistema formal, seja específica da Licenciatura em Dança, outras áreas ainda atuam a frente quando se trata de dança, deste modo:

[...] a formação dos professores de dança no Brasil não apresenta uma única forma e pode ser obtida de muitas maneiras, como explicitado: na educação informal, no ensino superior, em escolas ou academias credenciadas pelo MEC (cursos técnicos), em cursos livres (educação não formal) (ANDRADE & GODOY, 2016, p. 779).

O professor de dança que pretende refletir sobre sua prática necessita conhecer e aprofundar seus conhecimentos em relação ao corpo, à arte, e à própria dança para poder mediar as percepções corporais dos alunos. Dessa maneira, destacamos a importância das graduações em Dança para o aprimoramento desse profissional (ANDRADE & GODOY, 2016, p. 779).

Outra produção identificada foi **O processo de formação dos professores em dança de Florianópolis** (MONTE, 2003), dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina. A pesquisa investigou a formação dos professores de Dança de Florianópolis/SC. Assim, considero importante o diálogo entre as pesquisas, por ser em outra área, trazendo a realidade de outro estado e, por ter um olhar um pouco diferente, acrescentando informações pertinentes para o meu trabalho.

Para Monte (2003), a formação dos professores de dança na cidade de Florianópolis no estado de Santa Catarina, “[...] encontra-se em situação precária quando comparado ao panorama brasileiro” (p. 4), onde o autor destaca a ausência

de curso superior em Dança na cidade. Dessa forma o estudo divide-se em três etapas: a formação, enquanto bailarino; o rito-de-passagem; e, a formação enquanto professor. De tal sorte que para Monte:

As habilidades, conhecimentos e atitudes, necessárias à intervenção profissional dos professores de dança, podem ser adquiridas através da educação formal, não-formal ou mista (formal e não-formal) com a influência dos mecanismos de socialização. O processo de educação formal em dança no Brasil iniciou com a abertura da Faculdade de Dança na Universidade Federal da Bahia, na década de cinquenta. A partir deste marco inicial, surgiram de forma gradativa, cursos caracterizados como responsáveis pela preparação profissional de professores de dança em Instituições de Ensino Superior Brasileiras. Nos cursos universitários, observa-se a implementação de diferentes métodos, orientações conceituais, demonstrando a complexidade da formação de professores de dança no ensino superior (MONTE, 2003, p. 11).

O autor destaca, também, a formação do professor na educação não formal, como sendo complementar ao ensino superior (educação formal) pois, ao perceber as estruturas curriculares dos cursos de licenciatura em dança nesse período, constatou que geralmente eram oferecidos os gêneros Balé e Dança Moderna. Assim, o processo de educação não formal se dava através de professores que ministravam aulas e que possuíam grande experiência nos gêneros de dança. Desta forma, a formação complementar se dava através da prática vivenciada desses gêneros.

Sendo assim, para Monte:

[...] a formação profissional dos professores de dança no Brasil pode ser obtida a partir do ensino superior universitário; por academias credenciadas pelo Ministério da Educação para expedição de diplomas; ou ainda de forma prática, através de aulas em academias que oferecem os diversos estilos que compõem a dança (MONTE, 2003, p. 14).

**Trajetórias dançantes: influências construtivas do ser professor de dança** (JESUS, 2015), dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul na linha de Pesquisa Pessoa e Educação. A autora analisa em sua pesquisa a trajetória pessoal e profissional do professor de dança, pois o processo formativo deste profissional, segundo a autora, abrange diversos espaços entre eles: dançarino, bailarino, intérprete; acadêmico (dança ou educação física), e professor de dança (escolas de dança). Por esse motivo considero importante o diálogo com a minha pesquisa,

podendo trazer a importância da dança em diferentes espaços, inclusive por ser neles que me constitui e me constituo professora de dança e, também, por ser os espaços onde Janaína Jorge transitou.

Por outro lado, Jesus (2015), ressalta em um de seus capítulos a relação entre a Dança e a Educação Física:

Saliento que as pesquisas, cada uma de sua forma, revelam a importância do conteúdo dança no espaço acadêmico, para que seja explorado nas graduações de Educação Física e Dança, com o intuito de proporcionar vivências e experiências aos alunos com diversos objetivos, dentre eles: contemplar a dança com sua devida importância na escola básica, assim como outros campos de atuação profissional da área e proporcionar reflexões a respeito da prática docente. Destaco, ainda, que as pesquisas encontradas abordam, com maior ênfase, as contribuições do conteúdo em dança na formação do professor de Educação Física (JESUS, 2015, p. 28).

Reforçando a ideia mencionada anteriormente pelos autores Pereira e Souza (2014), onde encontramos no ambiente escolar a dança através de outras áreas, e aqui trazida pela autora, a de Educação Física, pois a partir de sua trajetória formativa Jesus (2015), assevera:

A opção pela Educação Física se deu exclusivamente relacionada à dança. Já trabalhava como professora de dança dois anos antes à entrada na graduação e percebi que gostaria de conhecer mais sobre o corpo em movimento e me sentir mais capaz para trabalhar com os alunos [...] (JESUS, 2015, p. 97).

A autora também menciona ainda em seu trabalho:

No mesmo ano em que iniciei a Educação Física, aconteceu a abertura do curso superior de Tecnologia em Dança na cidade de Canoas, porém, em uma faculdade particular, a qual eu não teria condições de cursar. A graduação em Dança situada na cidade de Montenegro também já se encontrava em funcionamento nesse ano, entretanto, pelos horários do curso, localização e gastos relacionados, também se tornou inviável naquele momento (JESUS, 2015, p. 98).

Desta forma Jesus desenvolve sua pesquisa com os seus sujeitos, contribuindo com a formação superior do professor de dança nas áreas: Dança (licenciatura, bacharelado e tecnólogo), e Educação Física (licenciatura e bacharelado), reforçando assim que ambas têm importância para a formação do profissional.



A autora destaca que:

As contribuições comuns de ambos os cursos na constituição docente das professoras investigadas se relacionaram: a abertura de novos olhares para a dança, para o corpo, para o movimento, para os alunos e para a docência. Na docência, tanto com relação a sua postura/responsabilidade, assim como na sua prática vinculada à organização de uma aula, formas de trabalhar melhor com o aluno e perceber a heterogeneidade que compõe uma sala de aula, trazendo mais tranquilidade e segurança para o professor. Conhecimentos teóricos foram adquiridos com relação às disciplinas de cada curso que puderam ser evidenciados no Fazer docente das entrevistadas, assim como proporcionaram a reflexão sobre esse mesmo Fazer ao longo do curso. Todavia, além da formação profissional, o curso acadêmico teve influência na formação pessoal das entrevistadas. O conhecimento não se cessa, narrado pelas professoras, há constante busca por saberes implicados na profissão. (JESUS, 2015, p. 123)

**Formação em Dança pra quê? Nossa experiência na UFGRS (VARGAS, 2011).** Neste artigo a autora disserta sobre a formação de professores de Dança nos cursos de licenciatura, partindo da Lei nº 9.394/96 e dos Parâmetros Curriculares Nacionais PCNs, onde o ensino da Arte se constitui componente curricular obrigatório e se consolida como parte constitutiva dos currículos escolares requerendo a capacitação de professores. Assim, a autora também contribui com um panorama do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, dialogando com os outros autores citados anteriormente e colaborando com a realidade do ensino superior no nosso Estado.

Por outro lado, Vargas (2011), em seu artigo traz a importância da Lei 9.394/96 onde a Arte é considerada obrigatória na Educação Básica, salientando a necessidade da formação do professor de dança.

A autora observa que:

[...] de acordo com os Parâmetros Curriculares nacionais PCN's a Arte é área de conhecimento com conteúdos específicos e deve ser consolidada como parte constitutiva dos currículos escolares requerendo a capacitação de professores. A dança como atividade multidisciplinar introduz e integra o indivíduo na cultura corporal e artística do movimento, assim, os profissionais formados em curso superior de Dança serão instrumentalizados no sentido de conceber o ser humano em todas as suas dimensões: cognitiva – corporal – afetiva – ética – estética de relação intra e interpessoal e de inserção social (VARGAS, 2011, p. 69).

A mesma autora expressa no seu trabalho que sua vontade é de contribuir para “[...] o entendimento dos diferentes aspectos que envolvem a dança” (VARGAS,

2011, p. 70), e, desta forma questiona ao longo do texto a atuação do profissional que atua na área. “Não podemos reduzir a dança à simples atividade artística, física ou de cultura de movimento” (VARGAS, 2011, p. 70).

E complementa:

Quando escutamos afirmações como: “dança é arte” sim sem dúvida é, mas não podemos dissociar a dança da “atividade física” pela utilização do movimento corporal como base. Dizer que “dança é religião” é correto, pois em suas raízes estava profundamente relacionada aos cultos e ritos que até hoje perduram em algumas religiões. Afirmar que “dança é cultura popular” é inegável pela tradição, gosto e identidade de cada comunidade. Tratar a dança como forma de “expressão e comunicação” é uma das suas principais características. Utilizar a dança como forma de “recreação” pelo jogo com o ritmo e com o movimento corporal é uma das suas possibilidades mais usadas. Considerar dança como “terapia” também é possível, por que podemos alcançar alguns objetivos através do trabalho criativo e de representação corporal (VARGAS, 2011, p. 70-71).

De certo modo a autora dialoga com Strazzacappa (2012), quando disserta sobre a dança e as diversas formas que nos manifestamos e nos expressamos corporalmente.

Para contextualizar sobre o perfil do egresso do Curso de Dança Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, Vargas destaca:

O Curso de Licenciatura que propomos na UFRGS visa formar profissionais na área de dança, ressignificando conceitos e práticas, relações educativas, culturais e artísticas, valorizando a arte da dança no contexto do espetáculo, da educação formal e não formal, preparando os profissionais que atuarão nas práticas artísticas em suas diferentes manifestações, promovendo reflexões críticas sobre diferentes técnicas, culturas, poéticas e paradigmas constituídos na área da dança. Pretendemos qualificar profissionais, aprofundando conhecimentos teórico-práticos, proporcionando um espaço de formação, reflexão, produção artística e bibliográfica, e socialização das discussões em relação à arte da dança (VARGAS, 2011, p. 74).

**A profissionalização do docente de Arte em Dança na contemporaneidade** (ARAÚJO, 2011). Este artigo tem o objetivo de refletir sobre a formação continuada em dança do professor de Arte, visando difusão e apropriação desta linguagem. Trazendo um panorama dos professores que atuam no ensino Público de São Paulo, o estudo valoriza a importância do professor de Arte a vivenciar o processo de ensino-aprendizagem da dança.

Araújo (2011), demonstra um panorama sobre discussões da dança na escola, a partir dos seguintes questionamentos:

Os professores de arte que atuam no ensino público de São Paulo conhecem a linguagem da dança? Esta linguagem fez parte de sua formação? A dança é reconhecida como possibilidade de um processo de desenvolvimento do potencial criativo de criança? Como o professor pode proporcionar práticas corporais que viabilizem aos alunos acesso e apropriação da linguagem da dança, como expressão e processo da criatividade, sem possuir formação para tal? (ARAÚJO, 2011, p. 101).

A autora desenvolve seu estudo através de um levantamento bibliográfico motivado por três eixos: educação artística, formação continuada do professor de Arte e de Dança. Deste modo, foram consultadas as Leis de Diretrizes e Bases (LDB 9.394/96) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), para que fosse necessário um embasamento nos documentos legais e oficiais.

ARAÚJO considera que:

[...] o professor não precisa ser um bailarino ou passar por treinamentos e técnicas da dança, mas precisa vivenciar essa linguagem, entender o quão importante é essa expressão externa de energia vital interna, podendo desenvolver, estimular e investigar o potencial criativo da criança por meio da dança (ARAÚJO, 2011, p. 107).

E complementa:

A dança no Brasil busca ser conhecida e reconhecida como área de conhecimento. Mas essa linguagem caminha a passos largos, inclusive com a criação da Associação de Pesquisadores em Dança - ANDA. Esse quadro, porém, tende a se modificar nos próximos anos em virtude da atual existência no Brasil de trinta cursos superiores de dança e mais uma dezena de cursos de nível de pós-graduação, entre especialização, mestrado e doutorado. Publicações sobre dança começam a ganhar corpo e divulgação.

É imprescindível que o professor de arte possua sensibilidade e conhecimento para detectar possibilidades de construção de conhecimento através da arte da dança: conhecer e transformar, tê-la como processo exploratório e estimulativo de criação em arte, do fazer artístico (ARAÚJO, 2011, p. 107-108).

**Perfil de atuação do egresso da Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Alagoas–UFAL** (SANTOS, 2016). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Dança, Escola de Dança, da Universidade Federal da Bahia. A pesquisa teve como objetivo entender, a partir da implementação do Ensino Superior em Dança em Alagoas, quais são os campos de inserção dos egressos de Dança, e de que maneira o licenciado em Dança passa a atuar no âmbito do ensino não-formal e formal naquele Estado. Além disso o autor traz, em

um de seus capítulos, a expansão do ensino superior em Dança, a partir dos anos 2000, dialogando com os autores citados anteriormente e que já ressaltaram a importância desse período para o surgimento do Ensino Superior em Dança no Brasil, bem como nessa pesquisa um panorama no estado de Alagoas.

Em sua dissertação dedica um capítulo ao campo de atuação dos Egressos da Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Alagoas, suas atuações no âmbito do ensino formal e não formal no Estado. É possível observar, por mais que essa pesquisa não tenha sido feita no Rio Grande do Sul, que o perfil de atuação dos egressos são semelhantes.

O Curso de Licenciatura em Dança da UFAL, “[...] tem o compromisso de promover uma formação com qualidade de seus licenciados. Um dos focos de atuação do egresso está voltado para a Educação Básica [...]” (SANTOS, 2016, p. 78). É notável que o espaço não formal representa, atualmente, uma grande parte do mercado de atuação para os egressos. Essa realidade é similar com a do nosso estado, pois a lei mencionada neste capítulo está em fase de implementação, sendo assim os recém formados procuram as academias, centros comunitários, aulas particulares, entre outros para atuação.

**(Im) pertinências Curriculares nas Licenciaturas em dança no Brasil** (MOLINA, 2008). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia. Nessa pesquisa sobre as graduações em Dança no ensino superior brasileiro o autor traz outros subcapítulos que abrangem: Dança na Educação Básica; Breve mapeamento das graduações em Dança na Universidade; e, Sobre as diretrizes Curriculares para os Cursos de Dança. Assim acredito que esse trabalho é relevante para dialogar com outros autores já citados e por ser de outro Estado, mostrando uma realidade um pouco diferente e, assim, colaborando com os conteúdos pesquisados.

**Bacharelado e/ou licenciatura: quais são as opções do artista da dança no Brasil?** (WOSNIAK, 2010). Neste artigo a autora ressalta a diferença entre os Cursos de Dança – Bacharelado e Licenciatura –, de maneira sucinta, onde o leitor consegue identificar a diferença entre as duas modalidades oferecidas no Ensino Superior em Dança por algumas Universidades. Dessa forma, acredito que a autora contribui, também, dialogando com outros autores, trazendo sua visão sobre: Legislação; Ensino Superior em Dança; As Diretrizes Curriculares Nacionais; entre outros assuntos relevantes para a área da dança.

Ainda na mesma plataforma pesquisei as palavras-chaves “formação de professores e dança” e, para minha surpresa, o resultado foi apenas de 1 trabalho encontrado, já selecionado quando acessado na outra plataforma.

Para a palavra-chave “Curso de Dança Licenciatura”, apareceu um número abrangente de 119 trabalhos, o que me obrigou a um recorte. Então busquei trabalhos que dialogassem em seus títulos com a temática do meu estudo, chegando a 6 trabalhos onde, 4 deles já haviam sido selecionados para dialogar com a minha pesquisa quando de pesquisa na plataforma anterior. Assim, fiquei com apenas 2 trabalhos do mesmo autor, sendo um deles um artigo e outro uma dissertação. A seguir trago os títulos e um pouco do que o autor pesquisa sobre o assunto.

**Entre a Arte e Docência: Um estudo sobre o perfil de Egresso dos Cursos de Graduação em Dança no Sul do Brasil** (SOUZA; PEREIRA & ICLE, 2015). Este artigo tem como objetivo analisar o perfil do egresso dos cursos universitários de graduação em Dança no Estado do Rio Grande do Sul. Seus autores ressaltam as Universidades desse Estado que ofertam o Curso Superior em Dança (bacharelado e licenciatura), destacando entre elas: Universidade Estadual do Rio Grande do Sul-UERGS, Universidade Luterana do Brasil-ULBRA, Universidade Federal de Pelotas-UFPel, Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS e Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, dialogando com outros autores e complementando a pesquisa.

**Arte e docência em discurso: um estudo sobre os projetos políticos pedagógicos dos Cursos Superiores de Dança no Rio Grande do Sul** (SOUZA, 2013). Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Educação e Artes, da Universidade Federal de Santa Maria. A pesquisa traz em seus capítulos detalhes sobre as Universidades do Estado do Rio Grande do Sul que têm Curso de Licenciatura e Bacharelado em Dança, dialogando com a minha pesquisa por se tratar de um estudo nesse Estado, bem como a formação da Janaína Jorge ser também no Rio Grande do Sul.

Com um número bastante significativo de trabalhos escritos na área da dança, principalmente para as palavras - chave “formação de professores de dança” e “curso de dança licenciatura”, utilizo 20 trabalhos que dialogam com a minha

pesquisa, partilhando os momentos históricos e formativos de cada cidade e estado, potencializado a importância da formação em dança.

A partir desse referencial teórico pude perceber que existem duas grandes vertentes para formação/atuação, do professor de Dança, que são o espaço formal e não formal. Sendo o espaço formal as escolas de ensino básico, ensino técnico e ensino superior nas áreas de Dança e Educação Física (Licenciatura ou Bacharelado). O espaço não formal é constituído pelas academias, clubes, centro comunitários, grupos de dança, entre outros. Assim neste capítulo, busquei enfatizar os trabalhos que foram basilares para a reflexão e problematização de minha pesquisa, levando-me a perceber elementos fundantes da minha trajetória formativa e da trajetória de minha protagonista Janaína Jorge.

#### 4. Reflexões teóricas que embasam a pesquisa

Este capítulo traz o referencial teórico que alicerça o presente estudo. Divide-se em três subcapítulos que são: *A pesquisa (auto)biográfica: um campo de possibilidades na Educação*; *O professor de Dança*; *Artista-professor e Curso de Dança no Brasil* que, por sua vez, divide-se em três seções: *Curso de Dança - Panorama Geral*, *Curso de Dança - UNICRUZ* e *Curso de Dança - UFPel*.

##### 4.1 A pesquisa (auto)biográfica: um campo de possibilidades na Educação

Iniciando as reflexões teóricas deste capítulo faço uma breve discussão sobre a importância da pesquisa (auto)biográfica, através do campo das Histórias de Vida. Como alicerce do referencial teórico Josso (2004), Abrahão (2004 e 2014), Sanches (2010), que contextualizam sobre: (auto) biografia, História de Vida em formação, narrativa e memória, dialogando com outros autores.

A escolha pela pesquisa (auto)biográfica se dá pelo interesse em pesquisar a história de vida de uma artista-professora, através da narrativa de professoras e depoimentos de pessoas que foram relevantes nessa trajetória. Invisto em um processo de biografização para tentar apreender nuances da vida de Janaína Jorge.

Cabe ressaltar que as pesquisas (auto)biográficas em Educação situam-se no âmbito das pesquisas qualitativas e, segundo Passegi e Souza:

[...] tem procurado superar o dilema que lhe é imposto: ou acomodar-se aos padrões existentes do conhecimento dito científico ou, ciente da especificidade epistemológica do conhecimento que ela produz, contribuir para a construção de novas formas de se conceber a pessoa humana e os meios de pesquisa sobre ela e com ela (PASSEGI e SOUZA, 2017, p. 9).

Assim, esse campo de pesquisa vem para reconhecer o ser humano e os saberes que ele vai construindo no decorrer de seu processo formativo, democratizando as instâncias que legitimam a construção do conhecimento. Tal

direcionamento permite refletir sobre aprendizagens construídas ao longo de um percurso de vida, visibilizando modos de ser, estar, fazer e aprender.

O estudo que realizei se deu por meio da narrativa, buscando olhar para o individual, compreendendo-o no social. Ou seja, abarco a dimensão singular-plural do sujeito. Este é um conceito problematizado por Josso (2009), que sinaliza a conexão entre um coletivo em que estamos imersos e uma perspectiva singular que abarca nossas aspirações, sonhos e desejos individuais.

Sendo assim, ao pesquisar sobre a história de vida de uma pessoa, podemos compreender seu universo pessoal mas, e também, seu contexto e as relações que a rodeiam. Para Abrahão (2004, p. 207), “O método (auto)biográfico, [...] se constitui, dentre outros elementos, pelo uso de narrativas produzidas por solicitação de um pesquisador, [...] com a intencionalidade de construir uma memória pessoal ou coletiva, procedente no tempo histórico”.

Para dar os primeiros passos na pesquisa, era necessário que essa investigação fizesse sentido para mim, na dimensão formativa, e para as pessoas que foram envolvidas na história de Janaína Jorge. Esta foi uma preocupação ao me lançar a nessa investigação. Produzir um conhecimento com sentido para quem narra em primeiro lugar. Josso (2004, p. 25), ressalta que “[...] a originalidade da metodologia de pesquisa-formação em Histórias de Vida situa-se, em primeiro lugar, em nossa constante preocupação com que os autores de narrativas consigam atingir uma produção de conhecimentos que tenham sentido para eles”. Dessa forma, a autora reforça a ideia que a produção de conhecimento tem que ter sentido para os envolvidos, assim legitimando os relatos dos autores das narrativas. Para Sanches (2010, p. 113) a “[...] narração é o trabalho da tomada de consciência de si mesmo no seu processo de viver”, com influências sociais, culturais, contextuais, entre outros.

Três planos perduram para a compreensão do contexto, conforme Abrahão (2004): o contexto vivido pelo passado, o contexto do presente dos sujeitos e o contexto da narrativa. Portanto, os sujeitos redefinem as fases do processo, conforme suas vivências e contribuem a partir das suas construções individuais e coletivas.

Partindo desses planos de compreensão, a autora citada, observa duas dimensões complementares: o desenvolvimento profissional, que trata do crescimento individual do sujeito e a inserção profissional no meio em que atua, e a



construção da identidade profissional, que se dá pela relação que estabelece com sua profissão pessoal e interpessoal.

Para a compreensão de seu objeto de estudo, o pesquisador analisa os elementos a partir da reconstrução dos dados coletados através da narrativa, desta maneira, “[...] as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis implicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social” (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002, p. s/n).

Nessa mesma ideia Benjamin (1996, p. 37) *apud* Abrahão (2004, p. 210), afirma que “[...] as narrativas são, pois, elementos que trazem forte significado pessoal e articula presente, passado e futuro, instigadas pela rememoração, trazendo não uma vida como de fato foi, e sim uma vida lembrada por quem a viveu”. Cabe ressaltar que essa tridimensionalidade abarca ambiguidades e contradições que aparecem no movimento entre o pensado e o vivido. No entanto, penso que o que devemos evidenciar são as experiências que foram significativas e escolhidas para serem visibilizadas. Aqui é possível perceber o quanto a memória tem um papel de fundamental importância quando trabalhamos com narrativas.

Ao narrar uma história de vida o sujeito vivencia um processo de reflexão, compreensão, reorganização e ressignificação dos momentos vividos, articulando memórias individuais e, também, grupais/coletivas, construindo assim um “sentido-significado” conforme Brandão (2008, p. 15).

Nesse viés, as recordações-referências mostram-se potentes para abarcar os momentos significativos e que são escolhidos para serem visibilizados em uma narrativa. Para Abrahão:

As recordações-referências constituem, portanto, a natureza das narrativas de formação, as quais produzem, pela rememoração que permite repensar e ressignificar o vivido, referências das motivações de determinadas escolhas, das influências que atravessaram trajetórias de vida, dos modelos, dos momentos vivenciais que fazem dos sujeitos singulares/plurais individualidades dinâmicas, porque reflexivas, em constante vir a ser, sendo. (ABRAHÃO, 2011, p. 168)

Dessa forma, ao relembrar o vivido, encontramos outra maneira de apresentar as recordações-referências. Portanto, quando narramos a história vivida escolhemos momentos maleáveis que marcaram determinado período ou situação. Ao falar em

momentos maleáveis refiro-me ao momento presente da palavra dada, pois estamos em constante formação temporal (presente, passado e futuro). Por este motivo também nos constituímos nas relações pessoais e coletivas.

Quando me proponho a pesquisar sobre a formação da artista-professora Janaína Jorge, vou percebendo durante o processo a minha formação também como artista-professora. Assim, nas leituras sobre Histórias de Vida encontro a epistemologia da formação, “o processo de formação que vem de fora do sujeito é a hetero-formação; o processo de formação que é elaborado pelo próprio sujeito na interação com o mundo e os outros é a autoformação.” (SANCHES, 2010, p. 113), dessa forma penso que estamos em formação constantemente, consigo e com os outros.

Sanches (2010, p. 113) explica que “a autoformação é a conscientização do caminhar para si e com o outro, num ato de partilha de significados consigo mesmo e com o grupo”. Desta maneira acredito que ao pesquisar sobre a História de Vida da artista-professora, percebo alguns contextos históricos, sociais, culturais que também fazem parte de outras histórias, que muitas vezes se entrelaçam contribuindo assim para a formação individual de cada pessoa e suas relações e a formação coletiva em que se dá o professor de dança, pois ao formar outras pessoas este também está formando-se. Para ensinar o professor requer estudo, pesquisa, saberes, criatividade, métodos, reflexões, assim estando em constante aprendizagem.

## **4.2 O professor de Dança**

Para este subcapítulo trago a importância do professor de Dança em diversos contextos, pois ao pesquisar o caminho formativo da artista-professora Janaína Jorge, vejo que esse profissional se constitui em diferentes espaços. Ao mesmo tempo, resalto a importância dos Cursos de Dança Licenciatura no Brasil como um leque de possibilidades para os profissionais que se formam.

“Artista e professor não são profissões antagônicas - logo, uma não nega a outra; também não são sinônimas, como defendem os que acreditam que qualquer um pode ser professor” (STRAZZACAPPA & MORANDI, 2006, p. 7).

Concordo com as autoras quando elas trazem que as profissões artista e professor não são sinônimas, mas podem ser complementares. Esta questão

desperta minha curiosidade em aprofundar sobre o professor de Dança. Pensando na trajetória de Janaína me pergunto: Como um artista se torna professor? Para problematizar estas questões, faço uma breve discussão sobre a figura do professor de Dança e seus desdobramentos, tendo como suporte teórico principal as autoras Strazzacappa (2012) e Marques (2011).

Início reportando-me a Strazzacappa, que ressalta aspectos importantes sobre o professor de Dança. Segundo essa autora:

A figura do “professor de dança” no Ocidente data final do século XII. Os artistas *troubadours* (trovadores) que se apresentavam nas cortes feudais para divertir a nobreza ficaram encarregados de ensiná-las a dançar. A moda, na época, eram as danças aos pares, e esses artistas tinham de adaptar a movimentação tradicional das danças, que, em sua maioria, tinha origem popular, aos pesados trajes e ornamentos que a corte usava, sem esquecer dos bons modos. Alguns movimentos não podiam ser feitos por representar falta de decoro diante do rei [...]. A dança passa, então a ser codificada por mestres contratados pelas cortes, recebendo regras de acordo com o gosto dominante. O Rei-Sol, como era denominado Luís XIV, um dos maiores incentivadores das artes do espetáculo vivo na época, muito contribuiu para o desenvolvimento da dança espetacular. Sua paixão por essa arte fê-lo financiar apresentações de balé. Ele abriu ao público os teatros do Palais Royal, até então reservado à nobreza, surgindo assim a primeira companhia profissional de dança. A importância de Luís XIV para o desenvolvimento e a divulgação da arte da dança foi grande. Cabe lembrar que, mais do que a arte em si, ele divulga padrões de etiqueta que tinham muito da movimentação da dança, como as reverências, algumas posturas de braço e passos. Esse padrão de comportamento ainda prevalece em muitas sociedades. É comum ainda hoje vermos pais que matriculam seus filhos em escolas de balé para que sejam refinados e educados e tenham “boas maneiras”. (STRAZZACAPPA, 2012, p. 45-46)

Podemos perceber que a figura do professor de Dança é evidente desde o século XII, período em que prevalecia a dança de corte. Nessa época era comum que os *Maitre*<sup>1</sup> de Dança buscassem nas danças da plebe inspirações para codificar os passos de dança. Desse modo criavam repertórios e ensinavam os nobres. Percebe-se, assim, a figura do professor neste contexto histórico. Para Strazzacappa:

[...] o que estava no princípio diretamente ligado às formas de dança codificadas – aquela que apresentam passos definidos, formas precisas de execução na música e no espaço – invade um novo terreno, o das danças populares, até então aprendidas segundo o padrão da tradição oral: observação/reprodução (STRAZZACAPPA, 2012, p. 46).

---

<sup>1</sup> Maitre palavra derivada do Francês que em tradução literal significa mestre.

O século XII foi um marco importante para a profissionalização do professor de Dança. Com o surgimento da burguesia começaram a surgir as escolas de Artes, conservatórios, pois os burgueses queriam a mesma ‘educação’ do nobres que incluía a educação em Artes. Com essa realidade havia necessidade de ter mais professores em outros contextos. Isso aconteceu entre os séculos XII e XIII.

Mais adiante na história houveram momentos em que a estética da dança modificou-se passando do período Clássico para o Moderno. Um exemplo é quando a sapatilha ainda é utilizada, mas o pé entra em contato com a terra, rompendo um padrão estético que por muito tempo foi utilizado. O professor de dança, durante esses momentos, teve suas adaptações conforme o contexto inserido, a partir dos seguintes atravessamentos: social, histórico, filosófico, político e religioso. Mesmo assim o professor ainda seguia o padrão tradicional oral mencionado anteriormente, ou seja, o professor era quem passava o conhecimento e o aluno reproduzia os ensinamentos.

Cabe ressaltar que, ao longo desse percurso, a arte passou por diversas transformações, “mas isso não afetou decisivamente o ensino de dança” (MARQUES, 1999, p. 31). A autora menciona que, a partir das décadas de 1960 e 1970<sup>2</sup> foram desconstruídos alguns paradigmas da dança, através do “conceito da dança trabalhado pelos dançarinos/coreógrafos” (MARQUES, 1999, p. 31), que poderiam estar fornecendo subsídios para o entendimento atual da arte.

Levando em consideração esse período da história, o professor de dança também se transforma, ainda que de maneira tradicional, na relação de professor e aluno, mas buscando outras metodologias de ensino para garantir a qualidade da formação. Cabe ressaltar nesse cenário o entrelaçamento entre arte e educação, e a necessidade de um diálogo entre as duas áreas, uma vez que os professores de dança, ao longo da trajetória histórica, eram/são artistas que se tornaram/tornam professores ou vice-versa, em uma dupla jornada, entrelaçando as duas formas de atuação, adaptando-se às necessidades que surgiam/surgem. Para Marques:

[...] em função das transformações radicais ocorridas no mundo da arte/dança desde as décadas de 60 e 70, acredito estarmos no momento de repensar a função do artista que se torna também professor, ou do professor que quer continuar atuando como artista. Seria importante não

---

<sup>2</sup> Nesse momento destaco as referidas décadas, pelo motivo de contextualizar ao leitor a importância da profissão do professor de dança neste período. Enfatizo a importância da chegada da dança moderna e suas personalidades, porém não é o foco da pesquisa.

reforçar a ausência total de diálogo entre o mundo da arte e o mundo da educação *na própria atuação do professor* (MARQUES, 1999, p.60).

Identifico-me com o que as autoras trazem em seus textos, pois ao buscar a qualificação no ensino superior, vejo-me ainda buscando caminhos para a consolidação da área, o tornar-se professor e a entrelaçamento entre arte e educação.

Atualmente o professor de dança assume novas funções, como ressalta Strazzacappa ao afirmar que:

O professor de dança atualmente assume novas funções. Mais do que um reprodutor de passos sistematizados, o professor deve ser um criador. Não importam o estilo, a técnica, a dança: exige-se cada vez mais que o professor de dança exercite suas capacidades criadoras, adapte os conteúdos a diferentes situações, ambientes, alunos, públicos e expectativas (STRAZZACAPPA, 2012, p.46).

Pensando na trajetória de Janaína, vejo que ela se constitui artista para, depois, iniciar sua docência em dança, e percebo que a mesma não abandona sua carreira artística ao longo de sua história na dança, mesmo iniciando a carreira docente no espaço não formal, buscando em paralelo a esse movimento de formação, produzir artisticamente.

Acreditamos que o professor de dança na escola não precise ser um exímio dançarino nem ter incorporado técnicas, mesmo porque o *locus* do virtuoso é o palco, não a sala de aula. No entanto precisa ter uma sensibilidade para a dança, Ter visto dança, sentido dança, exercitado a criação em dança. O professor não precisa vivenciar a dança profissionalmente, mas precisa dançar para compreender seus conteúdos, sua importância e sua expressão. (STRAZZACAPPA, 2012, p. 65)

Desta forma o professor modifica os seus ensinamentos, afastando-se do padrão tradicional em busca de novas metodologias para as aulas de dança. Assim entendo que, para o ambiente escolar, não é necessário ser um artista que estuda alguma técnica para a virtuosidade que encontramos no sistema não formal nas escolas de dança. E, concordo com a autora, quando ela menciona em seu texto que o professor de Dança necessita ter alguma vivência na área, pois assim conseguirá atingir seu aluno de maneira sensível e, através disto, aumentar seu repertório corporal não abandonando sua trajetória individual e coletiva.

### 4.3 Artista-professor

Ampliando a discussão empreendida no subcapítulo anterior, passo nesse momento a pensar sobre o termo artista-professor, amparada em Marques (1999), e Falkembach (2011). O intuito é de contribuir com os conceitos apresentados nesta pesquisa reforçando, assim, a importância desse profissional nos espaços de ensino e aprendizagem.

Segundo Marques (1999) o artista-docente:

[...] é aquele que, não abandonando suas possibilidades de criar, interpretar, dirigir, tem também como função e busca *explícita* a educação em seu sentido mais amplo. Ou seja, abre-se a possibilidade de que processos de criação artística possam ser revistos e repensados como processos também *explicitamente* educacionais (MARQUES, 1999, p. 112, grifo da autora).

Entendo que o artista-professor, ao entrar em sala de aula, carrega diversas possibilidades, por experienciar outros processos em sua trajetória e, a partir disto, podendo utilizar a criação artística como uma ferramenta de ensino e aprendizagem, permitindo unir a prática artística pensando em criação: o pedagógico articulando o processo de ensino aprendizagem e a pesquisa falando em conteúdo.

Para Falkembach (2011, p.16)

[...] não há diferença entre os objetivos na montagem de um espetáculo e em um processo de ensino-aprendizagem: reflexões sobre identidade e historicidade, compreender a si mesmo e seu estar no mundo, ampliar as possibilidades de expressão e de criação, compreender a contemporaneidade, construir sentidos para a vida, agir sobre o mundo e a sociedade. Provavelmente, isto é resultado da coerência entre os contextos teóricos, a abordagem pedagógica e a prática de criação (FALKEMBACH, 2011, p. 16).

Na citação acima, podemos perceber que a figura do professor e do artista se entrecruza a partir de uma perspectiva teórica, pedagógica e prática. Desta forma entendo que o professor deve manter o diálogo entre esses dois mundos da Arte e da Educação, levando em consideração que, ao optar pela docência, o eixo artístico também se faz presente. Um pode e deve estar vinculado ao outro.

A presença do professor-artista nos espaços educacionais foi reforçada pela aprovação da lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016, que altera o § 6º do artigo 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - que fixa as diretrizes e bases da educação nacional referente ao ensino da Arte, e que passa a vigorar com nova

redação. Nesse sentido, as Artes Visuais, a Dança, a Música e o Teatro passam a se constituir em linguagens do componente curricular Arte. O § 2º, do mesmo artigo determina o prazo para que os sistemas de ensino implantem as mudanças decorrentes dessa Lei, incluídas a necessária e adequada formação dos respectivos professores em número suficiente para atuar na educação básica no prazo de cinco anos da data da vigência.

A partir do momento que o professor de Arte, especificamente a Dança, ganha seu espaço nas instituições de ensino, reforça-se a importância e a necessidade da sua formação no Ensino Superior. Uma formação que englobe a dimensão pedagógica, artística e científica, repercutindo na constituição do professor-artista-pesquisador.

Por esse motivo trago para discussão o Projeto Político Curricular (PPC), do Curso de Dança Licenciatura, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), onde atualmente encontro-me como graduanda, e o Projeto Pedagógico (PPP), do Curso de Licenciatura Plena em Dança, da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), onde Janaína Jorge formou-se, que ressaltam a importância da formação no Ensino Superior em Dança Licenciatura.

Sobre o Perfil do egresso do Curso de Dança Licenciatura da UFPel:

O Licenciado em Dança constitui-se em um profissional apto a ministrar atividades educativas na área de Dança, no ensino do sistema formal (educação infantil, ensino fundamental e médio) e não formal, realizadas em escolas particulares ou públicas, academias, clubes, indústrias, empresas, centros comunitários, entre outros. A formação desenhada neste Projeto Político Pedagógico tem o intuito de formar um professor que proponha ações artísticas na educação em dança, que seja mediador de experiências artístico-educacionais que contribuam com o fomento e a democratização da arte e da educação integral de homens e mulheres; que trabalhe no sentido da ampliação e diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento. Buscamos formar um profissional que saiba trabalhar com a alteridade, com a interdisciplinaridade, com a mediação e escuta sensíveis com as questões de classe social, etnia, orientação sexual, geração e, sobretudo, com o estatuto provisório do conhecimento científico (PPC do Curso de Dança Licenciatura da UFPel, 2013, p. 24-25)

Percebo que a formação no ensino superior nesse contexto, tem como objetivo formar professores de Dança que atuem em diferentes sistemas, assim formando educadores para o ensino de arte com o intuito de levantar reflexões sobre diversos assuntos que abrangem a sociedade. Dessa forma tem como base o tripé: artístico, pedagógico e científico, logo entendo que neste contexto forma-se o artista-

professor-pesquisador que está apto a ministrar aulas nos espaços formais e não formais de ensino.

Do mesmo modo, o Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura Plena da UNICRUZ, dialoga:

O licenciado em Dança situa-se entre os profissionais da Arte, com formação superior. Constitui-se como um profissional consciente do seu papel de educador. O curso lhe possibilitará a consolidação de saberes necessários para o trabalho no cotidiano dos espaços formais e informais de ensino desta linguagem artística. Pretende-se que o licenciado em Dança seja um profissional que atue com o movimento humano, nos mais diferentes segmentos da sociedade e em todas as faixas etárias, fundamentado nas áreas dos conhecimentos humano, pedagógico e artístico inseridos no contexto social. (PPP, Curso de Licenciatura Plena em Dança. UNICRUZ, 2007, p.25 *Apud* HOFFMANN, 2015, p. 111).

No PPP da UNICRUZ é possível perceber a preocupação na formação de um profissional que consiga dar conta da dimensão pedagógica e artística, inserindo-se nos mais diversos espaços.

Sendo assim, para encerrar essas reflexões, vejo o quanto é relevante pensar e discutir sobre a importância do que fazemos enquanto profissionais, sobre a busca pela qualificação do nosso trabalho e, desta forma, desenvolvemos a sensibilidade através da arte, instigando os alunos a acreditarem em seus potenciais. Marques enfatiza que,

[...] esta ponte de via dupla entre a instituição escolar e o mundo da arte poderia ter como interlocutor o próprio professor. Dançando, ele faz, ele aprecia, contextualiza a arte e o ensino com seus alunos. O papel do professor de dança não seria, portanto, somente o de um intermediário entre esses mundos – a dança a escola, a sociedade – ele seria também uma das *fontes* vivas para experimentarmos de maneira direta esta relação (MARQUES, 1999, p. 61, grifo da autora).

Diante disso, pensamos que existem diferentes possibilidades de formação do artista-professor-pesquisador em dança, tanto no espaço formal e não formal. E pensando nas relações que nos constituem enquanto seres humanos e em variados contextos (sociais, culturais, históricos, entre outros) em que estamos inseridos, passo a entender que estamos em constante formação.

#### 4.4 Curso de Dança no Brasil



Abordo neste subcapítulo um panorama dos Cursos de Ensino em Dança no Brasil, dialogando com alguns autores, que trazem em suas pesquisas o surgimento do Ensino Superior em Dança no país, assim como o panorama atual. Também apresento o contexto do Curso de Dança da UNICRUZ, por ser o espaço em que Janaína fez sua formação e o Curso de Dança Licenciatura da UFPel, local onde estou realizando minha formação em Dança-Licenciatura.

#### **4.4.1 Curso de Dança – Panorama Geral**

Ao pesquisar sobre formação de professores de Dança, encontrei uma Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, da Universidade Federal da Bahia-UFBA, que traz um panorama histórico sobre a criação da Escola de Dança daquela Instituição de Ensino Superior no ano de 1956, e que, por 25 anos foi o único curso superior em Dança no Brasil. Molina (2015, p.57), relata que “de lá para cá, o contexto se alterou bastante e hoje é registrado um total de 44 ofertas de cursos, com opções em todas as regiões do país”.

O autor também destaca a importância das trocas de experiências entre os grupos e artistas ao participarem de festivais, mostras e encontros de dança. Para ele, o final da década de 1980 e início da década de 1990 foi o auge desses agrupamentos, fortalecendo e colaborando para formação dos profissionais de dança.

Na continuação da pesquisa me deparo com uma Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS, onde a autora traz suas contribuições para a história da dança no Brasil e no Rio Grande do Sul.

Hoffmann, também se refere à Escola de Dança da UFBA. Para ela,

[...] a Escola de Dança da UFBA transitou com a “desenvoltura de uma bailarina” com muita garra e resistência pela ditadura, 80 lançou importantes experiências criativas em dança contemporânea e foi a primeira a ter um Programa de Pós-Graduação em Dança – PPGD. Em 1961, depois de uma série de reformulações, são criados em definitivo dois cursos em nível superior, correspondentes à licenciatura – dançarino profissional e magistério superior [...] (HOFFMANN, 2015, p. 79-80).

A autora reforça a importância da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, onde surgiu o primeiro curso superior em Dança no Brasil e, também, foi a primeira a buscar pela qualificação na área da dança. Servindo de inspiração para o surgimento de cursos em outros estados, colaborando para a profissionalização na área. Ainda, segundo a autora,

É, a partir dos anos 1980, quando surgem os cursos de dança nas universidades fora da Bahia, que grupos de estudos, cursos e *workshops*, têm oportunizado novas possibilidades de pesquisar a dança com uma produção conectada com o movimento no contexto mundial. (HOFFMANN, 2015, p. 57)

Dessa forma Hoffmann (2015), ressalta, em um de seus capítulos, a reflexão sobre a trajetória da dança no Brasil, onde podemos compreender os principais fatores que marcam a importância do momento que a dança “sai de um contexto de informalidade para ser estudada no viés acadêmico, institucionalizando-se em escolas e espaços formativos para, em um segundo momento, ocupar o espaço universitário” (p. 65).

A Escola de Dança da UFBA contribuiu de forma efetiva para o surgimento de novos Cursos de Dança no Ensino Superior, especialmente através do surgimento de escritos acadêmicos e pesquisas, que legitimam essa área, bem como a busca para formar mais profissionais. Assim, inicia-se um novo tempo, na década de 1980, com a abertura de três novos cursos, conforme assinala Hoffmann:

Apesar de a Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia ter orquestrado de forma solitária a vivência acadêmica por quase 30 anos, é a partir dos anos 1980 que acontece uma nova efervescência na área, com a criação de pelo menos três novos cursos de graduação em dança: da Faculdade de Artes do Paraná – FAP (1984), reconhecido pelo MEC em 1988, nas modalidades de licenciatura e bacharelado; do Centro Universitário da Cidade – UniverCidade – (1985), no Rio de Janeiro, na modalidade de licenciatura, igualmente reconhecido pelo MEC em 1988. A Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, no Estado de São Paulo, cria seu curso de Dança em 1985, nas modalidades de licenciatura e bacharelado, cujo reconhecimento aconteceu em 1992 (HOFFMANN, 2015, p. 65).

Em meados da década de 1980, foi o auge para que nomes consagrados da dança no Rio Grande do Sul alavancassem. Penso que também colaboraram para

esse momento em que a dança começa a transitar em outros lugares, fortalecendo para o surgimento do Ensino Superior em Dança no Estado.

Na década de 1990 a UNICRUZ implementa o primeiro Curso de Dança, do estado do Rio Grande do Sul. Sendo de muita importância para a área e para os profissionais que buscavam qualificação e formação no Ensino Superior.

Em 1994, a Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ, localizada na cidade do mesmo nome, no interior do Rio Grande do Sul, cria seu curso de Licenciatura em Dança, pioneiro na área do ensino superior daquele Estado –, reconhecido pelo MEC em 2002 (HOFFMANN, 2015, p. 84).

Nesse contexto, Janaína Jorge ingressa na segunda turma, no ano de 1999, embora o Curso já estivesse em andamento desde 1994, a primeira turma só foi efetivada no ano de 1998.

Assim, como em outros estados foram surgindo as modalidades de licenciatura e bacharelado. As informações organizadas em forma de tabela foram retiradas da Tese da autora Hoffmann (2015, 83-86), e-MEC e o *site* da Universidade de Blumenau – Curso da Dança.

**Tabela 3** – Cursos de Dança (Licenciatura, Bacharelado e Tecnólogo)

<b>Ano</b>	<b>Universidade</b>	<b>Sigla</b>	<b>Estado</b>	<b>Modalidade</b>
<b>1956</b>	Universidade Federal da Bahia	UFBA	BA	1961 Licenciatura Bacharelado
<b>1984</b>	Faculdade de Artes do Paraná	FAP	PR	Licenciatura Bacharelado
<b>1985</b>	Centro Universitário da Cidade	UniverCidade	RJ	Licenciatura -
<b>1985</b>	Universidade Estadual de Campinas	UNICAMP	SP	Licenciatura Bacharelado
<b>1991</b>	Faculdade Paulista de Artes	FPA	SP	Licenciatura Bacharelado
<b>1994</b>	Universidade de Cruz Alta	UNICRUZ	RS	Licenciatura -
<b>1994</b>	Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ	RJ	- Bacharelado
<b>1998</b>	Pontifícia Universidade Católica	PUC/SP	SP	- Bacharelado

<b>1998</b>	Universidade Anhembe-Morumbi	-	SP	Licenciatura Bacharelado
<b>2000</b>	Faculdade Angel Viana	FAV	SP	Licenciatura Bacharelado
<b>2000</b>	Universidade do Estado do Amazonas	UEA	AM	Licenciatura Bacharelado
<b>2000</b>	Universidade Federal de Viçosa	UFV	MG	Licenciatura Bacharelado
<b>2002</b>	Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Unidade Montenegro)	UERGS	RS	Licenciatura -
<b>2003</b>	Universidade Luterana do Brasil (Canoas)	ULBRA	RS	Tecnólogo (atualmente Licenciatura)
<b>2004</b>	Faculdade Tijucussu (São Caetano do Sul)	-	SP	Licenciatura
<b>2006</b>	Universidade de Caxias do Sul	UCS	RS	Tecnólogo
<b>2006</b>	Universidade Estácio de Sá	-	RJ	Tecnólogo
<b>2007</b>	Universidade Federal de Alagoas	UFAL	AL	Licenciatura -
<b>2007</b>	Universidade Federal de Sergipe (Campus de Laranjeiras)	UFS	SE	Licenciatura -
<b>2008</b>	Universidade Federal de Pelotas	UFPeI	RS	Licenciatura -
<b>2008</b>	Faculdade Padrão	FAN	GO	Licenciatura Bacharel
<b>2009</b>	Universidade Federal de Minas Gerais	UFMG	MG	Licenciatura
<b>2009</b>	Universidade Federal do Pará	UFPA	PA	Licenciatura -
<b>2009</b>	Universidade Federal de Pernambuco	UFPE	PE	Licenciatura -
<b>2009</b>	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	UFRN	RN	Licenciatura -
<b>2009</b>	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	UFRGS	RS	Licenciatura -
<b>2010</b>	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília	IFB	DF	Licenciatura -
<b>2010</b>	Universidade Federal de Goiás	UFG	GO	Licenciatura

				-
<b>2010</b>	Universidade de Sorocaba	UNISO	SP	Licenciatura -
<b>2011</b>	Universidade Federal do Ceará	UFC	CE	Licenciatura Bacharelado
<b>2011</b>	Universidade Federal de Uberlândia	UFU	MG	- Bacharelado
<b>2012</b>	Universidade Federal de Santa Maria	UFSM	RS	Licenciatura Bacharelado
<b>2013</b>	Universidade Federal de Paraíba	UFPB	PB	Licenciatura
<b>2014</b>	Universidade Cândido Mendes	-	RJ	Licenciatura
<b>2017</b>	Universidade de Blumenau	FURB	SC	Lienciatura

Fonte: a autora, 2018.

Conforme a tabela apresentada acima, são 30 Cursos de Licenciatura, 14 Cursos de Bacharelado e 2 Cursos Tecnólogos, totalizando 46 Cursos de Dança no Ensino Superior no Brasil, um número significativo, porém pequeno em comparação com outras áreas já consolidadas no país.

Dessa forma é possível observar que os anos 2000, foi um período importante para a expansão do Ensino Superior em Dança no Brasil, pois foram implantados na primeira década 21 Cursos em 7 regiões: 5 Cursos na região Sul; 2 na região Norte; 2 na região Centro; 5 na região Sudeste; 1 na região Noroeste, 2 na região Nordeste; e, 3 na região Centro-Oeste. Assim, ressaltando a importância desse período para a profissionalização da área.

O Rio Grande do Sul é o estado que possui o maior número de cursos de Dança nas modalidades licenciatura e/ou bacharelado e de tecnólogo, distribuídos nas seguintes instituições: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (Porto Alegre); Universidade Federal de Pelotas – UFPel (Pelotas); Universidade Federal de Santa Maria– UFSM(Santa Maria); Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS (unidade de Montenegro); Universidade Luterana do Brasil - ULBRA (Canoas); Universidade de Caxias do Sul – UCS (Caxias do Sul). (HOFFMANN, 2015, p. 86)

Outro aspecto importante, que cabe ressaltar aqui, sobre a implementação dos Cursos de Dança no Ensino Superior, é o leque de possibilidades que apresenta para o acadêmico, principalmente nos Cursos de Licenciatura, pois o profissional se forma para atuar no espaço formal e não formal de ensino.

Assim, a seguir serão apresentados os dois contextos: da UNICRUZ e da UFPel, por haver uma ponte entre essas duas Instituições de Ensino Superior. Um deles é o contexto de formação de Janaína Jorge e, o outro, é o contexto em que estou inserida, fazendo parte de minha trajetória de formação.

#### **4.4.2 – Curso de Dança – UNICRUZ**

Para esse subcapítulo trago um panorama sobre o Curso de Dança da UNICRUZ, por ser ambiente de formação superior de Janaína Jorge, assim entendendo um pouco do contexto e auxiliando o restante da pesquisa.

Como suporte teórico dialogo com Hoffmann (2015), que em sua pesquisa tem como foco a Universidade de Cruz Alta-UNICRUZ. A autora enfatiza a trajetória do Curso Superior em Dança, mostrando sua trajetória entre os anos 1998 à 2010, bem como aproximando o caminho formativo de Janaína Jorge.

A aprovação da criação do Curso de Licenciatura em Dança da UNICRUZ se deu pelo Conselho Universitário – CONSUN, através da Resolução de nº 003/94, oferecendo 25 vagas semestrais, assinada pelo então reitor, Adão Araújo – presidente do referido Conselho –, e pela secretária geral, Eliana Teixeira de Lima, em 16 de maio de 1994, (Ato normativo do CONSUN), o que não garantiu o seu imediato funcionamento (HOFFMANN, 2015, p. 104).

A autora ressalta que não foi possível o início das atividades anterior ao ano de 1998,

[...] talvez devido a uma falta de estratégia de melhor divulgação do mesmo, tenha ocorrido um estranhamento da oferta. Poderia ter havido um investimento de marketing, o que não ocorreu, basta ver pela qualidade do material utilizado no marketing de divulgação do Curso (HOFFMANN, 2015, p. 104-105).

Desta forma percebeu que não havia clareza para os profissionais da cidade, em relação ao processo do ensino superior em Dança. Sendo assim, as tentativas iniciais eram de preenchimento de 25 vagas mas, pela pouca procura, não conseguiram preencher o número mínimo para iniciar a turma. Além do vestibular era exigida uma prova prática “como requisitos indispensáveis (vocação, aptidão física, boa resposta motora, sensibilidade artística e gosto pelo ensino) o que inviabilizou o oferecimento das turmas naqueles anos” (HOFFMANN, 2015, p. 105).

Então, em 1998 “oferecida pela terceira vez consecutiva no Concurso Vestibular da UNICRUZ, a graduação em Dança finalmente efetivou a constituição e sua primeira turma” (HOFFMANN, 2015, p. 106). Sendo um momento de muita importância, pois foi um movimento de autoafirmação interna do Curso, contando com o apoio da Pró-reitoria, coordenação e alunos, o que demonstrou, desta forma, comprometimento efetivo dos mesmos.

A atuação dos alunos era de total envolvimento –, eles tinham um compromisso muito grande com a qualidade do curso –, buscavam viabilizar questões de estrutura, como a aquisição de aparelhos de som, através de promoções para angariar fundos; lutavam pela limpeza dos espaços e instalação de chuveiros e banheiros próprios para suprir as necessidades. Além das promoções, criaram um diretório acadêmico atuante e legítimo, que levava as demandas do curso para os setores competentes. Participavam dos eventos estudantis em todos os níveis. Tanto se envolviam que chegaram a assumir a presidência do DCE (Diretório Central de Estudantes) (HOFFMANN, 2015, p. 115).

Desse modo, a autora ainda relata, em seu trabalho, que o “Curso de Dança da UNICRUZ sempre demonstrou proporcionar uma formação de qualidade, tanto que investiu na qualificação de seus professores em especializações que, inicialmente podiam ser oferecidas na própria Instituição” (HOFFMANN, 2015, p. 120). Também, com o intuito de qualificar o corpo docente, o Curso efetuou na época, um convênio interinstitucional com a PUCRS.

O Curso de Dança da UNICRUZ realizou diversos eventos entre eles: Mostra de Escolas Academias e Grupos de Dança; Encontro Estadual de Folclore e Festival Internacional do Folclore de Cruz Alta – FIFCA.

Bem como desenvolveu os projetos: Dança Cruz Alta; Criança que dança é Mais Feliz (que fez parte do projeto maior Dança Cruz Alta e juntamente com o Núcleo de Dança na Casa de Cultura Justino Martins); Brincado nas férias; Boca de Cena; Semana de Práticas em Dança; Dança nas Escolas Municipais de Cruz Alta; Dança: intervenções para o desenvolvimento da interdisciplinaridade, e o Projeto Addayê, com sede em Júlio de Castilhos.

Criado em 2002 como um projeto de Extensão do Curso de Dança da UNICRUZ, o *Mimese Cia de dança-coisa*, era um grupo composto por professores, acadêmicos e egressos do Curso de Dança. Essa questão era um motivo político de existência que, subliminarmente, significava muitas coisas: é possível fazer arte dentro do espaço acadêmico; é possível criar danças e ter um grupo no interior do estado do RS; é (ainda) possível deixar surgir o que emerge, em termos de estética de dança – mesmo que isso

signifique a sua exclusão em determinadas instâncias de legitimação. A palavra “coisa” era posta para *caracterizar* a dança que era feita, por conta da crise de identidade; era, não só uma provocação, como uma urgência do existir. Em 2004 o *Mimese* deixa de ser projeto de Extensão da UNICRUZ e passa a ser um grupo independente, com personalidade jurídica. Continuou a ocupar as dependências do Curso de Dança da UNICRUZ para seus ensaios, o que foi importante para a coesão do grupo e, também, para a sua identidade. (HOFFMANN, 2015, p. 128-129).



Figura 1 - Foto para o Jornal "Diário da Manhã" em Ijuí, por ocasião do espetáculo do Mimese, em 2003 (ainda projeto de extensão UNICRUZ): da esquerda para a direita - Vanessa Steigleder, Carla Furlani, Rubiane Zancan, Wilson França, Cristiane Martel, Luciana Paludo e Janaína Jorge. Fonte: HOFFMANN, (2015, p. 129).

O Curso promoveu parcerias com programas de diferentes segmentos: PROSEPA – Programa Social Educativo de Profissionalização de Adolescentes, na Brigada Militar; Grupos de Convivência de 3ª Idade, no município de Cruz Alta e, AABB (Associação Atlética Banco do Brasil) Comunidade.

Essas ações, realizadas pelo Curso de Dança da UNICRUZ, destinavam-se aos estudantes e profissionais de dança; alunos e professores de escolas; academias e grupos de dança; bem como a comunidade em geral. Alguns eventos e projetos tinham um público específico para desenvolver o trabalho. Contudo, proporcionava a interação da universidade com a comunidade através dessas ações.

Conforme citado anteriormente sobre o comprometimento da comunidade acadêmica, os alunos do Curso naquele momento, tornam-se articuladores e protagonistas em alguns movimentos, em destaque o Diretório acadêmico e a formação da Companhia de Dança da UNICRUZ.



Assim, entendo que Janaína, ao fazer parte dessa construção, enquanto acadêmica, acaba se constituído e constituindo os outros, nesta troca de informações e, principalmente, por estar inserida no processo de iniciação do Curso de Dança daquela região.

Em relação aos objetivos da Companhia, Hoffmann ressalta que:

Ainda colocaram como seus objetivos: imprimir a marca de qualidade nas produções artísticas da Companhia que já estava em ação e, ainda, solicitaram um desconto correspondente ao valor de 04 créditos para os alunos que participavam da mesma. Como proponentes do projeto, assinaram as ex-alunas Patrice Oliveira<sup>3</sup> e Rubiane Zancan<sup>4</sup>. As coreografias eram geralmente de autoria da acadêmica Janaína Jorge<sup>5</sup> (HOFFMANN, 2015, p. 136).

Para encerrar esse momento chamo a atenção para uma citação relevante da autora, que demonstra a importância de dois Grupos de Dança, que tiveram seu início no Curso de Dança da UNICRUZ, e mantiveram sua continuidade após o fechamento do mesmo, realocando suas sedes para outras cidades, dando sequência e fortalecendo a dança no nosso Estado.

Reitera-se, aqui, a sensação de pertencimento e de entrega dos grupos que compuseram o universo do Curso de Dança da UNICRUZ. E os desdobramentos de projetos que se projetaram para além da Instituição e cidade, como a *Mimese Cia Coisa de Dança* dirigida pela ex-professora Luciana Paludo, a *Abambaé Cia de Danças Brasileiras* dirigida pelo ex-professor Thiago Amorim, além dos novos projetos de vida de cada um que, de certa forma estão conectados com as novas propostas de cursos e ações de dança no Estado e fora dele. Os desdobramentos das ações que se constituíram dentro do Curso de Dança da UNICRUZ, acusam a diversidade de gêneros que dialogavam naquele ambiente. Por um lado o *Mimese* que desenvolvia pesquisas na dança contemporânea e, por outro, a *Abambaé*, que até a atualidade trabalha com danças populares brasileiras. Além desses exemplos, pode-se citar aqui as atuações individuais dos egressos que transitavam em gêneros como: dança do ventre, dança étnica italiana, dança afro, dança tradicionalista, dança clássica, enfim, reflete a realidade da dança do Rio Grande do Sul e do Brasil (HOFFMANN, 2015, 136-137).

Aqui é possível perceber o contexto de formação de Janaína Jorge, e as experiências que repercutiram em sua constituição como artista-professora. Tanto

<sup>3</sup> Acadêmica da turma com ingresso em 1999, da cidade de Santa Maria, presidente do Diretório Acadêmico da fundação até 2002. O diretório foi fundado em 4 de agosto de 1999.

<sup>4</sup> Foi ex-aluna 1998-2001, ex-professora 2002-2010 e ex-coordenadora do Curso 2005-2010.

<sup>5</sup> Acadêmica da turma com ingresso em 1999, da cidade de Pelotas, com larga experiência em dança, única acadêmica falecida – outubro de 2010.

no espaço formal como no espaço não formal de ensino, além de projetos e eventos que o Curso de Dança da UNICRUZ proporcionou.

Entendo que os eventos e projetos de ensino, pesquisa e extensão qualificaram a formação dos seus alunos, oportunizando relações que instigaram os acadêmicos, além de vivenciarem, criarem subsídios para suas carreiras após a formação.

#### **4.4.3 – Curso de Dança Licenciatura – UFPel**

Neste subcapítulo será abordado um panorama sobre o Curso de Dança Licenciatura da UFPel, onde atualmente sou acadêmica do oitavo semestre. Dialogo com a Barboza (2015), que em um de seus capítulos contextualiza sobre a trajetória do Curso de Dança-Licenciatura da UFPel.

“O atual Curso de Dança-Licenciatura da UFPEL foi criado em 2008, na época, período de muitos movimentos na universidade em virtude de sua adesão ao REUNI<sup>6</sup> [...]” (BARBOZA, 2015, p. 85), desta forma percebemos, na tabela anterior, que a criação do Curso foi no período de bastante importância, onde houve a expansão dessa nova área no ambiente acadêmico.

A autora destaca, ainda, “que além de haver essa efervescência na oferta de Cursos novos naquele momento, causando mudanças em termos amplos na UFPEL, havia questões internas, institucionais e próximas ao Curso de Dança que devem ser observadas e consideradas.” (BARBOZA, 2015, p. 85). A questão apresentada para um professor do Curso de Teatro, Adriano Moraes, era se o Curso seria junto aos Cursos de Artes e Design ou à Escola Superior de Educação Física (ESEF). Então decidiu-se que era importante o Curso de Dança estar junto ao Curso de Teatro, pela proximidade das áreas. Assim esse professor assume a responsabilidade do início do Curso. “Ainda nesta reunião, recorda Adriano, o reitor destacou que a ideia de oferta do Curso teria surgido a partir de conversas com artistas locais.” (BARBOZA, 2015, p. 86)

Dessa forma, a autora ainda destaca que ele contatou a professora Maria Helena Klee Oehlschlaeger (Malê), pois naquele momento era docente da Escola Superior de Educação Física, para contar com sua participação na elaboração do

---

<sup>6</sup> Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais.

Projeto Pedagógico. Para o professor, era fundamental pois “era a única pessoa que trabalhava com Dança na universidade” (BARBOZA, 2015, p. 87), porém a mesma não pode participar, pois o Conselho Departamental da ESEF negou o pedido, o mesmo acontecendo com alguns professores convidados da Faculdade de Educação (FAE). Então o primeiro Projeto foi escrito pelo professor Adriano, para aguardar a lista de alunos da primeira turma que chegariam naquele momento.

O professor buscou auxílio com professoras de outras instituições para montar a grade inicial do Curso, como Barboza demonstra no trecho a seguir:

Adriano entra em contato com a professora Maria Falkembach, cujo trabalho e formação já conhecia, para sanar algumas dúvidas e para que pudesse, neste tempo de duas semanas, construir o projeto pedagógico do Curso. [...] A professora Luciana também relatou esta troca de emails da qual participava, mas lembra que efetivamente foi a professora Maria que mais contribui naquele momento, inclusive, enviando uma carta para o professor Adriano. Esta escrita continha questões fundamentais que Maria compreendia sobre a proposta do Curso (Posteriormente esta carta foi anexada ao primeiro projeto político pedagógico do Curso) (BARBOZA, 2015, p. 87).

No segundo semestre do ano de 2008, deu-se o início às aulas do Curso, chamado de Dança-Teatro, com o ingresso de 30 alunos. A autora relata que o nome Dança-Teatro causou estranheza e curiosidade nos artistas locais, não sabendo ao certo que tipo de profissional o Curso formaria. Mas naquele momento passou a ser o quinto Curso de Dança no Ensino Superior do Estado.

As aulas da primeira turma foram realizadas em espaços alugados e em espaços improvisados nos prédios da Universidade Federal onde, não raras vezes, os alunos tinham que limpá-los para poder utilizar tais espaços, pois na época não havia funcionários que realizassem esse serviço.

A primeira etapa do Curso foi efetivada sob essas condições, mas já no ano seguinte, a professora Maria ingressou na UFPel assumindo sua coordenação e algumas disciplinas, enfrentando alguns questionamentos e necessidades que, ao colocar o Projeto Pedagógico em prática, ficavam inviáveis. “Então, após algumas discussões e em comum acordo com os alunos fica definida a nova denominação para Licenciatura em Dança – ênfase em Dança-Teatro.” (BARBOZA, 2015, p. 93)

Com o passar dos anos, o currículo do Curso foi sendo reformulado, com a abertura de mais vagas para a docência e recebendo mais alunos. Assim, Barboza contextualiza:

Em 2013, a professora Eleonora assume a coordenação do Curso e é quando entra em vigor a nova proposta curricular. No primeiro semestre deste ano, forma-se a segunda turma com 9 estudantes. A versão do currículo vigente no diurno ainda se encontrava em 2013, em trâmites legais e ajustes institucionais, mas foi autorizada sua estruturação prévia para a primeira turma. A professora Eleonora chamou de experiência “piloto”. Um total de 36 estudantes ingressa no Curso e fazem parte deste momento de transição. No primeiro semestre letivo de 2014, ingressam mais 36 alunos na Dança e em agosto, forma-se a terceira turma, com 5 estudantes (BARBOZA, 2015, p. 100).

Nesses anos de adequação do Curso, o corpo docente modificou-se entre efetivos, temporários, substitutos e colaboradores, como destaca Barboza (2015, p. 93). Projetos de ensino, pesquisa e extensão foram sendo elaborados, entre eles o primeiro Projeto de Extensão criado no Curso: “Tatá Núcleo de Dança-Teatro”, que atualmente ainda está em andamento, contribuindo na formação dos acadêmicos, fazendo atravessamentos entre o tripé que norteia o Projeto Pedagógico Curricular: artístico, pedagógico e científico.

Ao consultar o Blog<sup>7</sup> e o Colegiado do Curso de Dança Licenciatura da UFPel, não encontrei registros de eventos que o Curso tenha promovido. Mas, por ter participado de alguns, tais como o Festival Internacional do Folclore, 1ª Semana Acadêmica do Curso de Dança, Mostra Coreolab, Dança em Processo, entre outros, entendo a importância dos eventos na formação do licenciando. Creio ser nesses momentos que protagonizamos algumas funções que, ao concluir o Curso e ingressar no mercado de trabalho, irão nos dar suporte, principalmente na produção de eventos, atuando por trás da cena.

Abaixo destaco alguns dos Projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão desenvolvidos atualmente no Curso. Entre eles estão:

**Ensino:** LIFE-LAPIS Dança – Coordenado pelo professor Drº. Thiago Silva Amorim Jesus.

**Pesquisa:** Tendências Epistemo-metodológicas da Produção Acadêmica em Artes Cênicas – Coordenado pela professora Drª. Eleonora Campos da Motta Santos; Folgedos e Danças Folclóricas Marginais do e no Rio Grande do Sul – Coordenado pelo professor Drº. Thiago Silva de Amorim Jesus; Ensino Contemporâneo de Danças na Educação Básica: pedagogias possíveis – Coordenado pela professora Ms. Josiane G. Franken Corrêa; Corpografias do Processo de Criação Artístico – Reverberações das imagens de corpo na constituição de futuros professores de

---

<sup>7</sup>Para saber mais acesse: <https://wp.ufpel.edu.br/danca/2018/09/>

Dança e Teatro: leituras a partir do imaginário – Coordenado pela professora Dr<sup>a</sup>. Andrisa Kemel Zanella.

**Extensão:** Caminhos da Dança na Rua – Coordenado pela professora Dr<sup>a</sup>. Carmen Anita Hoffmann; Poéticas da Diferença – Coordenado pela professora Dr<sup>a</sup>. Eleonora Campos da Motta Santos; Núcleo de Folclore da UFPel (NUFOLK) – Coordenado pelo professor Dr<sup>o</sup>. Thiago Silva de Amorim Jesus; COREOLAB – Laboratório de Estudos Coreográficos – Coordenado pela professora Dr<sup>a</sup>. Maria Falkembach – Residências Artísticas – Coordenado pela professora Dr<sup>a</sup>. Helena Thofehrn Lessa Stumpf – Tatá Núcleo de Dança-Teatro – Coordenado pela professora Dr<sup>a</sup>. Maria Flakembach.

Diante do exposto acima, é possível perceber que os docentes estão engajados com o tripé (artístico, pedagógico e científico) que o Curso de Dança se propõe para a formação do profissional, mesmo que só tenha um Projeto de Ensino cadastrado no momento. Por outro lado, em seu Projeto Político Curricular, o Curso oferta três estágios, um em espaço não formal, e dois em espaços formais, para que o acadêmico possa experimentar diferentes contextos, preparando-se para atuações no mercado de trabalho.

Olhando para os dois contextos apresentados da trajetória do Curso de Dança da UNICRUZ e o início do Curso de Dança Licenciatura da UFPel, embora uma instituição seja privada e outra pública, ambas têm o seu início marcado por dificuldades. Apesar de inaugurar suas trajetórias em períodos e localidades diferentes dentro do Estado do Rio Grande do Sul, as primeiras turmas que deram início as aulas de ambos os Cursos tiveram um número significativo de alunos, levando em consideração que a UNICRUZ era pioneira no Estado a implantar o Curso de Dança no Ensino Superior; já para a UFPel foi, e atualmente ainda é, o único Curso de Dança da região Sul do estado.

## **5. Passos percorridos rumo ao objeto de estudo: metodologia pesquisada**

Na metodologia, como já foi citado anteriormente, trabalho no campo das pesquisas (auto)biográficas, a partir de uma abordagem qualitativa porque lido com um conteúdo subjetivo, simbólico. Portanto, meu principal caminho para a coleta de dados foi a narrativa, instigada a partir da pergunta “Quem foi Janaína Jorge?”

O estudo iniciou com uma pesquisa exploratória para definir um foco, pois nos semestres anteriores, ao construir o projeto de pesquisa, eu tinha muitos desejos: pesquisar a Janaína Jorge e sua repercussão nos grupos onde atuou, a Janaína como se constituiu professora, seus processos criativos, suas metodologias. Ao iniciar este Trabalho de Conclusão de Curso foi necessário fazer escolhas. Como fazer isso? Então juntamente com a minha orientadora decidimos, em um primeiro momento, fazer uma pesquisa exploratória. Segundo Gil:

[...] pode-se afirmar que a maioria das pesquisas realizadas com propósitos acadêmicos, pelo menos num primeiro momento assume o carácter de pesquisa exploratória, pois neste momento é pouco provável que o pesquisador tenha uma definição clara do que irá investigar (GIL, 2012, p. 27).

A pesquisa exploratória se caracterizou pela visita à família de Janaína, em específico Carmen Lúcia Martins Borges (mãe), Jaciara Jorge (irmã), Jordana Jorge (irmã), Cheila Coelho Paiva Jorge (tia) e Maria Balbina da Silva Jorge (tia). Momento em que contextualizei um pouco da minha história de vida até chegar ao interesse de pesquisar a artista-professora Janaína Jorge. Justifiquei tal postura pelos relatos das pessoas que fui encontrando na cidade de Pelotas, nos espaços que a dança transita, fato que me motivou a pensar sobre a artista-professora que estou me formando. Então lancei a pergunta que norteou o processo da pesquisa. Assim elas foram narrando essa história e, a partir disto, defini o meu foco que foi o caminho formativo na dança da artista-professora Janaína Jorge.

Após a análise da narrativa da família (Vide apêndice A), onde surgiram muitos nomes e diferentes contextos onde Janaína transitou, unindo o questionamento: “Como Janaína Jorge se constituiu artista-professora?” e o objetivo da pesquisa que era desenvolver um estudo sobre os caminhos formativos da artista-professora Janaína Jorge, destaquei 4 professoras de Janaína, onde descrevo a seguir o envolvimento das mesmas.

Logo, através da narrativa da família e das professoras, surgiram nomes de muitas pessoas envolvidas na trajetória da dança de Janaína então para fortalecer a escrita sobre os caminhos formativos da artista-professora foram coletados depoimentos<sup>8</sup>, saliento que não foram analisados.

Ao ler os depoimentos, para incluir na escrita sobre o caminho formativo na dança de Janaína, percebi que um deles era fundamental estar nessa construção, o do colega e amigo Thiago Silva de Amorim Jesus, que fez um fechamento complementando as narrativas das professoras, motivo pelo qual o incluí no processo. Entendo que o Thiago não tenha sido professor de Janaína, acredito que, por acompanhá-la sua formação como colega, percebe de outra maneira essa trajetória, assim finalizando esse caminho formativo da artista-professora.

A partir do material coletado, construí a escrita sobre os caminhos formativos na dança de Janaína Jorge e, posteriormente, realizei a análise, que teve caráter interpretativo, em que busquei olhar para essa escrita construída de Janaína Jorge, atendo-me aos objetivos desta pesquisa.

A partir de agora, apresento o percurso construído para chegar na escrita sobre os caminhos formativos na dança da artista-professora, o qual se divide em oito momentos. Após, demonstro como a análise foi realizada, tendo como material essa escrita de Janaína Jorge.

#### 1º) Coleta das Narrativas

As narrativas foram coletadas com quatro professoras e um colega que participaram da trajetória de Janaína na dança, entre os meses de agosto e setembro de 2018, na cidade de Pelotas. Nos encontros com as professoras, fiz uma

---

<sup>8</sup> Esses sujeitos foram contatados por meio das redes sociais, onde contextualizei o tema de pesquisa e foi perguntado se tinham interesse de enviar um relato sobre Janaína Jorge, no formato de suas preferências, quer seja através de vídeo, e-mail, áudio entre outros. Encaminhei para 10 sujeitos de Pelotas/RS, 4 de Cruz Alta/RS e Tupanciretã/RS, e 9 de outras cidades (Curitiba/PR, Santa Barbara do Oeste/SP, São Miguel do Oeste/RS, Porto Alegre/RS e São Paulo/SP).

breve introdução do que se tratava a pesquisa, contextualizando um pouco de minha trajetória até o momento para, então, ser utilizada a mesma pergunta: “Quem foi Janaína Jorge?” e, a partir disto, foram disparadas muitas lembranças partindo das recordações das professoras.

Quatro narrativas foram feitas pessoalmente, uma na casa da primeira professora de dança (no Ballet Infantil Antônia Caringi de Aquino) de Janaína, Antônia Caringi de Aquino (Figura 1), que abriu a porta de sua casa para relembrar momentos marcantes desta história de vida; Maria Helena Klee Oehlschlaeger (Figura 2), conhecida como “Malê”, hoje professora aposentada da ESEF<sup>9</sup>/UFPel<sup>10</sup>, sugeriu que nosso encontro fosse na praça de alimentação do Shopping Pelotas, foi professora de dança da Janaína em sua escola (Malê Escola de Ginástica e Dança), nas cadeiras de Dança da ESEF/UFPel e no Projeto de extensão GRUD (Grupo Universitário de Dança); Carmen Anita Hoffmann (Figura 3) conhecida como “Carminha”, atualmente professora efetiva do Curso de Dança-Licenciatura e coordenadora da Câmara de Extensão, ambos da UFPel, recebeu-me em seu local de trabalho no Centro de Artes da UFPel, para colaborar com a pesquisa sobre a passagem de Janaína por sua vida; Thiago Silva de Amorim Jesus preferiu que seu depoimento fosse em forma de narrativa, assim nos encontramos no Centro de Artes da UFPel, onde o mesmo encontra-se como professor do Curso de Dança de Licenciatura, onde no presente semestre ministra uma das disciplinas que estou cursando, então antes de iniciar a aula nos encontramos para esse momento; e a última professora a falar sobre Janaína foi Luciana Paludo (Figura 4), que foi professora na UNICRUZ<sup>11</sup> no Curso de Dança Licenciatura e coordenadora do Projeto de Extensão Mimese Cia de Dança– Coisa, atualmente é professora efetiva do Curso de Dança da UFRGS<sup>12</sup>. Nosso encontro foi por vídeo via *Skype*, pois por diversos motivos não conseguimos conciliar as datas de encontro pessoalmente.

---

<sup>9</sup> Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas.

<sup>10</sup> Universidade Federal de Pelotas.

<sup>11</sup> Universidade de Cruz Alta.

<sup>12</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.





Figura 2 - Encontro com Antônia Caringi  
Fonte: acervo pessoal da autora



Figura 3 - Encontro com Maria Helena Oehlschlaeger  
Fonte: Acervo pessoal da autora



Figura 5 - Encontro com Carmen Anita Hoffmann  
Fonte: Acervo pessoal da autora



Figura 5 - Contato virtual com Luciana Paludo  
Fonte: Acervo pessoal da autora

## 2º) Transcrições e coleta dos depoimentos

As transcrições das narrativas foram realizadas em paralelo a coletas dos depoimentos, no período dos meses de setembro a novembro de 2018. Sendo enviados e-mails e mensagens através das redes sociais com introdução da pesquisa e a pergunta: “Quem foi Janaína Jorge?”. Assim foram contatadas 23 pessoas, das quais obtive retorno de 7 depoimentos (6 mensagens e uma narrativa), além de 7 comentários sobre a pesquisa.

## 3º) Leitura das Narrativas

Após a transcrição das narrativas foi efetivada uma leitura aprofundada, com foco no período cronológico e recordações que se repetiam na fala das professoras.

## 4º) Destaque nas Narrativas: a História de Vida de Janaína Jorge

Foram destacados momentos relevantes na trajetória de dança e características pessoais de Janaína, conforme observado no Apêndice C.

#### 5º) Mapeamento das Recordações referências

Destaque na lateral, escrito a lápis, em ordem cronológica, alguns momentos nas narrativas das professoras que se repetiram e palavras marcantes que constituem as recordações referências.

#### 6º) Vínculo de fotos, depoimentos com as narrativas

Juntamente às transcrições das narrativas, foram anexados os depoimentos das pessoas que foram mencionadas ao longo do texto, assim como foi anexadas as fotos de Janaína, compartilhadas comigo pelas professoras e pesquisadas nas redes sociais.

#### 7º) Lista das Recordações Referências e organização em tempo cronológico

Neste momento foram destacadas as recordações referências em ordem cronológica, palavras de momentos relevantes, cidades que foram citadas, nomes de pessoas que contribuíram nessa trajetória e que retornaram com os depoimentos, entre outros.

#### 8º) Escrita sobre o caminhos formativos na dança de Janaína Jorge

A escrita sobre os caminhos formativos na dança de Janaína foi desenvolvida a partir das narrativas das quatro professora e do colega. A partir disso e como base nos relatos analisados da família, foram incluídos os depoimentos, logo, organizei em forma de livro.

Ao perceber a trajetória da artista-professora consigo visualizar os contextos históricos, culturais, sociais, entre outros, assim dialogando com o referencial teórico escrito nos capítulos anteriores. Também me inspirei na ideia de Compreensão Cênica. Marinas (2017, p. 118) *apud* Abrahão (2014, p. 60-61), entende que “a

compreensão cênica implica entender o relato não como uma história linear, acumulativa, mas como um repertório de cenas.”

Organizando as cenas...

Ao olhar para a história na dança de Janaína rapidamente me deparo com um espetáculo, onde vejo quatro cenas construídas pelas recordações referências que emergiram das narrativas. Desta forma organizei o material a partir de momentos importantes em sua trajetória. A primeira cena, *Girassol*, constitui-se na primeira coreografia dançada no balé; a segunda cena, *Sol*, foi inspirada em um trabalho acadêmico do Curso de Dança da UNICRUZ; a terceira cena, *Pôr do Sol*, foi estimulada pelo momento da descoberta da doença que levou ao falecimento de Janaína e, a quarta cena, *Supernova*, é o momento que se caracteriza por uma grande explosão de acontecimentos através dos depoimentos coletados, onde entendo como uma reverberação de sua trajetória. (Vide apêndice D)

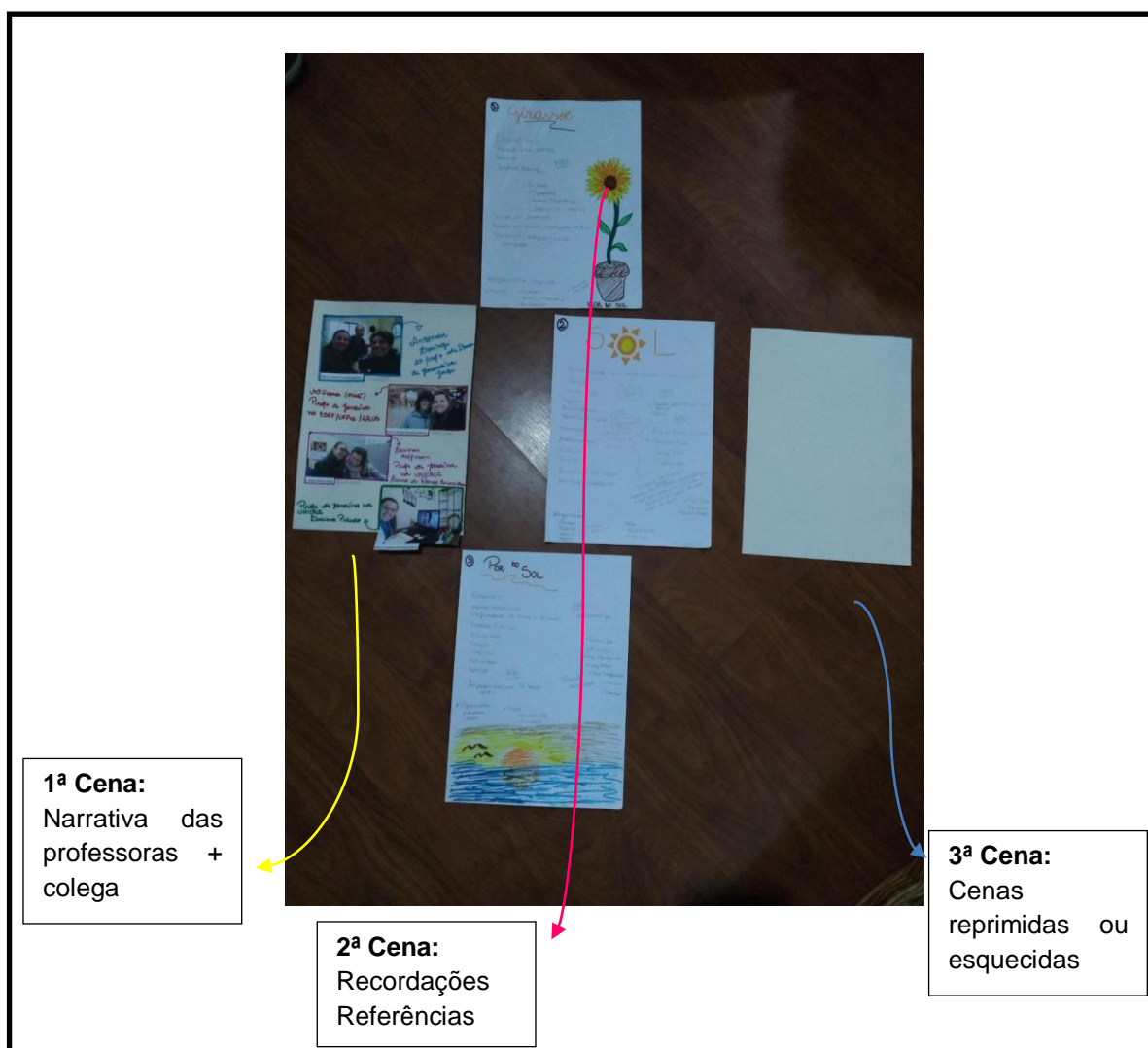


Figura 6 - Inspiração da Compreensão Cênica segundo Marinas apud Abrahão (2014)  
Fonte: a autora, 2018.

A imagem anterior demonstrada se refere às cenas destacadas a partir da inspiração da Compreensão Cênica, onde a primeira cena é constituída pela palavra dada e a escuta atenta, caracterizando-se pelas narraivas das professoras. Na segunda cena são as recoradações referências, organizadas em ordem cronológica, e dividas em 4 subcenas; e, a terceira cena são as memórias reprimidas, momentos esquecidos ou ocultados.

#### 9º) Análise

Após a escrita sobre os caminhos formativos na dança de Janaína Jorge, eis o momento da análise (demostrada a seguir), onde foi entrelaçado as reflexões teóricas que embasam esta pesquisa e a escrita dos caminhos formativos de Janaína em forma de livro. Desta forma, demonstrando os vários contextos que constuíram essa trajetória, com base nos autores que reforçam a importância da formação do artista-professor-pesquisador na área da Dança.

**Observação: Para uma melhor compreensão da análise, neste momento é necessário a leitura do livro sobre os caminhos formativos na dança de Janaina Jorge (Vide apêndice E).**



Figura 7 – Escrita sobre os caminhos formativos na dança de Janaina Jorge  
Fonte: a autora, 2018.

A seguir trago a análise realizada na pesquisa, momento importante para reflexão e maturação das informações até o momento apresentadas.

## 6. Análise

Esta pesquisa teve como objetivo realizar um estudo sobre os percursos formativos da artista-professora Janaína Jorge.

Retomando... Para iniciar o estudo foi solicitada uma conversa com a família para nortear os primeiros passos, assim destacando momentos e pessoas que ajudariam a construir esse caminho. Então surgiram 04 nomes de professoras que participaram de momentos importantes na vida de Janaína Jorge, já citadas anteriormente. Com as professoras referidas, realizei a coleta das narrativas. Surgiram também 23 nomes que contatei para que contribuíssem com a pesquisa, retornando 07 depoimentos que foram de grande relevância.

Desta maneira foi construída a escrita sobre os caminhos formativos na dança de Janaína Jorge a partir das narrativas das professoras e colega, com base na análise da narrativa da família e unindo os depoimentos dos amigos de Janaína, organizada em forma de livro para que mais pessoas acessassem o caminho de formação da artista-professora acompanhado sua trajetória antes, durante e depois de sua graduação em Dança Licenciatura, assim passando a entender alguns caminhos e contextos formativos nesta área. Percebo a partir de Abrahão (2004), que ao escolher o método (auto)biográfico, passei a construir uma parte da história de Janaína através das narrativas e depoimentos que foram relevantes em sua trajetória de vida na dança.

No primeiro momento percebo que Janaína inicia sua trajetória na dança em seu ambiente familiar e ainda criança dá seus primeiros passos para sua formação de Balé no espaço não formal de ensino, agregando as irmãs e a mãe neste contexto. A participação nas produções artísticas que a Escola da Antônia realizava desperta, assim, o gosto pelos bastidores. Identifico aqui a importância dos espaços não formais de ensino para a iniciação do ser humano no mundo da Arte, especificamente da dança. A partir dessa constatação compreendo que a formação inicia-se muito antes de ingressar em uma universidade, mas em outros espaços,

como os destacados no PPC do Curso de Dança da UFPel (2013). Quais sejam: academias, clubes, centros comunitários, entre outros.

É importante ressaltar que nesse período, enquanto formava-se bailarina, concomitantemente Janaína já iniciava sua docência na área da dança, pois além da técnica que era exigida pelo Balé arriscava-se como coreógrafa, apropriando-se cada vez mais da docência em dança. Cabe ressaltar que neste contexto do espaço não formal é comum que as bailarinas ao completarem algumas etapas, já iniciem suas trajetórias como professoras, ministrando aulas nas turmas para crianças. Olhando para a escrita sobre os cainhos formativos na dança de Janaína entendo que ela começa sua carreira docente a partir das experiências vividas nesse período. Constata-se assim que a experiência como bailarina, desperta a docência em dança.

Nesse período também Janaína teve a oportunidade de dançar e conviver com pessoas renomadas do Balé, como Ana Botafogo, Paulo Rodrigues e Nora Esteves. Também passou a frequentar outras escolas de dança em Pelotas, em busca de conhecimentos em outros gêneros. Compreendo que os momentos vividos em espaços não formais, são de grande importância na constituição de Janaína como artista e também professora.

Ao olhar para este panorama, reporto-me a Josso (2009) que destaca a importância de compreendermos o sujeito numa perspectiva singular-plural. Digo isto, pois ao observar o contexto que Janaína inicia sua formação, consigo compreender que os espaços em que se inseriu, refletiu em suas escolhas, instigando a necessidade e vontade de continuar investindo cada vez mais em sua qualificação.

Diante disso, o Curso de Educação Física exercia um papel importante para área da dança, ao ofertar disciplinas deste campo do conhecimento. Foi neste caminho que Janaína optou, em um primeiro momento, para sua formação e qualificação no espaço formal. Desta forma a artista ingressa no Ensino Superior na ESEF da UFPel, por não haver o Ensino Superior em Dança na cidade. Neste lugar formativo, participa de um projeto de extensão GRUD, onde participou em alguns festivais de dança, como bailarina e contribuindo coreograficamente.

Os espaços não formais continuam sendo fundamentais na formação de Janaína, pois é neles que a artista-professora dá continuidade em sua carreira artística e sua docência em dança. Reforço aqui a importância desses espaços na

formação e qualificação do professor de Dança, pois em diversas localidades naquele período ainda não tinham implementado o Curso de Dança, por esse motivo Janaína inicia seu ingresso no ensino Superior no Curso de Educação Física.

A partir das relações que Janaína faz ao longo de sua trajetória nesses espaços, se muda de Pelotas para Cruz Alta, não finalizando o Curso de Educação Física, mas dando início a sua formação no Ensino Superior em Dança na UNICRUZ. Logo se abre um leque de possibilidades e de envolvimento da artista que já era professora e se torna também pesquisadora, pois nesse período além da busca pela qualificação na área desejada, participa de um projeto de extensão Mimese Cia a Coisa vinculado ao Curso de Dança da UNICRUZ, que colaborou para sua formação.

Paralelo a formação no Curso de Dança, Janaína insere-se nos espaços não formais daquela região, participando de diversos eventos dentro e fora da cidade inclusive Festivais de Dança. Molina (2015) ressalta que os festivais e eventos de dança nos anos 1980 e 1990 ganharam forças por serem locais de trocas de experiências entre grupos e artistas, tendo uma importante contribuição na formação dos profissionais de dança. Também entendo que essas décadas fortalecem o surgimento de novos Cursos de Ensino Superior em Dança em diversas regiões do país.

Hoffmann (2015) destaca que a partir do ano 2000, momento em que Janaína ingressou e se formou no Curso de Dança, a procura pela qualificação profissional na área da Dança foi muito significativa. O ingresso de Janaína em uma Licenciatura em Dança, pode ser considerado, segundo Josso (2004), o momento charneira da história de vida e formação de Janaína. O momento charneira é caracterizado por ser um acontecimento decisivo que repercute diretamente na história de uma pessoa, modificando inclusive um percurso de vida.

Observei na escrita sobre os cainhos formativos na dança de Janaína Jorge que esse momento foi de extrema importância para a carreira profissional de Janaína, pois é nesse período que ela se torna ainda mais envolvida e participativa em eventos e projetos, principalmente os realizados pelo Curso de Dança da UNICRUZ. Reforçando aqui a importância da profissão artista-professor que Strazzacappa (2012) contextualiza, onde Janaína ao buscar a qualificação no Ensino Superior não abandona sua trajetória artística em dança, desta forma entrelaçando a sua prática docente.



No entanto, observo que mesmo ao ingressar na segunda graduação, Janaína não investe na produção científica. A pesquisa associa-se somente a prática artística, principalmente como coreógrafa.

As composições que cria são repletas de significados e caracteriza-se por ser uma coreógrafa instantânea. É instigada a criar a partir de uma forma muito espontânea, instigada por um problema, uma teoria. Qualquer questão tornava-se uma coreografia. Outra característica que observo na escrita sobre os caminhos formativos na dança de Janaína Jorge, é a versatilidade em estar ministrando aulas de um gênero de dança, ou mesmo estar coreografando quase que simultaneamente para diferentes gêneros como balé, flamenco, contemporâneo, entre outros. Essa constatação dialoga com Marques (1999), que ressalta a importância do artista-professor não abandonar suas possibilidades de criar, ampliando o processo pedagógico ao aproximar as áreas da Arte e Educação.

Percebo desta forma que Janaína conclui sua formação em Dança e vai em busca de possibilidades, tanto no espaço formal quanto no não formal. Prestou concurso para escola pública na cidade de São Leopoldo, assumindo como professora de dança na Educação Básica, atuando por um curto período, pois logo descobriu que estava doente.

Entendo que Janaína ainda repercute nas pessoas que tiveram em sua convivência, pois os depoimentos e narrativas coletadas me fizeram refletir o quanto ser artista-professora é uma via de mão dupla, onde segundo Josso (2004) “formar é sempre formar-se”. Desta forma sendo um ciclo, assim como ainda é Janaína.

## 7. Como Janaína Jorge se constituiu artista-professora? Considerações finais

Ao retomar a minha trajetória em dança e o início da minha carreira docente, pude analisar alguns caminhos percorridos que me levassem a entender como registrar a formação antes, durante e depois da graduação e Licenciatura em dança da artista-professora Janaína Jorge, pois, ao olhar meu percurso consigo compreender o processo formativo desta e assim entrelaçar as informações.

Busquei demonstrar os aspectos e as influências dos espaços em que reverberam no caminho formativo na dança de Janaína Jorge. Noto semelhanças na trajetória dela com a minha ao observar que ela sempre foi muito ativa durante o seu percurso acadêmico, passando por diversos eventos e projetos, assim como minha trajetória acadêmica no Curso de Dança Licenciatura da UFPel.

A partir das palavras dadas e da escuta atenta, resultaram transcrições que me fizeram conhecer, mesmo que sutilmente, a história desta figura muito importante para a área da dança no estado do Rio Grande do Sul.

Narrativas, depoimentos, documentos e alguns registros acadêmicos me levaram a perceber que Janaína participou, colaborou, instigou e desenvolveu atividades na área da dança tanto em espaços formais e não formais de ensino. Seus familiares, amigos e professores foram fundamentais para chegar a tais fontes.

Após um percurso investigativo intenso, busco responder o questionamento que motivou este estudo: **Como Janaína Jorge se constituiu artista-professora?**

Constitui-se uma profissional que inicia sua formação em um espaço não formal, mas que pelo desejo de se qualificar e crescer ainda mais, busca o ensino formal, ampliando assim, seus espaços de atuação e inserção. É na conexão entre a artista e professora que faz história, deixando sua marca na vida de muitos grupos e pessoas.

Janaina Jorge entre as diversas funções exercidas e suas mais variadas relações pessoais e profissionais estabeleceu-se no âmbito da formação em dança. Neste processo fica registrado a importância da sua formação no ensino não formal, pelo seu contato com profissionais renomados na área da dança e por ela ter tido êxito em criações coreográficas em academias e festivais. Além disso, também foi

de suma importância no espaço formal, pelo seu envolvimento com ações extensionistas universitárias e ministrando aulas em escola pública.

No espaço formal, o qual a dança passou e ainda passa por dificuldades para sua expansão, observamos entrelaçamentos com outras áreas que foram/são fundamentais para a disseminação desta área de conhecimento em que eu e Janaina fizemos e fazemos parte.

Hoje após analisar todo este histórico, percebo que a minha formação e de muitos colegas do Curso de Dança Licenciatura da UFPel está pautada na busca de uma qualificação no que tange a prática docente.

Por esse motivo pude perceber nessa pesquisa a importância dos Cursos de Dança Licenciatura tanto da UNICRUZ, por ser o precursor neste contexto, no estado do Rio Grande do Sul e deste local terem saído ramificações que se perpetuam em outras instituições mesmo após seu encerramento, quanto da UFPel o qual faço parte e me dá a oportunidade de registrar informações pertinentes para a História da Dança no estado e região sul do Brasil.

Essa pesquisa além de contemplar os objetivos propostos, também contribui como exemplo para futuras escritas que visem registrar informações sobre figuras importantes das mais diversas localidades, documentando-as e sistematizando-as, possibilitando o seu acesso posteriormente. Com isso, enfatizo a necessidade de mais escritas envolvendo a História da Dança, dado que esta encontra-se escassa em registros acadêmicos.

## Referências:

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Fontes orais, escritas e (áudio)visuais em pesquisa (auto) biográfica**: palavra dada, escuta (atenta), compreensão cênica. O studium e o punctum possíveis. Curitiba, PR: CRV, 2014. p. 57-77.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa (auto)biográfica em rede**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

\_\_\_\_\_. Memoriais de formação: a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 165-172, maio/ago. 2011.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa (auto)biográfica tempo, memória e narrativas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 201-225.

ANDRADE, Carolina Romano; GODOY, Kathya Maria Ayres. A inserção da dança no contexto escolar: os caminhos de formação do professor de Dança. **Polyphonia**, v. 27/2, jul./dez. 2016.

ARAUJO, Ana Maria Simões. A profissionalização do docente na contemporaneidade. **Anais I Congresso da Associação Nacional de Pesquisadores e Dança - ANDA**. 1ª Ed. São Paulo: Instituto de Artes da UNESP, 2011. p. 100-123.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BORBA, Mônica. **O Projeto de formação de professores do Curso de Dança-Licenciatura da UFPel: Uma trajetória em movimento**. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas 2015.

FALKEMBACH, Maria Fonseca. Tatá dança Simões nas escolas. Anais do II Encontro da ANDA. Salvador, 2011. Disponível em: <<http://www.portalanda.org.br/anaisarquivos/1-2014-9.pdf>> acesso em out. 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2017. p. 1-43.

GOOGLE ACADÊMICO. Disponível em: <<https://scholar.google.com.br/>> acesso em set. de 2018.

HOFFMANN, Carmen Anita. **A trajetória do Curso de Dança da UNICRUZ (1998-200)**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação.**São Paulo: Cortez, 2004. 284 p.

JESUS, Caroline Kummer. **Trajetória dançantes: influências construtivas do ser professor de dança.** Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martins W. Entrevista Narrativa. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MARQUES, Isabel A.; BRAZIL, Fábio. **Arte em questões.** São Paulo: Digitexto, 2012.173 p.

\_\_\_\_\_. Inovação curricular no ensino superior. **e-curriculum.** São Paulo. v.7. n.2. ago. 2011. p. 20. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>> acesso em nov. de 2018.

\_\_\_\_\_. **Ensino de dança hoje: textos e contextos.** São Paulo: Cortez, 1999.

MICHELON, Francisca Ferreira; BORGES, Beatriz Nunes; SCHWONKE, Raquel Santos. **Ballet em fotos:** Escola de Ballet Diclêa Ferreira de Souza. Pelotas: Ed. Universitária-UFPEL, 2004.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. e-MEC. Disponível em <<http://emec.mec.gov.br/>> acesso em dez. de 2018.

\_\_\_\_\_. Fundação CAPES. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/>> acesso em set. de 2018.

MOLINA, Alexandre José. **(Im) Pertinências Curriculares nas Licenciaturas em Dança no Brasil.** 2008 131F. Mestrado (Mestrado em Dança) – Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

\_\_\_\_\_. **Experiência Artística no Ensino Superior em Dança: ativações para um currículo encarnado.** Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

MONTE, Fernanda Christina de Souza Guidarini Monte. **O processo de formação dos professores de dança de Florianópolis.** Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

PASSEGGI, Maria; ABRAHÃO, Maria; MOMBERGE, Christine. **Reabrir passado, inventar o devir: a inenarrável biográfica do ser.** Natal: EDUFRN, Porto Alegre: EDIPUCRS, Salvador: EDUNEB, 2012 p. 29-57.

PASSEGGI, Maria; SOUZA, Eliseu C. O movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas configurações no Campo Educacional. **Investigación Qualitativa.** v.2, n. 1, 2017. p.6-26. Disponível em <<https://ojs.revistainvestigacioncualitativa.com/index.php/ric/article/view/56>> acesso em out de 2018.

PASSEGGI, Maria; SOUZA, Eliseu C; VICENTINI, Paula. **Entre a vida e a formação: Pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização.** Educação em Revista, Belo Horizonte, v27, n1, 2011 p.369-386.

PEREIRA, Marcelo de Andrade; SOUZA, João Batista Lima. Formação superior em dança no Brasil: panorama histórico-crítico da construção de um campo de saber. **Revista da Faculdade de Educação da UFG.** v. 39, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/26443>> acesso em set. de 2018.

PIMENTA, Rosana Aparecida. **Arte, Cultura e Educação e a formação do professor em dança.** Universidade Estadual Paulista. São Paulo. 2016. Tese (Doutorado em Artes) - Instituto de Artes. Universidade Estadual Paulista. São Paulo. 2016.

SANCHES, Roberto. **Josso e o autoeducar-se, narrador.** (Auto)biográfico e formação humana, Porto Alegre: EDPUCRS, 2010 p. 113-119.

SANTOS, Israel Souza. **Perfil de atuação do egresso da Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Alagoas - UFAL.** Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Dissertação (Doutorado em Dança) - Escola de Dança. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SCHAPP, Wilhelm. **Modelos biográficos e escrita de si.** Rio Grande do Norte: EDUFRN. 2014.

SOUZA, Eliseu C. de; ALMEIDA, Joselito B. de. Narrar histórias e contar a vida: memórias cotidianas e histórias de vida de educadores baianos. **Pesquisa (auto) biográfica em rede.** Porto Alegre: EDIPUCS; Salvador: EDUNEB, 2012. p. 31-49.

SOUZA, João Batista. **Arte e docência em discurso: um estudo sobre os projetos políticos pedagógicos dos cursos superiores em dança do Rio Grande do Sul.** Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria 2013.

SOUZA, João Batista Lima; PEREIRA, Marcelo de Andrade; ICLE, Gilberto. Entre Arte e Docência: um estudo sobre o perfil de egresso dos Cursos de Graduação em Dança no Sul do Brasil. **aape epaa.** v. 23, n. 77, 2015. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/html/2750/275041389047/>> acesso em set. de 2018.

STRAZZACAPPA, Márcia. Dançando na chuva ... e o chão de cimento. **O ENSINO DAS ARTES: CONSTRUINDO CAMINHOS**, 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. p. 39-78.

STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. **Entre a Arte e a Docência: a Formação do Artista da Dança**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Vice-Reitoria. Coordenação de Bibliotecas. **Manual de normas UFPel para trabalhos acadêmicos**. Pelotas, 2013. Revisão técnica de Aline Herbstrieth Batista, Carmen Lúcia Lobo Giusti e Elionara Giovana Rech. Disponível em: <<http://sisbi.ufpel.edu.br/?p=documentos&i=7>> acesso em dez. de 2018.

\_\_\_\_\_. Curso de Dança-Licenciatura. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/danca/>> acesso em dez. de 2018.

UNIVERSIDADE DE BLUMENAU. Curso de Dança. Disponível em: <<http://www.furb.br/web/5171/cursos/graduacao/cursos/danca/apresentacao>> acesso em dez. de 2018

VARGAS, Lisete Arnaut. Formação em Dança pra quê? Nossa experiência na UFRGS. **Anais I Congresso da Associação Nacional de Pesquisadores e Dança - ANDA**. São Paulo: Instituto de Artes da UNESP, 2011. 1ª ed. p. 82-99.

WOSNIAK, Cristiane. Bacharelade e/ou licenciatura: quais são as opções do artista da dança no Brasil? **Algumas perguntas sobre Dança e Educação**. Joinville/SC: Nova Letra, 2010. 1ª ed. p. 121-136.

ZANELLA, Andrisa Kemel. **Escrituras do Corpo Biográfico e suas contribuições para a Educação: um estudo a partir do Imaginário e da Memória**. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

## **Apêndices**



## Apêndice A - Narrativa Família Janaína Jorge

Conversa do dia 01/05/2018 com a família de Janaína Jorge.

**Mãe:** Carmen Borges

**Tia 1:** Cheila

**Tia 2:** Balbina

**Irmã 1:** Jaciara Jorge

**Irmã 2:** Jordana Jorge

A pesquisadora iniciou a conversa contando um resumo de sua história, sua relação com a dança e o encontro com a temática ao chegar na cidade de Pelotas/RS. Então chegando a pergunta detonadora: “Quem foi Janaína Jorge?”

**Mãe:** Bom enfim... a Janaína foi uma filha muito amada, uma sobrinha, tá aí duas testemunhas que podem falar isso né, que desde cedo demonstrou né sua paixão pela dança desde os três anos de idade, vai ser difícil nós falar até o final sem se emocionar, mas vou tentar, então... desde uma aninho e meio, desde que ela começou a caminhar ela já dançava e eu fui percebendo aquilo ali, aos três aos dois, aos três anos eu fui procurar para ver se ela podia entrar e me falaram que não, que tinha que ser com quatro anos que era o mínimo pra entra, aí eu falei na Janaína que ela dançava muito, enquanto eu tava falando ela tava dança ali na volta né, e a Antoni percebeu aquilo ali

**Tia 2:** (murmúrio) insuportável (risos) coisa mais querida

**Mãe:** Iiiiiiii... gostaria, aí eu perguntei quanto era o balé né, aí eu vi que eu não podia paga né, aí cheguei em casa e falei acho que pra Cheila, a Cheila tia dela, aí a Cheila me disse assim eu vou paga a dança pra ela, então assim que ela entro. A dança da Antônia ficava ali no anexo do São José, na sala do Colégio São José e ali ela começou a fazer aula de dança né, e já participou do primeiro espetáculo ela e mais quatro meninas, sendo que duas né seguiram a trajetória na dança, outra delas é a Caren que tem a academia né

**Irmã 1:** a Caren Jessen

**Mãe:** a Caren Jenssen né que junto com ela ãã, eu não lembro bem se a Caren se formo

**Irmã 1:** se formo

**Mãe:** se formo no balé, a Janaína foi a primeira a se forma na balé da Antônia, a primeira aluna do balé da Antônia formada em clássico, iiiii passou por várias professoras, por vários mestres né, inclusive do Rio de Janeiro o mestre Emílio Martins, iiiii sempre muito elogiada né pelo trabalho dela e tinha um diferencial, ela era gordinha né, então... ããã desde os três anos assim né, eu me lembro bem na primeira apresentação dela, de todas as meninas ela era a única que acertava os acentos das músicas né, aos três anos, esse é o Emílio Martins, né já falecido né professora da Ana Botafogo, Paulo Rodrigues né vários

**Irmã 1:** Ele era a única pessoa autorizada a remontar o *La Fille Mal Gardeé* aqui no Brasil

**Mãe:** E ele monto *O Guarani* com a Antônia, monto.. o que mais

**Irmã 1:** a Sissi

**Mãe:** Sissi a imperatriz

**Irmã 2:** É que a tia Antônia era meio locona assim ela trazia esse pessoal do Rio de Janeiro do balé municipal

**Mãe:** Isso

**Irmã 2:** trazia tudo que ela podia, então cada ano pelo menos tinha uma pessoa diferente aqui (suspiro) era muito legal  
(murmúrio)

**Tia 1:** ela trouxe a Ana Botofogo né

**Irmã 1:** ela trouxe quatro vezes a Ana

**Tia 1:** é a primeira vez eu vi

**Irmã 1:** (murmúrio) trouxe o Paulo Rodrigues tem algumas fotos deles aqui, ããã

**Mãe:** a Nora Esteves, ela danço com a Nora Esteves

**Irmã 1:** e a gente dançava com a Ospa tocando ao vivo

**Mãe:** com a Orquestra da Ospa (murmúrio), a primeira vez que a Orquestra da Ospa esteve em Pelotas pra acompanhar um balé, foi com o balé da tia Antônia no Guarany né, e a gente danço em Porto Alegre, danço no São Pedro, danço onde mais em Porto Alegre...

**Irmã 2:** em Brasília

**Mãe:** em Brasília né, tudo com a Companhia da Antônia, e a Janaína sempre acompanho isso aí, sempre fazendo parte do corpo de baile, ela nunca chego... ela foi professora com doze anos no balé né, começou a dança lá em tinha uns doze anos

**Irmã 1:** para os *Baby*

**Mãe:** pra os babyzinhos né, substituindo assim quer dizer, oportunidades que davam pra ela né, e assim ela foi levando a caminhada dela, ã aqui tá aos três aninhos né

**Irmã 1:** acho que tá aqui dentro do álbum a foto das quatro, da Nisi Michele que também já faleceu, aqui, mostra ali pra Carol

**Mãe:** aqui elas quatro juntas ó... elas (murmúrios)

**Irmã 1:** a Caren bem bem novinha aqui

**Mãe:** a Caren, a Caren tinha quatro anos, a Janaína era a mais novinha tinha três, essa acho que tinha cinco anos, não lembro bem, essa é filha da, do (murmúrios) e da Ivete

(conversas paralelas)

**Tia 1:** Assim ó ããã... a Carminha tinha ido na Antônia, eu morava em Porto Alegre e eu vinha nos finais de semana com a mãe né, a mãe tava morando aqui ainda aí eu cheguei lá na Carminha i tava a televisão ligada i tava dando um espetáculo de balé i a Janaína tava dançando i eu perguntei pra ela assim “que isso minha filha?”, i ela que ela era muito expressiva, uma coisa assim, nem bola pra minha cara, continuou lá, aí a Carminha, eu disse assim “Carminha por que ela não tá no balé né”, aí a Carminha disse “eu fui vê eu fui vê lá na tia Antônia, eu fui vê mas a gente, a gente não tem condições de paga”, aí eu olhei pra Janaína e disse assim “tu que é í minha filha?” aí ela olho pra mim e disse “eu quero”, porque eu tenho uma ligação muito forte com os meus sobrinhos, mas a Janaína... ela me deu a alegria de tá na minha casa e aos cinco meses de idade, ii... ao invés dela dizer papai, mamãe, vovó, a primeira palavra dela foi titia, tia

**Mãe:** tia

**Tia 1:** tia, i quando eu cheguei em casa que a mãe e a Carminha vieram me contar eu disse tá já sei foi mamãe não, foi papai, não foi vovó não i ela olho pra mim i tia, ah peguei ela no colo e ela cinco meses eu apertei apertei i ela grito né, aí eu vi que tava machucando ela né, então assim onde quer que a gente fosse, eu e a mãe, ela dizia pra Carminha e pra o Tuca “eu vou sentir saudade mas eu vo”, que ela falo perfeito com nove meses né (murmúrios) i quando eu perguntei pra ela se ela queria, ela disse que queria, aí eu disse pra Carminha, “Carminha pode matrícula ela eu pago” aí meu irmão disse assim “vais bota dinheiro fora”, eu digo “vamo vê”, por que

pelo jeito que ela tava na frente da televisão eu sabia que não tava botando dinheiro fora, que ali era a oportunidade de surgir a Janaína que foi (alguém tossiu) né, aí depois, a Antônia ããã ela fazia os ensaios e a Janaína ensaiava pra o espetáculo di final di ano no Guarany e não saia fica vendo as outras tudo, i ela tinha na cabeça dela todos os espetáculos, ela sabia a função di cada uma, aí teve, eu não assisti esse ensaio, mas teve um ensaio que tava em Pelotas e eu fui com a Carminha, termino o ensaio dela e vamos embora, “não tia eu tenho que estudar” foi o que ela respondeu pra mim, tá, aí faltou num ato uma menina, i a Antônia falou com o pessoal daquele ato quem é que podia substituí, ninguém sabia

**Mãe:** a coreografia

**Tia 1:** a coreografia, cada um sabia a sua, i a Janaína sentada pequenininha na platéia “eu sei tia Antônia”, a Antônia disse “tu sabe?”, fico toda arrepiada, “tu sabe Janaína” “eu sei” “então vem”, a Janaína fez aquele ato, aí passo o segundo ato no terceiro ato aconteceu a mesma coisa, ninguém sabia a Janaína “eu sei tia Antônia” aí a Antônia chegou pra ela e disse assim “tu sabe tudo Janaína?” “sei tia Antônia”, e aí foi, todo mundo fazia ponta depois dos onze anos doze a Janaína fez antes

**Mãe:** não ela fez com doze, é com doze

**Tia 1:** e e e era depois dos doze

**Mãe:** é

**Tia 1:** a Janaína fez com onze (murmúrios)

**Mãe:** eu não tenho muita lembrança...

**Tia 1:** a Janaína fez um ano antes, por causa disso, tinha que u u um dos espetáculo era na ponta do pé e a Antônia não botava que podia deformar i ela disse que sabia fazer i ela mostrou e fez, então ela, ela foi adiantada sempre em tudo Carminha, aí tá, depois que ela já tava, já a até ensinando as *baby*, surgiu em Porto Alegre né, na Sorgipa, um uns um um um... umas aulas adiantada, e que veio convite pra Antônia, e todas as meninas que podiam i aí a Antônia perguntou pra Janaína “Janaína tu não que i?” e ela disse assim “não por que...”, tinha que pagar extra né, i nessa altura a Antônia já tinha liberado a Janaína das mensalidades, então...

**Mãe:** na realidade ela só pagou só uns seis meses

**Tia 1:** é

**Mãe:** houve um problema de doença com a Antonella i ela fez uma promessa né, i que se a Antonella ficasse bem se curasse ela daria bolsa de estudos e deu pra Janaína, e assim outra coisa interessante, a Janaína chegava do balé das aulas ela ensinava as meninas da rua na calçada, ela ensinava tudo que ela aprendia ela ensinava, o que acabou levando essas meninas todas pra o balé, foram a Mônica...

**Irmã 1:** a Andréia

**Mãe:** depois eu te mostro, a Andréia...

**Irmã 1:** a Fernanda, a Vivi

**Mãe:** a Fernanda, a Vivi, a... qual é a outra ali, a Adriane

**Irmã 1:** tem foto dela com a Adriane aqui

**Mãe:** tem foto dela com a Adriane aqui...

**Irmã 1:** tem

**Mãe:** ã ã as meninas tudo de cinco seis anos...

**Tia 1:** as amiguinhas dela

**Mãe:** acabaram entrando no balé com bolsa, por que a Janaína ensinava as coreografias as elas chegavam na aula já sabiam as... aulas (murmúrios)

**Irmã 1:** a Adriana, ela a Paula e a Adriana

**Mãe:** a Janaína, a Adriane e a Paula Fonseca

(toca um celular)

(nesse momento mostravam as fotos para a pesquisadora)

**Mãe:** isso... Paulo Rodrigues, inclusive eu dancei o balé, dancei O *Guarani*, dancei...

**Irmã 1:** di índio

**Mãe:** o que mais eu dancei, eu dancei três vezes a...

**Irmã 1:** a *Sissi*

**Mãe:** a *Sissi a Imperatriz*

**Tia 1:** ai ai quando a Janaína ganho a bolsa, nu nu nos dois primeiros anos a Antônia cobrava a metade da matrícula, depois ela não cobro mais porque, por causa que das coisas que a Janaína ajudava e a Carminha, porque a Carminha tem uma habilidade muito grande em artes assim... é borda

**Mãe:** adereços (não entendi)... essas coisa tudo eu fazia

**Tia 1:** adereços aí a Carminha se oferecia, ah às vezes tinham dificuldade de encontrar gente aí Carminha “isso aí eu faço”, então fico assim, então a única coisa que às vezes que a gente tinha que dá pra Janaína era alguma, era alguma cisa da roupa que ela ia dança

**Mãe:** sapatilha de ponta alguma coisa assim

**Tia 1:** é

**Mãe:** um tecido mais caro assim

**Tia 1:** é é era muito pouco, perto do que se a gente tivesse que paga tu né

**Mãe:** tudo isso fico no acervo da Antônia que a Antônia acabo doando mais tarde pra Dicléia quando ela fecho a escola, ela doou todo acervo da escola as roupas pra, pra escola né pra escola da Dicléia

**Tia 1:** é

**Mãe:** mas tudo... sempre assim...

**Tia 1:** com a com a... história di não paga o Balé ã... quando surgiu a oportunidade de a Janaína de fazer algumas aulas a gente morava em Porto Alegre não precisava paga hotel nem nada ficava comigo lá, ã ã

(toco celular)

**Tia 1:** aí eu pagava pra ela o curso das aulas lá aí ela foi fazendo, e aprimorando, aí começo o jazz, começo o sapateado né Carminha

**Mãe:** sim

**Tia 1:** aí começo toda as outras bifurcações né

**Mãe:** os professores que a Antônio trazia...

**Tia 1:** os contemporâneo

**Pesquisadora:** aí ela já adolescente daí

**Mãe:** já era adolescente uns treze ano quatros ano, mas com onze anos ela começo o sapateado também, quem dava era a Meg, Margaret Travessi

**Irmã 1:** Margaret Travessi

**Mãe:** é Travessi a Meg que dava sapateado que tinha curso especializado

**Irmã 1:** os curso que se fazia na época assim... ela ia a Nova Yorque fazia um curso de seis meses na *Broadway*

**Mãe:** isso ela e a Alessandra que foram pra Nova Yorque né

**Irmã 1:** não a Alessandra foi mas não foi pra faze sapateado

**Mãe:** tá mas foi outra coisa que ela levo outra bailarina pra faze sapateado com ela

**Irmã 1:** foi foi

**Mãe:** eu não lembro

**Irmã 1:** foi mas eu acho que não era junto assim, a Malê também foi

**Mãe:** tá, a é a Malê também fez é

**Irmã 1:** mas não foi pra Antônio

**Mãe:** então... assim a antônia sempre foi uma pessoa assim que era a frente do tempo dela nessa questão né, ã... eu acho assim que a Antônio introduziu o sapateado aqui, introduziu o jazz , depois todas as outras foram seguindo né e o pessoal da educação física também que era o caso da Malê, outro caso a Anaí também né, Anaí Sanches né, são pessoa que viu ela trabalha depois vieram trabalhar junto em várias ocasiões né, na cidade fora daqui, a Antônio sempre colocava as crianças em festivais né vinham pra Rio Branco, Jaguarão né

**Irmã 1:** pra Bento...

**Mãe:** pra Bento, pra...

**Tia 1:** a Janaína...

**Mãe:** o festival da Sogipa também, aí a Janaína já não tava mais na Antônio, ela formo um grupo com outros bailarinos foi tiro, foi e se sagro campeã lá no sapateado botando samba com sapateado...

**Tia 1:** a Janaína...

**Mãe:** um solo de repique com sapateado e tiro primeiro lugar também na Sopipa

**Irmã 1:** também danço, esse grupo foi o dela

**Mãe:** foi

**Irmã 1:** dançaram no Dança Sul também

**Mãe:** dançaram no Dança Sul

**Irmã 1:** tem fotos do dança Sul aqui iiii no Lindóia Tênis Clube danço também

**Tia 1:** ela foi num dos festival da Sogipa, ela resolveu dança a história de uma bailarina

**Irmã 1:** tá aqui a Isadora Duncan

**Tia 1:** isso, só que é, o que ninguém sabia das menininha que tavam na platéia, é que a Isadora Duncan também era gorda, e a Janaína fez esse espetáculo por que ela também tava gorda, só que quando chamaram a Janaína, que a Janaína entro, entro no palco as meninas que tavam atrás di mim, começaram "rarará ela não sabe dança ela é gorda" sabe, e eu olhei pra trás e disse assim "esperem o espetáculo" foi só o que eu disse, bom essas meninas aplaudiram di pé e uma dizia pra outra "eu não acredito eu não acredito", porque, aí nesse dia, não não não tinha ã colocação de primeiro lugar, porque eles estabeleceram uma nota pra primeiro lugar depois segundo e terceiro né i i um dos jurados deu um ponto a menos do que seria o primeiro lugar, então não houve primeiro lugar i i o segundo lugar fico no lugar do primeiro que foi a Janaína, que venceu né, foi um dos espetáculos que a mãe mais choro, porque foi, uma loucura assim a Janaína no palco i i essas coisa assim

**Irmã 1:** ela tava no GRUD e tal, ela tava na Educação Física quando ela fez isso

**Tia 1:** é é

**Irmã 1:** quando ela foi participa

**Tia 1:** a Janaína fazia coisas ã que muita gente duvidava, inclusive a nora da da Balbina, por que a Janaína brincava muito com o Lucas, o Lucas era pequenininho, i o Lucas disse assim pra ela "tu não planta bananeira" i i ela disse assim "planto sim meu filho" "não, tu não planta Jana.. Janaína"

**Tia 2:** "tu não abre as pernas"

**Tia 1:** "tu não abre essas perna" aí a Janaína disse assim "á não abro" e planto a bananeira

**Tia 2:** aí isso foi antes né Cheila, foi um dia lá depois que aconteceu

**Tia 1:** sim sim (murmúrios) não aí ele chego em casa e conto né "mãe a Janaína planta bananeira" e a, a Camila disse assim "vai menti pra outro ela não planta, não sei o que", aí a Janaína tava lá no no Neimar e a camila chego lá com ele

**Tia 2:** não ele tava lá e a Camila chego lá no Gusmão  
(conversa paralela)

**Tia 1:** é aí ela pego e falo “deixa uma hora ela vai vê”, aí quando teve a oportunidade a Janaína planto a bananeira, “o meu filho não mentiu pra mim” (risos)

**Tia 2:** aí ele espero ela pra brinca depois (murmúrios)

**Mãe:** Lucas é o neto dela

**Tia 2:** ali aquele loirinho (mostrou porta retrato com a foto do neto que estava na estante da sala) i ele, a Janaína bateu, chamo no portão i o Lucas fico na porta do quarto que tem ali, aquela porta ele esperava ela assim, e a janaína entro e eu disse “é hoje Janaína”, aí ... o que tinha no caminho aí ela entro numa porta e ela entro assim *esplef* entro no *spacate*, primeiro ela fez a estrelinha, depois ela volto e fez um *spacate* e ele fico assim ó, ele foi chegando, ele foi chegando, foi chegando fez po-sição de lótus na porta na outra portinha da televisão fico olhando pra ela, volto e não disse nada pra o quanto onde ele tava, pego as varetas é isso aí que a Janaína chamo a atenção, ele não brincava ela queria brinca com ele e ele não brincava

**Tia 1:** é

**Tia 2:** pego as varetas papelzinho, lápis i vamo brinca, a partir daí ele esperava todas as segundas-feiras pela visita dela pra eles joga vareta

**Mãe:** (risos)

**Tia 2:** amizade pra sempre

**Mãe:** e assim a Janaína começo a fazer Educação Física né, fez vestibular passo pra Educação Física que era o único Curso que tinha uma disciplina de Dança né, que era o que interessava pra ela, ela começo a fazer e descobriu eu acho que a Carminha

**Irmã 1:** foi no Festival de Santa Maria

**Mãe:** no Festival de Santa Maria, foi né

**Irmã 1:** foi no Festival de Santa Maria, ela foi pra o Festival de Santa Maria com alguma coisa do GRUD, i daí lá ela encontro, isso foi em doi mil iii noventa e oito

**Mãe:** noventa (risos)

**Irmã 1:** noventa e oito o Curso tinha rescém iniciado em Cruz Alta i daí ela... tava quase se formando aqui né mãe

**Mãe:** siiim

**Irmã 1:** a mãe quase teve um treco (risos)

**Mãe:** quase tive um treco

**Irmã 1:** (risos) tava no sétimo semestre, aqui em Educação Física aí ela chego do Festival de Santa Maria que acontecia em setembro, ããã encontro o pessoal do Curso de Dança lá a Carminha, a Rubiane que era da primeira turma, a Kalinka e tal, iii

**Mãe:** aí se apaixonou

**Irmã 1:** iii aí (risos) foi quando ela descobriu que tinham criado o Curso de Dança

**Mãe:** aqui no Rio Grande do Sul né

**Irmã 1:** aiiii enloqueceu e disse (risos) chego em casa e disse pra mãe “dezembro to me mudando pra Cruz Alta vo fazer faculdade de Dança lá”, i a mãe “como assim faculdade de Dança? tá minha filha mas tu vai acaba Educação Física” “não vo usa essa porcaria pra nada na minha vida, não vo faz” i a mãe desesperada “pelo amor de Deus minha filha se tua acaba, falta um semestre tu vai acaba...”

**Mãe:** depois tu vai lá e faz

**Irmã 1:** ...tu vai te uma profissão” (risos) a mãe dizia pra ela, “minha profissão não é essa, eu vo embora i vou fazer ii não quero mais fazer nada” i ela foi embora...

**Mãe:** i assim ela fez



**Irmã 1:** em noventa e nove ela ingresso no Curso

**Mãe:** ela junto as roupas dela numa mala, uma mala maleável assim, uma bolsa desse tamanho aqui assim, boto tudo melhor que ela tinha ali dentro, boto nas costas, subiu num moto táxi com cinquenta reais no bolso e foi, fiquei desesperada né, nessa época... (murmúrios)

**Tia 1:** ela não tinha nada, nada, ela foi

**Irmã 2:** ela foi, lá eu descubro, foi tipo isso (conversas)

**Mãe:** na matrícula ela fez amizade, com a japonezinha

**Irmã 1:** com a Piu

**Mãe:** com a Piu, a Piu deu moradia pra ela deu abrigo pra ela, e daí ela já conseguiu emprego

**Irmã 1:** na época, a Piu é.. Nisei filha de Japonês, na época o pai dela e a mãe dela estavam no Japão então ela tava com a csa só pra ela e a irmã, não...

**Irmã 2:** a irmã dela morava no Japão também

**Irmã 1:** a irmã dela morava no Japão, a irmão dela é cantora no Japão mora lá até hoje iii ela só tava com uma prima dela morando, que era a Dani, ii daí ela assim “tchê tu não tem onde fica, fica lá na minha casa” (risos) a Piu falo pra ela ssim “dor0me lá até quando puder, quando tu tiver necessidade fica ali, só tá eu em casa e minha prima e tchau” i foi, ela foi e fico na casa da Piu, nem conheceu, conheceu na matrícula

**Mãe:** e dali, mas antes ela recebeu um telefonema da Carminha

**Irmã 1:** aham

**Mãe:** convidando ela a fazer a faculdade de Dança lá, ii assim a Carminha lá foi a mãe dela né, era pra onde ela recorria quando ela precisava, quando ela tava triste tava chateada ou quando tinha algum problema ou quando tava tudo bem, tudo ela recorria à Carminha lá né, i muito pouco dinheiro eu podia manda pra ela daqui pra lá né, ou quase nada

**Tia 1:** eu eu ligava ou ela ligava lá pra casa, eu “Janaína pelo amor de Deus como é que tu tá vivendo Janaína” “a mãe me mando uns trocado i eu consegui dá aula não sei pra quem...

**Mãe:** em Tupaciretã

**Tia 1:** iii to me virando” eu digo “tá Janaína não tenho muito pra ti manda, mas vou te manda alguma coisa” “ii tia não ti preocupa que eu to me virando muito bem aqui” muito bem mal né, porque tudo era abaixo de dinheiro né, mas ela sempre dava um jeito de dá uma aula, não interessava a onde fosse, se era em Santa Maria, se era em Tupaciretã, se era em Jóia né... (murmúrios)

**Irmã 2:** aquela região tem muitas micro cidades na volta, então em todas ela dava aula assim (conversas), no ráioi de duas horas tinha quinze cidades, não é que nem aqui que é tudo muito longe né

**Irmã 1:** ã a gente tava risada ela contava e a gente se matava rindo, porque ã, uma das colegas dela também, então todo mundo que trabalhava, que fazia aula no Curso de Dança dava aula na cidade ou região

**Mãe:** trabalhava também

**Irmã 1:** porque a faculdade era paga, tinha paga moradia quem não era di lá i alimentação enfim, aí (risos) u m dia um disse assim “hoje eu vou dá aula em Fortaleza” e a Janaína “aaaaaa que massa né (risoso)” “é eu volto de tardezinha” “oi como assim (risos) tu vai pra Fortaleza e vai volta de tardezinha (risos) né”, era Fortaleza dos Valos, uma cidadezinha que a gente nunca tinha (risos) escuta na vida

que era também do lado de Cruz Alta, ã daí era piada, contava vou em Fortaleza e volta daqui a pouquinho, porque a gente nem imaginava (não entendi), eu também quando fui pra lá descobri um monte de cidadezinhas que eu não fazia ideia assim (conversas)

**Mãe:** um dia ela me ligo e disse “vou aluga um apartamento”

**Irmã 1:** mas a Janaína ã... só vou te interrompe um pouquinho mãe, quando ela começo lá a dá aula, ela foi substituí uma professora em Tupaciretã, que era aluna do Curso de Dança, era aluna da primeira turma i ela tinha, trabalhava numa academia lá, i.. ela teve câncer, câncer de mama, aí ela não podia continuar dando aula, ela dava aula de clássico lá i daí ela pediu pra Janaína, ela sabia que a Janaína dava aula de clássico pra substituí ela enquanto ela se tratava, i a Janaína chego lá (riso), a Janaína chego lá e ela foi apresenta a academia, apresenta as alunas e tal i ela disse “não, minhas alunas são todas formadas em clássico” aí a Janaína “que maravilha! Vou me dá pra trabalha aqui” e não sei o que, enloquecida e tal, “as minhas alunas são todas formadas” i começo a fala, apresenta a escola, apresenta as alunas i as alunas tavam lá, “Janaína eu quero que tu dê aula pra... que eu veja como tu trabalha né, pra sabe que tá tudo bem, pra sabe de tu substituir não sei o que” e a Janaína “não tem problema nenhum” “não, tu vai começa com as minhas alunas formadas” e a “Janaína tá ótimo! á me dei né”, as gurias estava se colocando, “gurias vão pra barra, não sei o que” e a Janaína deu toda instrução, pra aula verbalmente pra elas executarem o exercício, e elas ficaram paradas olhando pra ela, aí a Janaína disse assim “podem fazer gurias”, e a Janaí... e as gurias olharam pra professora né, assim e a professora assim “vai gurias, não sei o que, podem fazê”, aí a Janaína começo a fica nervosa e disse assim “gente eu vou passa a instrução” daí falo di novo, e ela não responderam, aí a Janaína se deu conta que as alunas formadas não sabiam nada, as pessoas tinham dez, doze anos de clássico i não sabiam nada, iii... a Janaína começo a fica nervosa i começo a demonstra i demonstra “á faz isso, faz aquilo” aí ela começaram a fala passos que eram semelhantes aos passos do clássico com outra nomenclatura iii.. só que fazendo errado, a jana começo a se desespera e tal iii.. mas deu a aula, volto pra casa e ligo lá pra casa i eu atendi, a janaína chorava em prantos “(solução de choro)” e fazia assim “eu fui dá aula (choro)” “Janaína o que aconteceu (desespero)” pensei se mato no caminho, sei lá caiu, não sei, foi atropelada, não sei, até ela consegui me dizer o que estava acontecendo demoro assim uns quinze minutos no telefone, ela assim “Jaci fui dá aula pras alunas formadas i as gurias não sabiam nada, o que essas pessoas tão fazendo aqui...” e começo a chora “o que que eu vou faze pra dá aula nessa cidade, eu preciso comeeeee” (risos) ela dizia assim “eu vou te que dá aula pra essas pessoas que não sabem nada e são formada o que que eu faço? Como é que eu vou fala pra elas que tudo que elas sabem é errado” né, aí ela começo a trabalha lá, em seguida depois do tratamento da professora, essa professora saiu da academia, i abriu uma escola própria i levo a maioria dos alunos dessa academia, pra o espaço dela que ela abriu, algumas pessoas que eram alunas dela ficaram na academia porque os pais se davam muito com a proprietária da academia que era a Mitisi

**Mãe:** a Mitisi

**Irmã 1:** a Mitisi era a dona da academia, da Physical Academia em Tupaciretã, aí algumas pessoas que tinha uma ligação muito íntima com a Mitisi ficaram na escola, a Janaína fico assim com dez alunos no máximo da escola inteira, de vários adiantamentos, e a Janaína disse “tá Brasil, o que que eu vo faze, vou trabalha com essas pessoas i era isso” né, uma dessas pessoas era a Aline Silveira, se formo no



Curso de Dança também na UNICRUZ que era da minha turma, ã... e a Aline já era, era uma dessas alunas formadas e ia só nos finais do ano assim pra lá pra se apresenta porque ela era muito conhecida e ela fazia também cursinho em Santa Maria, tinha feito uns dois três vestibulares pra Medicina i não tinha ãã.. entrado assim na Medicina da UFSM, daí (riso) quando ela volto lá ela começo á, o que aconteceu com a Aline, a Aline teve que se muda pra Santa Maria i ela resolveu se matricula numa escola pra continua dançando clássico e se matriculo na escola da Ivone, quando chego lá a Ivone fez a mesma coisa que a Janaína, deu as instruções e ela não sabia faze nada, i ela entro em choque porque ela era formada em clássico e não sabia absolutamente nada do que as do básico sabiam na escola da Ivone, daí ela começo a faze aula, retor retornando pra Tupã e tal, retorno fazendo aula ii... conto tudo isso pra Jana assim, daí a Jana disse “tu danço a vida inteira, tu gosta de dança porque tu não faz faculdade de dança” e começo a mete uma pilha nela, aí ela se inscreveu no vestibular e fez na mesma turma que eu i a Aline aos pouco foi reestruturando a prática do clássico dela i começo a trabalha com as babys porque aí a Janaína começo a forma ela, pra pode dá aula e tal, no resumo da ópera a Janaína tava com um escola lá, a parte de dança da academia era gigantesca, imensa porque daí a Janaína começa a trabalha com outras coisas, com clássico, jazz i depois com a parte de folclore, foi lá que ela iniciou o trabalho com folclore brasileiro

**Mãe:** em Tupã

**Irmã 1:** foi em Tupã, ii... a partir dali ela fez horrores com dança, até o último ano que ela trabalho, que ela fez paqueta com todas as meninas que dançavam, dançando de verdade com um bailarino o Fernando, que era um bailarino de Passo Fundo

**Mãe:** Fernando Paludo

**Irmã 1:** não foi o Fernando Paludo

**Mãe:** não Foi o Fernando?

**Irmã 1:** não, o fernando Paludo nem trabalhava lá, aí o Fernando que era um bailarino lá de Passo Fundo ãã foi o primeiro bailarino do espetáculo e as gurias dançaram com *partner* com tudo, com coisas que Tupã nunca tinha visto, que Tupã é uma cidadezinha minúscula né, qualquer coisa que tu faz com ança com Arte, qualquer atividade lota porque as pessoas são sedentas por cultura

**Irmã 2:** vinte mil habitantes mais ou menos, vinte e mil habitantes

**Irmã 1:** tem milhões de grupos de dança, milhões de CTG, milhões de coisas tudo naquela cidadezinha que é minúscula, ãã.. e isso assim, era foi fantástico assim, foi um trabalho de superação que ela desenvolveu lá, mas durante uns três meses ela me ligava chorando quase todos os dias dizendo “eu quero ir me embora, eu não quero mais dá aula lá” (risos) mas foi muito legal assim, foi jóia o trabalho que foi construído foi jóia muito legal

**Pesquisadora:** i paralelo...

**Irmã 1:** a isso?

**Pesquisadora:** sim

**Irmã 1:** ela continuo fazendo faculdade, daí na faculdade ela desenvolvia outra coisa, ela crio a Companhia de Dança da UNICRUZ, que era uma Companhia feita só com os acadêmicos assim, era um grupo da faculdade que ela crio

**Irmã 2:** era tipo o GRUD aqui

**Irmã 1:** ela ela

**Irmã 2:** tipo o GRUD

**Irmã 1:** é, só que ela criava coreografias e tal, e ela fez um espetáculo chamado Negros Montes que era baseado só na obra do, nas gravações do Orwaldo Montenegro, então toda trilha do espetáculo era ãã... com o Oswaldo Montenegro cantando e tal, iii... e ela começou a, i ela continuo ali fazendo um monte de trabalho e a partir dali ela, quando ela começou a leva pra o Dança Estudantes, minto pra o Dança Universitário essa faixa do du, esse apêndice do Santa Maria em Dança foi feita pela criação do Curso de Dança lá, então aí a UPF que era a Universidade de Passo Fundo criou um grupo de dança também, que era organizado pela Cinara que era dona da Petipá lá em Passo Fundo e a Cinara convidou a Jana pra coreógrafa, então a Jana coreografava os dois grupos universitários fortes da região, então a gente debochava porque quando ela perdia ela perdia pra ela mesma porque ou era o grupo do UNICRUZ que ganhava ou era o grupo da UPF, então ela coreografava os grupos universitários i dali ela começou a dar oficinas em várias cidades, daí o *workshop* e oficina de vários gêneros de dança iii... foi convidada pra...

**Mãe:** dança do ventre né

**Irmã 1:** siiim ela ãã.. no dança Cruz Alta a gente fazia... convidava muitas pessoas grandes no mundo da dança, Sylvie Fortin que é aquela francesa que trabalha com Educação Somática, isso eu vi lá, isso foi lá em dois mil e dez em Joinville, isso em dois mil e um, dois mil e dois já tava em Cruz Alta, então... muita gente legal, então o Paulo Caldas, o Lako, o Mário Nascimento, vários coreógrafos renomados assim, iii...a Jana até dançou uma obra do Mário pela Mimese companhia de dança coisa, fundada pela Lu Paludo

**Mãe:** Otávio Nassur também

**Irmã 1:** sim, ela trabalhou com o Otávio depois lá em Curitiba

**Mãe:** é em Curitiba ela trabalhou com o Otávio

**Irmã 1:** ãã... então foi aí que ela começou a dispor assim... pr... resto do país assim, porque lá ela começou a levar trabalho pra os festival e as pessoas começaram a querer ela trabalhando junto então ela era coreógrafa de várias companhias, aqui ela já era, porque aqui ela trabalhava em Rio Grande, trabalhava em Jaguarão, levava trabalhos assim pra vários lugares, mas lá em Cruz Alta ela foi dispor pra o resto do país assim né, tanto que ela terminou a faculdade e foi pra Curitiba trabalhar com o Otávio, trabalhava com composição coreográfica lá com o Otávio Nassur ii, dava aula de dança contemporânea lá, de lá ela conheceu indo pra festival de dança, conheceu a Fernanda do Laboratório de Dança Fernanda Araújo de Santa Bárbara do Oeste lá em...

**Tia 1:** São Paulo

**Irmã 1:** São Paulo, trabalho dois anos eu acho, dois anos ou um ano e meio? ah não lembro

**Mãe:** um ano e meio

**Irmã 1:** acho que foi um ano e meio

foi um ano e meio, depois teu pai faleceu

**Irmã 1:** isso aí, ãã.. um ano e meio lá com a Fernanda iii depois veio pra o Rio Grande do Sul e trabalhou na Companhia de Dança de Caxias, depois foi trabalhar em São Leopoldo

**Mãe:** aí ela dirigiu a Companhia de Dança de Caxias

**Irmã 1:** não ela não chegou a dirigir, ela dirigiu alguns trabalhos

**Mãe:** é alguns trabalhos, alguns trabalhos

**Irmã 1:** ii ela coreografava e ensaiava a Companhia,iiii isso assim, foi dispor assim

**Tia 1:** depois aqui com a Berê né que ela também

**Irmã 1:** ah na volta ela trabalho com a Berê também isso

**Tia 1:** foi quando eles montaram o a Nal....

**Mãe:** a Nal dos Sentimos

**Tia 1:** Nal dos Sentimentos

**Irmã 1:** uhu.. o espetáculo da Berê antes do Pólen

**Tia 1:** e que foi que foi em várias, Canoas iii Esteio... Porto Alegre

**Irmã 1:** era os pólos

**Tia 1:** é é é a Nal ela levava um espetáculo

**Irmã 1:** a Nal dos Sentimentos, daí isso assim, aqui ela trabalho antes di ir pra Pelotas (riso), antes di ir pra Cruz Alta ela trabalho no Centro Coreográfico do teatro Sete de Abril com o Augusto, ela era ensaiadora do Centro Coreográfico...

**Tia 1:** ela trabalho com o...

**Irmã 1:** ela trabalho com a Berê, ela trabalho com Anaí Sanches

**Tia 1:** com com com o guria aquele, com que agora vai te o espetáculo di novo u dia treze

**Irmã 1:** com o Daniel Amaro...

**Tia 1:** u Daniel

**Irmã 1:** mas com o Daniel foi depois da faculdade

**Tia 1:** sim foi depois

**Mãe:** em São Leopoldo ela trabalho na Companhia

**Irmã 1:** em São Leopoldo ela trabalho na Companhia Municipal di São Leopoldo junto com o Marco Felipin, aí danço, danço muuito com a Lu, muito com a Lu Paludo, fez um espetáculo junto, depois (conversas)

**Irmã 1:** aí vem no surgimento

**Tia 1:** ainda o Tuca

(conversa)

**Irmã 1:** aí foi em Cruz Alta e em Ijuí

**Tia 1:** o Tuca fez um, uma comemoração di vinte e cinco anos mas que não era, era mais mas que, no Guarany do tempo dele di cantor e aí ela coreografo umas música, ela danço nas músicas que ele

**Irmã 1:** o Tuca meu pai (riso)

**Tia 1:** é meu irmão, aí assim ela fazia ãã pensava nos enredos do Carnaval (risos com conversa) i esse ano...

**Mãe:** comissão di frente essas coisas

**Tia 1:** i esse ano, uma das coreo... uma dus dus enredo dela surgiu na...

**Irmã 1:** a é eu debochei ãã teve um dos enredo, agora eu não me lembro qual era a escola, ãã que era sobre os ditados populares que era um enredo que ela queria desenvolve aqui na Academia há dez anos atrás, ii daí a gente debocho né (murmúrio)

**Tia 1:** faltou só a onde a vaca vai o boi vai atrás, só o que faltou no enredo do cara lá

**Irmã 2:** que era o nome do enredo no caso

**Tia 1:** que era o nome do do enredo dela né

**Irmã 2:** onde a vaca vai o boi vai atrás

**Tia 1:** e aí nós tava na internet (riso) aí a a Jaci "eu não acredito que eu to vendo o enredo da Janaína da tal"

**Irmã 1:** aha era uma escola de são Paulo

**Tia 1:** é e aí i i i eu peguei i disse assim "é mesmo agora eu sei o que que eu tava me lembrando"

**Irmã 2:** mas isso aconteceu quando ela era viva também, quando a gente tava na função da Academia, quando tava na função, quando a gente entro na verdade que foi do Ano de Pelotas aí ela “que massa agora essa função di Carnaval eu tenho uma vontade di faze um enredo sobre o medo, tu imagina bota um monte di coisa que tem medo”, i no ano seguinte entro o enredo da Viradouro que já tava no grupo especial que era o É di arredia, que era tudo di arrepiá inclusive o medo i todas as coisas que ela tinha dito “imagina faze um negócio disso” tinha no enredo da viradouro, era uns troço muito engraçado

**Tia 1:** ela falava e no ano seguinte aquilo aparecia lá

**Irmã 2:** era muito criativa

**Irmã 1:** ela era muito criativa

**Irmã 2:** uma mente muito criativa assim, uma inventividade muuito fora do comum assim, muito fora do comum...

**Mãe:** nos ensaios, até no balé no balé mesmo quando...

**Tia 1:** i eu i eu mexia com ela, porque ela ela, uma das vezes que eu fui na Berê que ela tava lá né, dando aula só falta um rebenque.. que ela batia com, ela tinha feito uma bengala uma coisa assim e ela batia “tem que ser assim” (riso) eu digo só falta ela vira um rebenque pra ela vira na guria

**Irmã 1:** isso é herança do clássico (riso)

**Irmã 2:** herança do Valter ele fazia com a gente (risos)

**Irmã 1:** fala mãe

**Tia 1:** ai desculpe

**Mãe:** não é, falando du dessa trajetória dela todas assim... quanto pessoa mesmo ela agregava muito, ela que levou a Jaci pra o Curso di Dança né

**Irmã 1:** eu e mais milhões di pessoas

**Mãe:** milhões di pessoas né, aí um belo dia ela me liga “mãe vou aluga um apartamento” eu digo “como? com que dinheiro?” “á juntei uns aqui a gente vai aluga um apartamento”, e assim eram oito em um apartamento, só tinha um que não era da dança né

(em conjunto) e o Dudu que era advogado

**Mãe:** e o Dudu que era advogado

**Irmã 1:** o Dudu que é genro dela (risos), e conheceu minha prima lá (murmúrios)

**Mãe:** ela era muito agregadora sempre, sempre sempre sempre... o Abamaé também a história dela no Abambaé também é muito bonita...

**Irmã 1:** ã ã a

**Mãe:** de faze viagem internacional, ela ela vamo vamo pro Chi... vamo pro Chile e vamos e vamos e vamos e fomos todos né, eu inclusive

**Irmã 1:** a parte mais legal que eu acho da Jana, ela era muito contratada, ela era contratada muitas vezes pra coreografa Companhias ii escolas que ela não conhecia as pessoas né, então ela tinha um poder di entende o movimento da outra pessoa ã sem nunca te ã... entrado em contato com as pessoas antes então produzia muito em cima do que a pessoa era capaz di desenvolver né, ela não ia com uma coreografia pronta pra lugar nenhum então ela sempre dizia “ah posso assistir uma aula tua” ela dizia pra pessoa né “ah não tem problema, não tem como tu ensaia uma coisas assim” i ela sempre fazia coisas assim geniais, ã ã com a corporeidade da pessoa que tava ali entendeu, então ela tinha essa qualidade di pega a a, o movimento da outra pessoa i i deixa aquilo de uma forma inovadora, criativa, artística, transforma aquele movimento num objeto artístico legal assim sabe, então isso era uma qualidade que ela tinha assim muito grande, assim né na área, ela

coreografava para qualquer pessoa, qualquer um, (risos) teve um vez agora me lembrei, ã ã teve uma vez que ela tinha que coreografa em Jaguarão, lá na Rosana lembra, i uns dois dias antes ela tinha ido com a Anaí e a Anaquem, que são as filhas da minha tia, pru Laranjal, tavam lá curtindo não sei o que no Laranjal i a Janaína dormiu e eles tavam tudo de frescurada lá na praia e a Jana dormiu, toorro as costas no sol, di levanta bolhas desse tamanho teve uma queimadura de não sei quantos graus

**Mãe:** é é foi horrível

**Irmã 1:** ela não conseguia nem se mexe né ia a mãe, a gente tinha que trata ela e tal, a gente tinha uma conhecida, tia de uns primos nossos que era cirurgiã plástica, então ela passo toda receita tudo que tinha que faze

**Mãe:** é

**Irmã 1:** pra Janaína não fica com mancha, pra não fica com nada assim, então a mãe já passava vaselina líquida, passava um monte

**Mãe:** rifocina

**Irmã 1:** rifocina, milhões di coisas, mas assim ó não conseguia, ela dormia di bruços, o tempo inteiro tinha que fica di bruços, o tempo inteiro mal consegui se mexe pra ir no banheiro, i ela dizia “eu tenho que fica boa até tal dia”, isso foi no sábado

**Mãe:** “até quarta eu tenho que tá boa” (riso)

**Irmã 1:** porque quinta-feira eu tenho que i viaja pra coreografa, i a mãe disse “tu é louca, tu não vai nada, tu não tem a mínima condições tu não te levanta nem pra ir no banheiro e não sei o que” ela disse “não vou vou tá melhor na quarta” ela dizia, i obviamente ela não tava melhor na quarta, mas ela coloco a roupa que ela conseguiu pego um ônibus de Pelotas à Jaguarão e foi pra lá coreografa com as costas em carne viva, (suspiro) e essa coreografia (conversas)

**Irmã 1:** i essa coreografia foi...

**Mãe:** dança pra ela era... tudo

**Irmã 1:** i essa coreografia foi premiada no festival assim, depois depois ela dava risada “olha só se eu não tivesse ido não tinha ganho nada” (riso) ela dizia ã porque ela foi assim mal se mexia e ela foi coreografa lá, coisas que só a Janaína fazia mesmo, não tinha não tinha cabimento

**Tia 1:** a mas a maior perda di tudo... não ela né, que nós não perdemo ela (suspiro), que ela tava já no hospital ii entraram no apartamento da Carminha, i tinha u

**Mãe:** o *laptop*

**Tia 1:** o *laptop* dela que na véspera ela tinha mandado di volta que tava no hospital come ela, i a caixa da Jaci com

**Irmã 1:** com os CD's

**Tia 1:** com cento e tantos CD's

**Mãe:** DVD

**Tia 1:** DVD onde também tinha coisas da Janaína, e roubaram então os trabalho dela, os últimos trabalhos dela tava tudo dentro do computador, então a gente não pode fica com nada

**Mãe:** os registros das viagens, fotografias

**Tia 1:** tudo tudo tudo

**Mãe:** fico perdido

**Tia 1:** fico perdido porque roubaram i i i tinha um *trailer* aqui na frente na avenida, que os guri foram vende u computador dela (murmúrios)

**Mãe:** levaram os dois *laptop* o da Jordana e o da Janaína

**Tia 1:** da Jordana tinha poucos meses né Jordana?

**Irmã 2:** aí tinha uns seis meses só

**Tia 1:** é iiiii o cara viu que era roubo e não quis compra i aí tava contando pru vizinho nosso aqui “porque que tu não me chamo era o computador da janaína que roubaram tava tudo” porque foi o que mais a gente lamento a Janaína no hospital, e os cara entraram reviraram pra pra procura dinheiro, não tinha e eu louca di medo que essas duas tinham saído aqui di casa tinham ido pra lá quando bateram aqui “tem ladrão lá”, mas elas tinham saído, ela foram lá e saíram, e quando elas saíram eles entraram pela janela, mesmo sendo no segundo andar né usaram as grande das roupa e as grade da janela e subiram, e isso a gente não pode recupera, por pouco né, mas não pudemo recupera

**Mãe:** é a maioria os registros

**Irmã 1:** as fotos dela

**Mãe:** tudo, aí uma perda tudo aquilo foi assim.. ela tava no hospital

**Tia 1:** todo acervo u u u os principais acervos da daquele momento da Janaína né, tinha coisas também do Abambaé, tinha... tinha a vida dela ali, a a os últimos estágios dela di di composição di coisa tavam tudo ali

**Mãe:** as fotos do Chile, foi do Chile mesmo de Antofagasta no Chile, o registro todo do Abambaé quem tinha feito fui né, eu naquele tempo andava com cinco máquina fotográfica

**Irmã 1:** aham

**Mãe:** eu batia na cinco máquina eu batia, os outros ficaram né mas...

**Irmã 1:** eu tenho algumas coisas também

**Mãe:** é a Jaci fico com alguma coisa, também. Eu não sei mais o que tu gostaria de sabe...

**Pesquisadora:** Não, eu acho que já tenho tudo que preciso (risos) o que eu queria...

**Tia 1:** é é uma grande coreógrafa a verdade era essa, era di (emoção) era difícil de encontra...

**Irmã 1:** o que que era legal assim, ã que eu falo isso pra mãe sempre né quando a mãe tá meio jururu né mãe, eu falo isso pra ela, eu encontro pessoas de vários lugares, vários lugares ah! um coisa legal é que quando a Jana tava doente que ela teve um período em casa assim, foi bem antes dela e interna pela última vez, que ela tava bem ruizinha assim, muito ruim, i ela disse assim “eu quero ir pra Joinville”, porque a gente ia pra Joinville isso foi em dois mil e dez

**Mãe:** a é

**Irmã 1:** a gente ia pra Joinville com a turma da faculdade i ela disse “eu também quero i pra Joinville, quero ver os meus amigos né”, i todo mundo desesperado “como é que tu vai pra joinville? não tem como” a mãe a dinda desesperada

**Tia 1:** eu disse “minha filha como é que tu vai, pelo amor di Deus não vai

**Mãe:** ela precisava faze transfusão di sangue di tempos em tempos né

**Irmã 2:** e eu e a Jaci deixem pelo amor di Deus

**Mãe:** deixa é a escolha dela

**Irmã 2:** i se for a última vez que ela for, vocês vão vocês vão quere dize que não é a última vez que ela não vai é isso mesmo? i aí a gente bah insistindo muito eu e a Jaciara, deixa tem avião a gente caga dinheiro

**Irmã 1:** i daí...

**Irmã 2:** em dois tapa ela tá ali

**Irmã 1:** i aí ela foi, ela foi e daí a gente compro, tem fotos dela ... até não sei cadê, mas deve tá em algum lugar, ã ã fotos dela em Joinville beem doente assim mesmo já, ã ã mas ela reviu todos os amigos, todos



**Irmã 2:** inclusive a Antônella ela viu no aeroporto

**Irmã 1:** aham

**Irmã 2:** que ela não via fazia há muitoas anos

**Irmã 1:** a Antonella no aeroporto, ela encontro em Curitiba, porque ela desceu em Curitiba pra i pra Joinville depois, ã ã o Guiu que era das danças urbanas, o Guiu o Guiu mesmo (riso) das dança urbanas do *Harlei* e tal, que do *House* na verdade, que ela não encontrava desde o tempo que ela trabalho com o Otávio, a Fernanda Araújo, ela fico com a Fernanda hospedada junto com o pessoal do Laboratório de Dança Fernanda Araújo e tal, ãã ela encontro vários amigos assim i ela pode se despedi di todo mundo, ela se despediu da dança lá, e depois em seguida que ela volto ela interno...

**Mãe:** ela ainda fez o Carnaval

**Irmã 1:** não mãe o Carnaval foi antes

**Mãe:** á o Carnaval foi antes (conversas) á tá

**Irmã 2:** Joinville é junho julho

**Mãe:** isso isso mesmo né

**Tia 1:** foi no mesmo ano Carminha

**Irmã 1:** aí aí depois que ela que ela... volto de Joinville passo uma duas semana depois ela interno daí ela faleceu muito ruim, daí ela não saiu mais do hospital, ã ã iii foi muito legal assim, ela pode se despedi de todo mundo, as pessoas enlouquecida encontrando ela sabe gente do país todo ela encotro lá e foi muito jóia, foi muito legal...

**Tia 1:** uma vez ela fez uma coreografia iii era lá pra Cruz Alta um espetáculo que tinha, i aí ela trouxe a primeira parte, mas eu não sabia pra mim ela tava me apresentando a coreografia i eu sempre fui muito metida é eu não sei nada mas gosto di dá os meu pitaco, e aí ela termino “o que que tu acho tia?”, eu disse “ah Janaína tá linda mas, si eu fosse a coreógrafa eu terminava assim, assim, assim” na minha concepção di pouco di ve os trabalho dela ela disse assim “(risos) queres então que eu já ti mostre a minha segunda parte? só que e não gravei eu só gravei a primeira termina exatamente assim como tu tá falando com um pouquinho melhorado, mas o que tu tá me dizendo é o final da minha minha coreografia”, aí eu disse “mas Janaína eu não entendo nada”, “ não mas dá pitaco tu entende né”, aí a mesma coisa ela tava coreografando lá na Antônia aí, na Antônia não na Berê, iii eu fui pra assisti e eu i i tinha uma parte da Berê i ela tinha a parte de la né, aí ela disse assim pra mim “tia pelo amor di Deus tu assiti mas tu não dá os teus pitaco, tu fica calada porque se não tu vai me mata di vergonha”, aí claro a Berê fazia os espetáculo dela, não to dizendo que não era bonito, era, mas eu to assistindo i a finalização do espetáculo da Berê, i eu tava acostumada com as finalizações da... Janaína, eu fiz assim i ela me olho, arregalo os olho como se disse assim “tu cala essa boca” porque ela sentiu na hora, aí depois dentro do carro eu digo “pelo amor di Deus Janaína como é que tu aguenta, eu não tava aguentando” “tia tu tem que entende o que as pessoas querem mostra não é o que tu que vê” e aí me xingo, “eu sabia que tu ia dá teus pitaco lá”, porque eu não não encontrava uma finalização naquilo ali sabe vinha vinha vinha e na hora que o cara tinha que caí, termina o espetáculo não era uma finalização bonita, i eu já tinha visto a Janaína faze um outro espetáculo que não era aquele, mas que tinha uma finalização que tu sentia a dança naquele movimento da pessoa, i eu não tava sentindo aquilo, então ela dizia “tu tem essa coisa né, tu não tende nada, mas tu essa coisa di acha que tu sabe então tu cala tua boca (risos)”

**Irmã 1:** a tia tem dificuldade de ende a poética das outras pessoas (risos)

**Tia 1:** é é verdade

**Irmã 1:** ela só tá acostumada sabe, a pessoa que só vê o trabalho da gente, é isso é era isso que a Janaína implicava com ela “tu tem que entende que as pessoas coreografam diferente, que concebem o espetáculo diferente né, então tu não tem que acha...

(conversas)

**Tia 1:** é o que a Jaciara falo, pra ela interessava o que ela sabia, o que ela podia vê na pessoa, mas eu não so bailarina, eu não so coreógrafa, eu sou apenas uma pessoa que assisti, que pra mim é que nem julga um cantor que eu acho que ele canta muito e daqui a pouco ele não canta nada entendeu, então eu tinha essa coisa não só porque, porque eu via as finalizações, nu nu balé quando eu comecei a assisti o balé da Antônia, eu via isso entendeu? ã na Dicléia eu via isso, ã em outros espetáculos eu via só

**Mãe:**era balé di repertório né

**Tia 1:** que na na naquele naquele na na naquela contemporânea da Berê, quando eu assistia eu não, me faltava pra mim coisas ali e a Janaína brigava comigo dizia que eu tinha que sabe o que que podia consegui di cada pessoa, ai eu dizia pra ela “eu não entendo nada eu não so tu”, porque ela conseguia, é o que a Jaci disse ela conseguia sabe traz e i quando ela via uma coisa errada, ela não dizia pra pessoa “tu tá errada” aí ela dizia assim “aproveita isso e quem sabe tu termina assim” aí dava um toque, mas sem tira a personalidade da pessoa né, por isso que pra mim a Janaína uma... grande a maior coreógrafa que (emoção) eu já vi, não interessa o espetáculo que fosse entendeu

**Irmã 1:** aquela parte tia que não sai da pessoa

(risos)

**Tia 1:** não, to errada?

**Irmã 2:** vai pergunta pra outra tia

(risos)

**Tia 2:** eu vi a Janaína desde de pequeninha na pontinha do dedo, depois vi ela em Sapucaia lá no IF, na na

**Tia 1:** na Nal dos sentimentos

**Tia 2:** na Escola técnica lá em Sapucaia

**Tia 1:** na Berê

a Escola técnica que tem aqui em Pelotas em Sapucaia i eu não vi mais ela dança i aquelas coisa que ela fazia (não entendi) em casa, mas eu não vi ela, não há vi dança infelizmente

**Tia 1:** eu eu

**Tia 2:** porque tu não fazia ideia

**Tia 1:** eu fui a todas as dança dela

**Tia 2:** ela era enorme, enorme esses esse

**Tia 1:** com raras exceções

**Tia 2:** porque esse é fundamento do teu trabalho né, ela era uma pessoa diferente que fazia tudo, ela tinha uma leveza isso sim, ela tinha uma leveza que às vezes uma bailarina as vezes não tem normal que tem um corpinho fininho, ela tinha graça e leveza, outra coisa que eu acho muito importante da Janaína, foi o final dela (emoção) ela foi dançando e coreografando

(silêncio e emoção)

**Irmã 1:** é, ela dançava no hospital com as enfermeiras, só pra vcs saberem

**Tia 1:** não e ela...

**Tia 2:** ela já não sentia mais nada (choro) nada nada, não é verdade, dizia tá louca



**Mãe:** cheia de ideias ainda tava...

(silêncio)

**Irmã 1:** ah mas assim ó, ã ã é isso assim, ela planto várias sementes né e isso é a parte boa e o trabalho não morreu nela a ponto di tu dança coisas dela i te interesse em sabe quem é essa criatura né da onde é que ela saiu (risos) né e é isso (risos)

**Irmã 1:** várias pessoas ainda me procuram, que era isso que eu tava falando assim, que eu falo pra mãe é que isso pe muito positivo di quando a gente tá meio jururu assim, pensando nela... na saudade que a gente sente dela, que é uma pessoa que faz muita falta não só pra família ssim, mas pra miiim principalmente que quando eu vo comenta alguma coisa, quando eu vejo alguma coisa di dança penso (suspiro) não tenho com quem comenta que me entenderia a ponto di di eu troca experiência assim enfim, ã mas o que eu falo pra ela é muito importante, muuitas pessoas, muitas pessoas falam da Janaína e falam no trabalho da Janaína, falam nesse sentido, quando ela coreografava e tudo mais, muito amigos e falam como a Jana era querida e tal, ainda não tive a experiência di passa por alguma coisa muito ruim que eu acho assim que é ouvir, uma mãe ouvir, ou uma irmã ou os tios ou coisa assim di dizer assim “aí graças a Deus se foi mais uma praga né agora no mundo”, não, a gente não ouve isso a gente sempre ouve as pessaoas falando dela com muito carinho, muita saudade, di coisas engraçadas que ela viveu com as pessoas sabe, di dessas indias que ela fazia di

**Mãe:** sempre di bom humor, sempre di bem com a vida

**Irmã 1:** i então a gente sempre tem relatos assim bem positivos né, em relação à ela, então isso é pra deixa qualquer familiar feliz né, i isso nos acarinha muito né, muitas vezes a gente tá chateado jururu e tal sempre em uma pessoa pra lembra de uma coisa dela sabe di di di extrema positividade com relação à ela, então isso pra gente é super bom

**Tia 2:** alegria di viver

**Mãe:** alegria di viver e pessoalmente assim

**Tia 1:** a uns...

**Mãe:** a mim ela me empurrava pra cima, “mãe, tu não tem ambição mãe” “tenho ambição”, “compra um carro tu tens condições” i foi o que eu fiz né e foi o que ajudo na doença dela né, pra gente carrega ela pra cá e pra lá, mas tudo impulsionado por ela sempre, ela pensava grande ela nunca pensava pequeno né

**Irmã 1:** coisa mais engraçada quando a gente, com essa função do carro ne, quando a mãe compro o carro quando ela fico doente, quando ela veio em umas das folgas dela, entre os intervalos entre um protocolo e outro de quimioterapia e tal, foi bem na época de Carnaval ela disse (não entendi) “pelo amor di Deus mãe eu posso i? eu posso i pra o Carnaval?” (riso)

**Mãe:** não pode te contato

**Irmã 1:** “não pode te contato com ninguém como é que tu que i pra o Carnaval” “mas eu queeero não me interessa mas eu quero i pra o Carnaval” ela dizia i o ... daí a gente compro o camarote do Carnaval (riso)

**Mãe:** isso

**Irmã 1:** a gente teve que pedi autorização da Prefeitura pra leva as comidas dela, porque ela não podia assim come qualquer coisa, as comidas dela

**Mãe:** comida, bebida

**Irmã 1:** tudo certinho porque ninguém podia entra com coisa alguma, então a gente tinha que te uma autorização especial pra ela, i ela ia di máscara pra o Carnaval, careca, só que foi muito engraçado né

**Mãe:** pra fazer crítica do Carnaval pra rápido

**Irmã 1:** ã

**Mãe:** passo a noite inteira trabalhando

**Tia 2:** trabalhando

**Irmã 1:** trabalhando i nas horas de folga, quando ela não fazia das escolas de samba e tal na noite dos blocos burlescos que é aquele arrastão que vocês já conhecem né, ã a gente brincava assim com ela (riso), daí as pessoas todas iam em direção ao camarote “Janaína (risos)” , as pessoas todas sujas, suadas do Carnaval e tal ela não podia pegar nada

**Mãe:** porque ela tava com baixa imunidade

**Irmã 1:** porque ela tinha baixa imunidade em função do tratamento e tal né, i ela dizia assim “só me abana” (riso) “eu só posso abana não posso tocar em ninguém”, i foi uma função o Caue o filho da Berê o mais novo, que saiu junto com o Horácio naquela época, quando viu a Janaína ele atravessou todo o todo o...

**Irmã 2:** o Caue era pequeno ainda

**Irmã 1:** era pequeno, é pequeno, oito anos atrás né, ã era adolescente já né

**Irmã 2:** sim

**Irmã 1:** ã atravessou toda multidão assim e se agarrou na grade assim e chorava chorava que a Janaína chamava ele de pulga né, “puulga não posso te pegar” ele dizia assim “não precisa” e chorava chorava chorava, ã até que passada toda função assim e tal, quando a gente foi pra o velório da Berê foi muito tocando assim pra gente, a gente encontrou muita gente né Jo, a gente chorava como se fosse um segundo velório da Janaína, foi impressionante assim, porque a Berê era uma pessoa muito querida pra gente assim né e os guris os filhos dela assim e tal, também e todo mundo que é envolvido na dança aqui todo mundo foi uma comoção assim

**Mãe:** a Jaci trabalhou com a Berê também

**Irmã 1:** trabalhei com a Berê também, mas foi uma coisa muito, a Jo também

**Mãe:** a Jo também

**Irmã 1:** ã foi uma coisa muito tocante pra gente assim, porque a gente lembrava da cena dele com a Jana e dele naquele momento assim, e a gente acabou perdendo as duas pra mesma doença né, foi bem bem tenso

**Mãe:** bem triste

**Irmã 1:** ã mas foi legal assim de vê ã, como a dança e a Jana fez a gente estabelecer relações com as pessoas, numa forma tão íntima assim tão particular, tão legal

**Tia 1:** ã é a uns vinte e um dias atrás quase isso, ã eu tava lá nas gurias onde eu faço.. a mãe e o pé, iii iai a Denise, toco em alguma coisa com relação à amor né por causa do neto que tinha vindo aquele negócio todo, iii não sei que assunto que veio a Janaína né, e aí a a... a Denise falo sobre isso do Carnaval né, i tava uma uma pessoa, uma menina menina né ã no lado assim, iai contando que o filho dela de cinco anos que as vezes deixa ela envergonhada pelas coisas que ele falava né, i i pelo jeito dele, aí eu comecei a rir, aí eu disse pra ela aí tu imagina uma uma sobrinha com nove meses fala perfeitamente, e com e eu como sou muito exibida ela com cinco meses a primeira palavra dela foi tia, aí a Denise disse assim pra mim “mas tu e a Janaína não sei o que”, ia a a moça olhou pra mim e disse assim “Janaína?” eu disse “é a minha minha sobrinha morreu com leucemia”... e ela disse assim “eu não conheci a tua sobrinha, pessoalmente mas eu doei sangue pra ela... porque eu tava na faculdade nessa época, iai todo mundo foi uma correria todo lá que conhecia ela pedindo pra doar sangue porque ela tava precisando iai eu fiquei muito emocionada, por vê, eu nunca tinha visto uma pessoa se tão querida

num meio... na faculdade assim né, iai eu soube que ela era uma bailarina que..." e aí ela começo a fala sobre a vida da Janaína né, eu assim, que interessante eu fiquei tão emocionada e t emocionada agora porque eu me emocionei sem conhece ela iii pra mim foi a a a melhor coisa que eu fiz foi doa o sangue pra ela", aí eu disse "pois é naquela época todo mundo a não se os amigos que sabiam que que era pra uma adulta, mas no hemocentro todo mundo achava que era uma criança de tanta gente que foi ii todo mundo que foi ou era íntimo dela ou então era amigos dos amigos que foi doa pra ela" e ela disse "que foi o meu caso i eu nunca me senti tão bem em faze uma doação dessa", então essa era a Janaína ... não interessava se conhecesse ou não conhecesse ela, mas falava no nome dela, conhecia um amigo dela, já se considerava amigo também

**Mãe:** até em falando em coreografia, ela coreografo também poems, coreografo pra Pe

**Irmã 1:** pra Ana Perê

**Mãe:** Ana Mascarenhas né i participo do espetáculo dela dançando né

**Irmã 1:** Ana Perê é cantora pelotense ela ia grava um CD e tal e a Jana ã fez uma parte da gravação com dança, antes de se hospitaliza ela gravo, a parte no dia eles rodavam no telão ela dançando, daí ela doente inclusive, ela tava aparecendo no telão

**Mãe:** é, e depois que ela faleceu a Caren a Caren

**Tia 1:** fez a homenagem né

**Mãe:** ela fez a coreografia, ela pego a mesma coreografia da Janaína dançando no Nal dos sentimos, foi *Ne me quitte pas*, a música né

**Irmã 1:** ahum

**Mãe:** ii só boto, só ela dançando em silêncio não boto som, i era um silêncio no auditório vendo ela dança, foi no auditório do pelotense assim, só ela dançando sem som sem nada, mudo, depois ela boto a música e ela danço com o Horácio a mesma música, foi muito bonito muito...

**Tia 1:** e a cantora também quando fez a homenagem né, que ela já tinha falecido

**Mãe:** ela já tinha falecido

**Tia 1:** iai boto no telão a Janaína dançando a música que ela tava cantando

**Irmã 1:** é legal que ã ã , em seguida que ela faleceu teve a notícia assim, o Cláudio Etges o fotógrafo di dança aqui do Estado e tal, ã publico uma foo, várias fotos da Janaína, assim num compilado iii boto uns dizerem assim muito legais assim, vai Janaína dance com os anjos e querubins, uma coisa assim eu não me lembro bem do texto, mas foi super legal assim que causo muita comoção e muitas pessoas da dança souberam do falecimento dela através do Cláudio Etges

**Tia 1:** i também por causa da crônica do Charle né

**Irmã 1:** aí mais mais na cidade, no estado inteiro foi o Cláudio

**Mãe:** é o Charle o ... também ele escreveu um livro, um livro de crônicas dele e uma dessas crônicas é em homenagem a Janaína ã u u

**Tia 2:** é muito lindo aquilo ali

**Mãe:** é muito bonita, é tu conhece né i tem também o Octávio Nassur o livro um dos livros que ele escreveu ele dedico a Janaína né, então ela tá sempre recebendo homenagem di uma maneira ou di outra, quando eu vejo tem alguém falando né, ii que já foi em algum espetáculo dela i conviveu com ela por um certo tempo né

**Tia 1:** i essa época assim, que que sempre tem alguma coisa que a a a dança internacional né

**Mãe:** o Dia Internacional da Dança

**Tia 1:** sempre surge alguma coisa ã ã ã que aparece alguma coisa na internet sempre tem...

Nesse momento a pesquisadora começa a olhar as fotos de Janaína, e solicita à família materiais que elas tenham em seu acervo pessoal para contribuir com a pesquisa. Informando que tudo que for compartilhado será devolvido.

No meio das conversas e recordações, a irmã mais nova relatou:

**Irmã 2:** Engraçado tudo isso né, ãã as coisas vão passando e a gente vai tomando conta... tomando noção da dimensão das coisas né, e claro toda essa história aí eu não era nascida ou era muito bebê então pra mim tudo isso não existe lembrança e das coisas que eu vivi depois que eu era adulta assim, já era grande e tudo mais que já era do tempo delas em Cruz Alta que eu vivi só a distância porque afinal de contas eu morava aqui e elas moravam lá ... pra mim isso era o normal né, é engraçado por que depois que a gente vai passando e que si dá conta do tamanho da ... potência daquilo né e acho que di tudo no meu caso assim, no único momento que eu lamento assim sabe quando eu vejo que de alguma forma tudo isso passo, e... mas é.... é muito louco que claro o referencial que eu tinha em casa era da pessoa mais gênica que eu conheci em qualquer área da vida assim, qualquer coisa... qualquer coisa não tem, isso que eu não sou da área, especialmente porque eu não sou da área talvez, mas eu não conheço ninguém assim, esse impetu assim que ela, dessa certeza di vida de tudo e que claro em alguns momento chegava até ser pesado porque eu não podia duvidar das coisas, “como é que tu não sabe” é eu não sei deixa eu não sabe, mais eu não conheço ninguém... ninguém na vida que não soubesse tanto o que queria quanto ela, e que tivesse muita certeza, que as coisas eram tão claras assim como viver é claro e óbvio era era isso assim, a vida era óbvia era clara, entendeu

**Tia 1:** ela sempre soube o que ela queria e onde ela queria chega

**Irmã 2:** sempre soube, e é muito estranho ver que isso acabou

**Tia 1:** e e a única coisa que eu não pude cumprir que eu tinha prometido pra ela, mas aí veio a doença do pai dela e aí veio um retrocesso financeiro na minha vida muito grande, que o sonho dela era fazer pós graduação na origem do, da dança do ventre, tá que eu nem sei que cidade era

**Irmã 1:** não, o TCC dela foi sobre isso, o TCC dela foi sobre isso, mas ela queria fazer uma especialização no Instituto Laban, que era o método que ela aplicava no ensino da dança do ventre

**Tia 1:** tá pois é eu não sei onde era

**Irmã 1:** ela queria estudar no Instituto em Nova York

**Tia 1:** eu não sei a onde era u u o local sei que se tratava da dança do ventre i eu disse pra ela, Janaína nem que seja a última coisa que eu te pague, porque a muito tempo que eu não ti dou nada, eu dizia pra ela, eu vou ti pagar esse curso que tu que fazes só que aí o pai dela, meu irmão caiu doente, não tive mais condições i depois quando eu já tava me recuperando que aí poderia né, foi quando... a doença dela pegou, então foi a única coisa que eu tinha prometido pra ela que eu não...

Mais fotos e conversas...

Encerramos nosso encontro com um café <3

## A pesquisa exploratória

### **O encontro com a família de Janaína Jorge**

O nosso encontro foi no dia 1 de maio do ano de 2018, na casa da tia Cheila. Foi uma experiência muito produtiva, onde eu contei um pouquinho da minha história, cercada por uma mesa cheia de bolos, pães, salgados, café e chás.



Encontro com a família de Janaína (01)  
Fonte: Acervo pessoal da autora



Encontro com a família de Janaína (02)  
Fonte: Acervo pessoal da autora

## A análise

Nesse primeiro momento apresento os principais pontos que emergiram da narrativa da família, partindo da pergunta detonadora “Quem foi Janaína Jorge?”

- Aos **três anos** de idade Janaína Jorge foi recebida por **Antônia Caringi**, na Escola de Balé;

- Janaína se formou na primeira turma da Escola de Antônia Caringi;
- **Passou por várias professoras importantes** no gênero Balé;
- Aos **doze anos** de idade **iniciou a carreira docente** para a *baby class* de balé;
- Ensaiaava não só suas coreografias, sabia a coreografia de todos, pois após seus ensaios ficava estudando as coreografias das outras turmas;
- Quando **pequena substituiu outras colegas** que não podiam comparecer na apresentação, **por estudar não só sua parte**;
- Subiu nas pontas um pouco antes do previsto, pois era dedicada;
- **Ensinava as meninas da rua em que morava**, o que aprendia na aula de balé, motivando as amigas a entrarem na escola para fazerem aulas, ganharam bolsa;
- **Fez algumas aulas para aperfeiçoamento de outras técnicas** (jazz, sapateado, contemporâneo) em Porto Alegre, com **treze e quatorze anos** de idade;
- **Participou de Festivais** de dança em Rio Branco, Jaguarão, Bento Gonçalves com a Escola da **Antônia Caringi**;
- Para o **Festival da Sogipa** formou um Grupo de dança para participar, foi campeã no sapateado (samba com sapateado) e um solo de Repique com sapateado;
- Participou do **Festival Dança Sul**;
- No outro ano participou do **Festival da Sogipa** levou a história da Isadora Duncan (algumas pessoas do público riram quando ela entrou no palco por ser **gorda**) levando o segundo lugar na sua modalidade;
- **Iniciou o Curso de Educação Física** por ter uma disciplina de Dança;
- No **Festival de Santa Maria** conheceu **Carminha**, onde levou alguma coreografia com o **GRUD**, em 1998, início do Curso de Dança em Cruz Alta;
- Cursou a Educação Física até o 7º semestre;
- Em dezembro de 1998 mudou-se para Cruz Alta para cursar Dança Licenciatura;
- Em **1999 ingressou no Curso de Dança Licenciatura** (1 mala + 50 reais);
- Fez amizades que a acolheram;
- **Ministrou aula em Tupaciretã e em cidades na região de Cruz Alta** (para ajudar nos custos);
- **Ajudou Alice Silveira a entrar de Dança Licenciatura** na UNICRUZ, paralelo foi formando-a em balé, pois era formada e não sabia a técnica;
- Em Tupaciretã ministrava aulas de: balé, jazz e folclore brasileiro;



- No **último ano que ministrou aulas em Tupaciretã** levou um *partner* para dançar com as alunas, foi novidade na cidade;
- Paralelo: **criou a Cia de Dança da UNICRUZ**, Janaína coreografava, criou o espetáculo “negros Montes”, baseado nas obras do Oswaldo Montenegro;
- Levou o grupo de dança para o **Dança Universitário**;
- **Coreógrafa do Grupo de Dança da Universidade de Passo Fundo**;
- Também **participando de Festivais**;
- Tinha contato com pessoas/coreógrafos renomados nacionalmente que passaram na cidade de Cruz Alta;
- **Octávio Nassur**, agradecimento em um livro (Culinária Coreográfica);
- Trabalhou com **Octávio em Curitiba** após forma-se em Dança Licenciatura;
- **Coreógrafa de várias Companhias**;
- Quando morava em Pelotas coreografou em Rio Grande e Jaguarão;
- Quando foi para Cruz Alta trabalhou nas redondezas e em Curitiba (composição coreográfica);
- Em **Festivais conheceu Fernanda Araújo** de Santa Bárbara do Oeste (SP), onde trabalhou no Laboratório da Fernanda;
- **Trabalhou em SP e PR** - 1 ano e meio após concluir o Curso e Dança Licenciatura;
- **Retornou para o RS**, trabalhou como coreógrafa na **Cia de Dança de Caxias do Sul**, depois em **São Leopoldo**;
- **Trabalhou com Berê** no espetáculo “Nau dos Sentimentos”, viajando para Canoas, Esteio e Porto Alegre;
- Antes de ir para Cruz Alta, também **trabalhou no Centro Coreográfico sete de Abril com Otávio Augusto**;
- Em São Leopoldo **trabalhou na Cia Municipal de São Leopoldo com Marco Felipin**;
- **Trabalhou e dançou com Lu Paludo em Cruz alta e Ijuí**;
- Dançou as músicas do pai dela (Tuca), em comemoração aos 25 anos de carreira no Teatro Guarany, o pai fazia enredos de Carnaval;
- A mãe relatou que a história de Janaína na **Abambaé** é muito bonita;
- Em **2010 Janaína foi para o Carnaval de Pelotas**, a família comprou um camarote com autorização da Prefeitura para levar as coisas dela separado;
- **Trabalhou como crítica na rádio** no Carnaval de 2010;

- **Ainda em 2010 Janaína foi para Joinville**, reviu muitos amigos da dança como: Antonella (filha da Antônia), Guiu (dança urbanas), Fernanda Araújo, entre outros que passaram por sua trajetória;

- Tinha leveza.

Relato da irmã Jaciara:

- Era muito contratada;
- Cias que ela não conhecia as pessoas;
- Poder de entender o movimento dos outros;
- Fazias as coisas geniais;
- Pegava o movimento da outra pessoa deixa aquilo de uma forma inovadora criativa, artística, transforma aquele movimento em um objeto artístico legal;
- Qualidade que ela tinha muito grande;
- Comprometida.

Relato da mãe:

- Quando estava no hospital roubaram o *laptop* com os registros e a caixa dos CDs.

Análise dos sujeitos da pesquisa no segundo momento.

<b>Antônia Caringi</b>	Início da carreira docente em dança; Influência na inovação de seus espetáculos; Contato com profissionais renomados no balé; Porta de entrada para outras técnicas; Início das participações em Festivais de dança.
<b>Maria Helena</b>	Dança na Universidade como Arte, mesmo o Grupo de Dança da ESEF/UFPel (GRUD) sendo do Curso de Educação Física; Influência em criar grupo de dança universitário (UNICRUZ e UPF); Participação em Festivais da Dança e Festivais Universitários.
<b>Carmen Anita</b>	Influência no ingresso do Curso de Dança Licenciatura da UNICRUZ; Acompanhou a trajetória na UNICRUZ; Contato com referências da dança, onde trazia para os Festivais em Cruz Alta.
<b>Luciana Paludo</b>	Trabalhou e dançou com Janaína em diversas composições coreográficas, no Curso de Dança e após o Curso; Incentivadora e influenciadora na trajetória do Curso de Dança Licenciatura da UNICRUZ;

Fonte: a autora, 2018.

Frases da família:



- Mãe: “Dança para ela era tudo” “Cheia de ideias ainda tava”
- Tia Cheila: “...não interessava se conhecesse ou não conhecesse ela, mas falava no nome dela, conhecia um amigo dela, já se considerava amigo também...” “ela sempre soube o que ela queria e onde ela queria chegar”
- Tia Maria: “... ela era uma pessoa diferente que fazia tudo, ela tinha uma leveza isso sim, ela tinha uma leveza que às vezes uma bailarina às vezes não tem normal que tem um corpinho fininho, ela tinha graça e leveza, outra coisa que eu acho muito importante da Janaína...” “... o final dela foi dançando e coreografando” “Alegria de viver...”
- Irmã Jaciara: “ah mas assim ó, ã ã é isso assim, ela plantô várias sementes né e isso é a parte boa e o trabalho não morreu nela a ponto di tu dançá coisas dela i tê interesse em sabê quem é essa criatura né da onde é que ela saiu”
- Irmã Jordana: “...é engraçado por que depois que a gente vai passando e que si dá conta do tamanho da ... potência daquilo né e acho que di tudo no meu caso assim, no único momento que eu lamento assim sabe quando eu vejo que de alguma forma tudo isso passô, e... mas é.... é muito louco que claro o referencial que eu tinha em casa era da pessoa mais gênia que eu conheci em qualquer área da vida...” “...eu não conheço ninguém... ninguém na vida que não soubesse tanto o que queria quanto ela, e que tivesse muita certeza, que as coisas eram tão claras assim como viver é claro e óbvio era era isso assim, a vida era óbvia era clara...”

#### Próximos passos: antes, durante e depois...

Formadores de Janaína Jorge, sujeitos de pesquisa que foram contatados para o segundo momento. Sobre o sua trajetória formativa: antes, durante e depois do ingresso no ensino superior em Dança Licenciatura, na Universidade de Cruz Alta.

- Antes - Antônia Caringi
- Antes - Maria Helena Klee Oehlschlaeger;
- Durante - Carmen Anita Hoffmann;
- Durante e depois - Luciana Paludo;

Complementar: Thiago Silva de Amorim Jesus.

## **Apêndice B - Narrativa professoras e colega**

### **Narrativa: Antônia Caringi de Aquino– 24/09/2018**

Bom então tu já me falaste né Carol que tu tivesse contato com a Carminha, que foi a mãe dela, então assim a minha vida di dança quando eu iniciei já com a escola, por que foram vários anos no Colégio São José, depois eu abri uma escola ali onde é o Cinema Capitólio ali do lado, ai então no início assim que era balé infantil, onde foram montados espetáculos assim di di Andersen, assim história pra criança, i eu comecei assim adaptando pra dança, Pinóquio, Branca di Neve, as histórias assim, e já levava para o palco do Teatro Guarany, a Janaína entro pra minha escola assim piquitita, acho que tinha quatro anos eu acho quando ela veio, mas sempre aquela vivacidade, dela desde criança i sempre aquela paixão pela dança, a mãe também já tinha sido uma veia artística por que ela foi anos baliza numa escola aqui di Pelotas, então tinha eu acho que muita abertura, muita alegria de participa daqueles, daquelas passeatas que tinham né na frente da banda e tal, então elas já tinham essa vivacidade na dança, i essa alegria né de tá participando, aí a Janaína começo cedo, ela foi não sei se lembro bem girassol... ela foi assim uma participação no corpo de baile infantil já pequinhinha, daí ela já começo sempre sempre junto da minha escola e a gente foi tendo além do carinho pela... pelo como ela como pessoa, como pessoinha mesmo pequena, mas pelo talento que ela já tava desenvolvendo, então começo dos quatro até ela já mocinha, aí ela já participo de todos os espetáculos praticamente até o último até dela dela comigo foi u ã a Sissi, que foi uma produção grande, não sei se a Antonella ti falo, a gente trouxe a Orquestra Sinfônica pra Pelotas, a Ospa depois fiz tem até umas placa ali no Guarany, trouxe a Ana Botafogo né várias vezes, a Nora Esteves, o Paulo Rodrigues bailarinos grande assim do Rio de Janeiro, que dançaram nas produções óperas inclusive adaptadas para a dança, então que eu saiba a Janaína participo di uma das minhas que foi assim um filho mais querido, que foi o balé o Guarany, di José di Alencar, que foi um balé que teve estréia nacional em Porto Alegre na Ospa, com também os primeiros bailarinos a Ana e o Paulo Rodrigues, e a Janaína foi já, assim papéis importantes, papéis principais né que ela fazia, depois um dos últimos que ela danço comigo a Sissi a Imperatriz da Áustria, a vida da Imperatriz assim em forma di dança, quando eu tive na Europa com o meu pai eu observava muito e adorava a dança, já tinha a escola a muitos anos, então eu observava e via que se poderia fazer uma história, embora muito triste a vida dela, mas baseada no filme né na vida da imperatriz da Áustria, então a Janaína participo como a mãe da da Imperatriz né, com aquelas roupas lindas e figurinos e tal ii já era consultada sobre muita coisa por que ela já tinha... já tava desenvolvendo aquele talento né desde ali como coreógrafa, né bailarina, embora ela fosse mais fortinha, mais gordinha as ela danço muita muita coisa comigo, danço o Lago dos Cisnei também com a Ana Bota fogo como primeira bailarina ela danço no corpo di baile, depois ela fez Boda di Fígaro também, que era ópera também baseada na dança também, então... dali desenvolveu assim, era parte quase da nossa família né, a Carminha também participo, até foi engraçado por que ambas dançaram no balé o Guarany, a

Carminha foi parte dos índios Aimorés e a Janaína também participo, também assim como primeiras figuras então foi assim... o que tenho pra te dizer é que é uma saudade imensa por que além de convivência que a gente tinha, eu consegui com ela desde pequeninha, depois ela fico esse talento que a gente sabe maravilhoso coreógrafa e enfim né... deixo assim um legado e acho que pra dança foi maravilhoso quem conviveu com ela di aprendizado, e as irmãs também participaram comigo eram pequeninhas, a Jaci ara e a Jordana, então o que eu posso ti dizer assim que ela foi realmente uns dos talentos da dança a a gente conheceu e eu me orgulho né por ela ter sido minha aluna, ... o que eu posso te ajuda é isso aí, não sei se a Antonella tem fotos tem coisas assim que... até tem vídeo dos últimos que é o balé o Guarany, que como a Mariana tá fazendo a Tese eu passei muita coisa pra ela que até poderia te ajuda, então cenas de interpretação da Janaína maravilhosas né, depois ela fez também uma ópera que ela ... ópera sempre é tenso, finais tristes mas enfim foi lindo na La Traviata foi com a Nora Esteves e o Paulo também, eu fiz até em seguida no ano bem triste pra mim que foi no ano da morte da minha mãe, mas a Janaína foi uma figura maravilhosa fez o papel de Mina tipo assim a governanta, a dama das camélias, então ela trabalho, foi lindo lindo isso foi em noventa e três depois ao lado da minha filha Antonella ela fez assim uma produção muito grande nos vinte e cinco anos da escola, que fizeram um pout-purri de todas as danças no Sete de Abril, inauguraram uma placa da produções que o balé tinha feito, então foram... bah memória dela tem tem coisas assim maravilhosas pra gente fala, se a gente for fala vai leva um dia inteiro, por que foram muitos anos junto com a escola, eu trabalhei eu acho que a nossa escola di dança fico quase perto dos trinta anos, depois eu parei a Antonella foi di muda pra Porto Alegre ai eu passei pra outro lado da minha vida que foi programa di televisão, dezoito anos .....

No início do programa eu comecei a filma, foi até junto com ela, também com a Jana também sobre assim sobre aspectos do que ela acharam... foram essas produções que a gente trouxe para Pelotas que em matéria de criatividade né, que claro que era muito diferente tu fazer um balé di repertório e criar né um bela uma história, então um época eu dizia puxa adapta um ópera pra dança não é fácil eu tinha que ter naquela época toas as partituras mandava vir de São Paulo e foi um trabalhão mas valeu por que ficou uma obra linda, que sá a gente possa leva agora no centenário do Sete de Abril no Guarany ai tem que fazer um projeto grande enfim, mas quem conviveu também e tem mais semelhança de idade de dança e di tudo.... (chegou Antonella) ... agora sim essa que trabalho com ela junto....

#### **Depoimento Antonella Caringi e Antônia Caringi - 24/09/2018**

**Antonella;** tu chegasse a forma ela?

**Antônia:** acho que sim né...

**Antonella:** porque eu acho que a gente deve ter registro disso aí, por que assim, o que posso dizer dela... depois que eu parei di dança que eu peguei a direção da escola que eu chamava ela pra tudo ela era como um braço direito assim, então eu

passava... por que a mãe teve um... uma pessoa que trabalhava junto com ela que era a Mariza, a Mariza era...

**Antônia:** a Mariza era uma grande compositora Pelotense i era a diretora artística da escola e coreógrafa, também faleceu com quarenta e cinco anos, então foi muito cedo

**Antonella:** foi muito cedo, a mãe fazia a produções e a Mariza fazia parte de direção cênica assim, de... das cenas di tudo, e a Janaína eu meio que ã eu comparava assim com a Mariza... nas coisas, por que tudo que ela colocava era muito certo assim, ela tinha meio que uma visão geral das coisas ela era muito artista...

**Antônia:** ela era artista criativa...

**Antonella:** ela era artista.. criativa

**Antônia:** e ela aprendeu, ela pego muito ela pego muito das coisas que... conviveu no ambiente de arte também por que aqui a gente já convivia, porque a minha mãe, não sei se ela ti disse meu pai era o escultor caringi que fez... então daqui o pai já incentivava, minha mãe já incentivava então a gente via na arte que passava aquela alegria, a arte gostava di passa pra os alunos, os professores....

**Antonella:** a Janaína começo muito cedo e já tinha este dom, além di dançar muito bem... quem era Janaína Jorge né... bom eu acho que ela começo já tinha uma propensão para o balé nato

**Antônia:** é a mãe a mãe tinha.... a Carminha é... por que a Carminha desde mocinha ela era baliza das escolas

**Antonella:** então ela já tinha a parte.....

**Antônia:** o pai era também, o pai era música né então.. dali a gente já sabia que alguma coisa...

**Antonella:** alguma coisa boa i dá, então da parte técnica ela nato isso dela, por que com quatro anos já fazia,, como foi o primeiro.. o girassol já tinha que faz aquela coreografia, eram elas sentadinhas no chão, com as pernas abertas e o braço lá em quinta ou terceira posição, se for Vaganova né, em cima e tinha que ir lá na frente com o corpo e coloca a cabeça na frente, ela já botava a cabeça no chão bá!

**Antônia:** ela já fazia...

**Antonella:** direto ela já deitava lá frente, to a cabecinha no joelho todas as menorzinhas não faziam e ela já deitava direto lá na frente...

**Antônia:** a gente tinha uns vídeos mas eu não sei...

**Antonella:** tá com quatro ano, eu lembro na música tarantaran tarantaran... eu lembro direitinho e o pezinho ela era toda perfeita, bom isso era a parte técnica né, e ela sempre foi... teve muita... propensão, muita facilidade a perna era lata tudo ela fazia muito bem, claro depois era teve... ela era gordinha assim, mas sempre ela danço bem, ela fazia os fuetes ela fazia tudo

**Antônia:** ela chego a fazer o lago ainda

**Antonella:** ela tinha, ela danço ela tinha facilidade pra fazê

**Antônia:** eu não sei se ela chego...

**Antonella:** pra fazê, ela danço o lago, ela tinha facilidade pra fazer as coisas, e fora isso a parte mental toda que ela tinha muitas ideias ela era muito criativa, e tinha um conhecimento ã... muito profundo, eu pedia uma coisa ai Janaína vamos coreografar

tal coisa ela bá! Botava na música iii então quando eu assumi a parte da direção que a mãe se afastou um pouco, ela foi meio que a Mariza assim, e aí eu resolvi... querendo monta Copélia, foi um balé muito bonito, que tinha com a gente a professora Viviane Candioto que tem uma escola que hoje já faz vinte anos em Criciúma , a parte do doutor Copélios e da Sonilda, eu disse pô Janaína pega a Alessandra e paga a parte de vocês que eu não vou nem me envolver, daí ela disseram perfeitos...

**Antônia:** perfeito

**Antonella:** peeerfeito ela só me apresento vamo ali vê o que tu acha, iii e isso aí tu poderias conversar com a Alessandra Becker que era nossa primeira bailarina, aí foi assim doutor Copélios... foi realmente perfeito

**Antônia:** é de aluna assim artista que saiu, assim da escola, ela foi...

**Antonella:** ela era artista, bailarina ã.. tipo artista/bailarino, que a gente chame né completo

**Antônia:** é por que as vezes sai bailarina...

**Antonella:** não só bailarino, com... como artista/coreógrafo ou artista/bailarino/coreógrafo, acho que ela foi completa

**Antônia:** criativa assim em tudo

**Antonella:** é por que assim, eu tenho é o lado do balé clássico né mas ela descambou para outros os lados né, ela fazia também o Tep sapateado né também, iii ela conheceu, conheceu

**Antônia:** i ela foi pra faculdade também, a faculdade ela fez cedo...

**Antonella:** a faculdade foi depois, posterior

**Antônia:** sim mas ela fez isso adiantado muito

**Antonella:** eu digo que foi na minha época, tias me perguntando quando a gente conviveu, então ali o saber dela já era uma coisa que vinha di dentro assim dela, ela já tinha um... uma coisa dela assim, que eu não sabia da onde ela tinha aquele conhecimento claro da gente estuda ali no balé, mas a arte dela já vinha... uma coisa... tipo a Mariza assim... ela tinha um ouvido pra música

**Antônia:** E eu acho que ela se envolvia muito depois né, da escola da minha ela começo... também a acho se envolvia com outras escolas daqui pra te um pouco de conhecimento assim di curiosidade do que que tavam fazendo e tal e depois ela era convidada né, ela coreografo muita coisa, ela participava de muitos eventos di dança em Pelotas, aí meio que eu fiquei fora por que eu já comecei a parte da televisão, mas ela cotinua, depois com a formação...

**Antonella:** e ela a gente si dava muito bem por que ela entendia o que eu pedia, tipo a disciplina ela ela ela... pedia disciplina tal ela fazia... aí as correções que eu pedia ela sabia corrigi, ela entendia o meu jeito então era muito impressionante assim, ah era impressionante pegava no ar as coisas, era muito bom e fora isso que tinha toda aquela brincadeira aquela coisa, mas quando tinha que fazê a gente ficava até di madrugada, o Bolero de Ravel que foi uma coisa difícil da gente coreografa por que foi uma homenagem pra mãe vinte e tantas bailarinas e elas começavam di fora do Sete de abril assim, foi conforme ia andando a música a bailarina ia saindo e ia a outra e eu disse exatamente pra ela o que eu queria, coreografamos juntas, então ia

saindo um parava ai depois vinha a outra e parava e ai a música ia crescendo ia ia as pessoas iam subindo as escadas e tal, quando vê tinha vinte e tantas bailarinas no palco i foi lindo

**Antônia:** tem um dizer lindo nesse programa, nesse últimos que elas fizeram juntas eu não sei se te adiantaria, não sei se foi vocês as duas que fizeram assim di aprendizado do que foi bom pra elas, eu acho que aquilo ali é uma coisa bonita, eu vou vê se eu acho aquele programa tá ali atrás que eu deixe... foi um dos últimos

**Antonella:** pra mi ela foi muito inteligente ... muita técnica e ela foi uma pessoa privilegiada eu acho pra dança e ao mesmo tempo busco já naquela época o estudo né, foi isso que eu acho...

#### **Narrativa: Carmen Anita Hoffmann – 22/08/2018**

Ahhh bom, eu fui professora daaaaa... Janaína Jorge, era coordenadora do Curso de Dança da UNICRUZ em Cruz Alta quando me aparece (fala com riso) uma pessoa espaçosa, conversadeira, que falava muito rápido que eu tinha que me concentrar pra entender o que ela falava.

A gente tava com dificuldade, naquela ocasião, em mil novecentos e noventa e nove dificuldade de criar uma turma que teria que ter vinte e cinco alunos em cada ingresso de vestibular, e a turma não tinha conquistado esse número de vagas, então tinham se matriculado apenas doze, e ali começou toda uma relação de comprometimento da Janaína com o Curso, ela e seus colegas de turma, pra viabilizar, então, a efetivação da turma de mil novecentos e noventa e nove. Ia pra reitoria, voltava da reitoria, se fazia campanhas, enfim, a turma aconteceu desde que com menos alunos do que vinte e cinco, desde que eles fizessem alguns créditos com a turma veterana, então a gente entrou em um acordo e a turma aconteceu, a Janaína então se muda de Pelotas pra Cruz Alta e foi uma grande articuladora no Curso de Dança, ela conhecia toda a gente da dança, quando eu pensava, quando eu pensava em fazer um evento a Janaína tinha assim muita gente que era interessante que não conhecia muitas vezes, mas que eram pessoas que estavam com o trabalho de destaque, um trabalho qualificado não só do Brasil como do exterior, então ela era uma grande conhecedora da dança.

E eu fico pensando atualmente como que ela no extremo sul, no estado do Rio Grande do Sul, morando em Pelotas, tinha toda essa conexão com o mundo da dança, com as questões atuais da dança, com as pessoas que estavam no topo naquela ocasião.

Então ela foi pro Curso super significativa a participação da Janaína, por que ela tinha todo esse trânsito com os profissionais da dança. E eu me considerava uma pessoa articuladora, e então Janaína, eu e a turma dela que se tornou assim super unida. A Janaína agregava, a Janaína foi colega do professor Thiago Amorim e era uma turma sim.. uma turma intensa que assumiu o papel não só de alunos do Curso mas também protagonistas da manutenção e da proliferação e também do marketing do Curso. Além dessas articulações era uma coreógrafa instantânea, bastava... tudo instigava ela a criar, então uma música, um grupo reunido, uma questão, um problema, e uma teoria, tudo virava coreografia e ela tinha uma forma muito... muito

espontânea, muito natural e muito presente de coreógrafa, então... além dela, da turma deles terem criado uma Companhia do Curso de Dança da UNICRUZ, que tinham diversas coreografias na maioria da autoria da Jana, eu me lembro que ela coreografou a... valsa (Oswaldo Montenegro); pra quem tapeia o chapéu, diversas coreografias pra diferentes eventos. Não só eventos de dança contemporânea, da dança da Universidade, mas também de eventos nativistas, Festival de dança de Joinville, enfim, pra diversos festivais, mostras e espetáculos.

Ela então, além disso coreografa pra Companhia, pros colegas não só nos trabalhos acadêmicos, mas para além desses, ela participava também de todos esses eventos, ela também se associou na época, ano dois mil ao grupo de danças Chaleira Preta, ao qual eu dirigia, coreografava enfim mantia o grupo, por que um grupo não é fácil no interior com tantas diversidades não é com meninos, meninas, homens e mulheres, um grupo amador, não tinha nenhum tipo de remuneração, mas que era um grupo pré disposto que viajava, participou de diversos Festivais Internacionais de Folclore, na Áustria, na Itália, na França, na Hungria, Paraguai, Uruguai, Chile, Argentina. Então o grupo de danças Chaleira Preta, que era um pouco resistente assim em receber pessoas especialmente do Curso de dança, existia todo um entendimento de dança diferenciado; era muito hilário até porque eu transitava pelos dois ambientes, e os bailarinos ou dançarinos do Chaleira Preta embora dançassem com as mulheres que frequentavam o Curso de dança, eles não entendiam o significado da dança contemporânea, inclusive eles imitavam a movimentação, as corridas, os movimentos do braço, os movimentos mais clichês da dança contemporânea, mesmo assim eles aceitaram a participação da Janaína, que já andava se comunicando com os meninos, com o João Ricardo que é um dançarino que tem um trabalho super reconhecido, então eles se associaram e pensaram em um trabalho para a abertura e me propuseram e eu achei ótimo, se o grupo aceitou a presença e a criação desse trabalho, então ela se agregou ao grupo e... montaram esse trabalho que se chama “Em qualquer chão sempre gaúcho” com a música “Vira virou” que também foi uma proposta inovadora para o grupo de dança Chaleira Preta, mas que é uma versão do Renato Borguethi, também tem um... uma interpretação nativista e acabou sendo uma coreografia colaborativa, onde a Janaína, o João Ricardo, o Sandro Augusto e o Vladimir Colombelli se agregaram para a criação, foi um trabalho interessante, porque mesclou uma poética nativista com contemporânea e o grupo se sentiu muito bem ao realizar, então foi um processo inovador.

A Janaína além de toda essa contribuição, toda essa relação que saia das paredes e das ações do Curso de dança da UNICRUZ, então ela circulou por esses ambientes diferenciados, coreografando e fazendo parte da história e da trajetória do grupo de dança Chaleira Preta, que pra mim é um vínculo muito importante. Grupo que eu trabalhei vinte e cinco anos, e é um grupo que me reafirmei enquanto criadora e quanto a minha emancipação no sentido de coreógrafa de danças de projeção do folclore, então... é um vínculo super forte.

A Janaína passava muito pela minha casa, por que ela morava próximo e volta e meia eu (risada com fala) ouvia os gritos na grade, no portão da minha casa

“Carminha Carminha tem café tem café”, então além da relação professor aluno, colega de coreografia de trabalhos artísticos a Janaína também se aproximou do lado afetivo,... a minha casa sempre foi aberta pra gente da dança, sempre acolhi todos eles e a Janaína não foi diferente. Elas participavam muito das atividades, então eu fazia doce, eu acolhia eles pra fazer programações de filmes de dança, a gente ensaiava as apresentações, os seminários, então para além das atividades da Universidade a gente fazia essa extensão na minha casa e eu acolhi a Janaína, e depois (riso) fui acolhida na casa dela em Pelotas então foi uma... relação mais do que profissional, a eu também tenho a dizer que a Janaína muitas vezes tinha dificuldade era de sentar e escrever, de sentar porque ela tinha um vitalidade era hiper ativa pode se dizer que ela conversava muito muito muito, ela falava ela verbalizava, e também ela se movimentava muito; ela não era uma pessoa tranquila, serena, ela era muito ativa. Dificilmente ela conseguia cumprir as datas dos trabalhos, especialmente os teóricos, os trabalhos práticos era instantâneo. Lembro de uma passagem onde se pedia a interpretação das lendas, que tinham no componente curricular de folclore, dança folclórica e tinham os trabalhos das lendas que eles tinham que fazer a interpretação como uma forma de dramatizar e, também que fosse pertinente pra levar pra escola, lembro que rapidamente ela fez, ela era o sol, a bola de fogo, então aquilo assim ficou por muito tempo a gente ficava “ai vem o sol ai vem o sol” e era a Janaína chegando, e era mais ou menos isso era um sol, cheia de raios e cheia de ideias toda hora e, tanto que a turma dela, ela se relacionava tanto, ela falava tanto, ela levava o Curso de dança pra além do Estado, pra além das fronteiras .. ela convidou o Octavio Nassur pra ser o mestre de cerimônia da turma de formandos dela e ele veio prontamente (riso com fala), veio de avião até Porto Alegre e veio de táxi até Cruz Alta, são quatrocentos quilômetros, ele foi até Cruz Alta levou o motorista, pousaram lá em casa mas ele veio cumprir com o convite que a Janaína tinha feito, então pra ver..., tudo isso pra ver a conexão dela com profissionais renomados de dança dos mais diversos gêneros né, desde a contemporânea, a clássica, a folclórica, então o conhecimento de dança que ela tinha era muito grande, por que o trabalho dela também era reconhecido, tanto que depois ela foi pra Curitiba e trabalhou um bom tempo com Octavio Nassur, na Companhia de danças Urbanas dele então, a Janaína realmente tinha um acesso aos diferentes contextos de dança.

Ã... continuando naquela linha, da dificuldade de se centrarem ..., no dia da formatura a turma tinha essa característica, com exceções de alguns, mais no dia da formatura estava tudo certo, a mãe da Janaína, a tia Carminha, que era que eles me convenceram lá que ela poderia fazer a decoração do palco, por que ela era uma artista, professora de Artes, então que ela iria e eles não iam gastar mas que eles iam fazer aquela formatura e eu preocupada porque eles tinham dificuldade de pagarem as mensalidades, numa Universidade particular, que é uma comunitária se não paga não se forma, então tava no dia da formatura faltava pagamento, faltava entregarem a versão final do Trabalho de Conclusão, Relatório de estágio, eu fiquei muito nervosa porque eu via o palco se organizando, a mãe da Janaína tia Carminha decorando o palco e os trabalhos não estavam entregues e os papeis não



estavam totalmente quitados, então foi um dia assim estressante, muito estressante eu com os pôsters, fiz um pôster pra cada um com os resumos dos dos Trabalhos de Conclusão e a versão final não chegava e não chegava, até que chegou então na última hora, eu tava muito mal.. eu tive problema até no meu discurso de formatura por que tava muito ansiada por causa dessas questões burocráticas mas que a gente tem que cumprir, então um pouco da característica ao mesmo tempo que a gente não consegue fica, não conseguia fica ã rompe laços com a Janaína por que ela tinha esse lado, toda essa energia que contagiava por um bom sentido, então a Janaína foi assim né, muito peculiar ã acho que também ela aprendeu bastante com essa questão da academia, da relação, dos comprometimentos então eu considero bem legal essas trocas, elas amadurecem todos os lados.

Durante a trajetória dela, começou a participar de um projeto de extensão, criado pela professora Luciana Paludo a Mimese Companhia de Dança Coisa, e a Jana foi fundamental por que ela foi muita instigadora ao trabalho da Luciana Paludo. Lembro também da nossa relação, de parceria, a gente se conectava, a gente assistia, a gente comentava, tinha uma relação amistosa de busca da qualidade nas obras coreográficas então foi muito legal, e a Jana participou como bailarina e atriz da Mimese Companhia Coisa, e foi muito significativo um um trabalho que provavelmente a Luciana vai esmiúçar com detalhes, e ela tem um material muito interessante, fotos, vídeos e folders.

Depois de todo esse trajeto, a Janaína então sai de Cruz Alta vai pra Curitiba, vai pra São Leopoldo, faz concurso e é aprovada no município que é um aspecto super positivo pra o Curso de Dança da UNICUZ, por que os egressos estavam participando de concursos de possibilidade de atuar no ensino na Educação Básica, então pra nossa surpresa assim aparece essa doença inusitada na Janaína e foi uma luta incessante contra, contra a doença .. mas a doença venceu... a Janaína foi prematuramente chamada a partir pra uma outra esfera i... mas antes disso ela foi muito importante quando eu vim fazer o concurso em Pelotas, eu preparei o conteúdo do ponto que eu peguei e eu fui na casa dela com o material pra ela fazer uma revisão comigo, ela já estava doente, mas mesmo assim estava alegre e falante, colocou legenda nos vídeos, então ela foi super importante, colaborativa e proporcionou qualificar o meu trabalho pra apresentar na aula, na aula do concurso público para meu ingresso na Universidade Federal de Pelotas.

Então dessa forma assim, eu só tenho a dizer que tenho lembranças agradáveis da Janaína, que ela... teve pouco tempo mas o tempo que ela esteve com a gente foi muito intenso, muito forte, muito visceral por que tudo virava dança ela não deixava lacuna nenhuma e o conhecimento dela e a sensibilidade eram fatores relevantes pra ela realmente ser uma pessoa da dança, pra ela ser um bailarina, pra ela ser uma coreógrafa. Era volumosa em todos os sentidos e ao mesmo tempo tinha uma leveza e uma prontidão criativa super reconhecida, eu a reconheço com uma figura importantíssima na dança do Rio Grande do Sul e acho fundamental esse trabalho, Carol, que vai registrar a trajetória dessa pessoa que circulou tanto, e eu sei o que o que te instigou. A lembrança da Janaína nas trajetórias de tantas outras pessoas da dança que reconhecem todo esse trabalho da Janaína, então

quero encerrar assim o meu depoimento: dizendo que a poucos meses eu estive em Santa Maria ... com uma profissional da dança muito parceira da Janaína que é a Alline Fernandes, ela tem uma foto assim no... aparelho de som dela assim... uma foto dela com a Janaína com um dizer assim “pra que eu nunca esqueça o lugar onde eu comecei no mundo da dança”, então que ela começou com a Janaína, considera super importante esse reconhecimento, essas pequenas ações demonstram o relevante papel da Janaína nesse ambiente da dança.

### **Narrativa: Maria Helena Klee Oehlschlaeger – 03/09/2018**

Olha eu tive assim com a Janaína contato praticamente todo o tempo deste que eu vim pra Pelotas, eu nasci em Pelotas mas eu fiz minha formação, eu passei a maior parte de minha vida em Santa Catarina lá em Joinville que eu estudei dança lá né, só que assim quando eu vim pra Pelotas, eu é... vim com dezenove anos, e eu vim foi para fazer faculdade e aí eu é... procurei dança balé em algum lugar e aí eu fui pra Antônia Caringi e aí lá eu conheci a Janaína pequeninha (fala com riso), a Janaína era pequena ainda e eu dancei um tempo lá na Antônia, assim fazer aulas né até dancei nos espetáculos da Antônia, e a Janaína já era super bem assim... ela já era uma criança adotada assim ela era ela era, eu conheci a Janaína nesse período assim, não sei exatamente qual a minha diferença de idade pra ela mas ela era pequena, e ela já era uma criança feliz assim, era uma criança bem extrovertida, dançava super bem i... e aí eu já tive aquele contato ali com ela depois ... e já fiz a faculdade naquele período e aí depois eu fui pra... fui pra... aí eu fiz concurso pra Universidade né, eu entrei na Universidade com vinte e oito anos foi bem nova assim quando eu fiz o concurso, e aí eu me encontrei com a Janaína di novo na... na Universidade né, só que aí nesse período antes da Universidade eu tinha um grupo, uma escola de dança e a Janaína também danço comigo nessa escola de dança na Malê, era Malê Escola de Dança, Escola de Ginástica e Dança, e aí a Janaína... então assim eu não tive uma... convivência assim... muito próxima ã... ã... como vou te dizer assim mais ã... íntima da Janaína né, mas em todos os lugares que eu que eu que eu... é estava a Janaína também estava por conta dessa aproximação com a dança né, e a gente se dava super bem.

Eu não sei assim é... te diz quem era o que era a Janaína (fala com riso)... assim, por que ela ela pra mim sempre foi uma mulher muito forte assim, ela sabia o que queria, ela tinha uma visão sobre o mundo assim ã... muito aberta e a gente ria muito por que eu sou muito é... eu gosto muito de fazer graça das coisas e ela ela era igual a gente se olhava né i ela depois ainda depois disso depois que ela posso pela Escola, quando eu ã montei o GRUD ela também participou do GRUD, então assim, ela sempre participava tanto na escola quanto no GRUD como aluna né, ela fazia aula comigo, eu coreografei pra ela inclusive eu fiz um solo pra ela i ela, pelo GRUD né, i ela me ajudava muuuito, i ela dava aula junto, i ela dava opinião, i ela gostava muito de mim assim né parecia né e eu gostava muito dela era reciproco, mas eu não consigo assim expressar o que era a Janaína Jorge né, ela era uma menina assim que me encantava, por que ela ela tinha muitos valores assim, i ela uma menina... parecida com minha trajetória também né de dança então a gente

tinha muita coisa em comum, i a gente ria muito juntas então é... ã... eu posso ti dizer assim que eu convivi com ela muito na, muito profissionalmente assim... i ela era uma ótima aluna né na Universidade, também foi minha aluna né nas cadeiras né, i a gente sempre se deu muito bem assim, mas eu não tive um contato muito íntimo assim com ela era muito esporádico.

Ela não coreografo, ela era colaboradora assim né por que eu sempre o meu trabalho sempre foi colaborativo assim sempre foi, então tanto na academia assim quanto na... ela ajudava sempre a monta dava os pitacos eu perguntava pra ela né, justo pela trajetória dela e tal, tipo a gente fazia umas coisas em conjunto assim, mas ela nunca coreografo pra mim nem na escola nem na... nem no GRUD, mas ela tava sempre presente nas coisas assim né, i ainda depois ela foi embora e eu perdi o contato com ela, ai depois quando ela voltou ai sim eu tive novamente um outro contato que ela.. ela sempre tinha, ela sempre vinha assim né, eu entrava com ela na rua né e a gente relembrava todas as histórias por que a gente conviveu bastante tempo também, é... mas ela coreografa assim particularmente pro GRUD eu... até agora a gente tem um material do GRUD que tem uma menina que fez um doutorado não um mestrado e ela fez a história do GRUD , ai ela fez um levantamento todo em fotos assim e ficou super bonito, óq eu ela levo né, a gente ficou fazendo um livro assim, eu acho que se eu não me engano tem fotos da Janaína nesse documento, e a Nora pediu pra gente manda esse documento pra faculdade de Dança né, por que o GRUD tem, fez 25 anos né ainda tá, eu tô ativando tô dando aula pra o grupo, mas assim tem coisas da Janaína tenho fotos da Janaína em casa até já tinha dito pras gurias né, eu tenho coisas dela por que se misturam com as minhas coisas, então a vida dela se misturo muito com a minha, mas a gente nunca se aproximou de mais assim né.

Ela danço bastante comigo com o GRUD assim acho que foi na mesma proporção assim tenho até filmes com ela dançando tem coisas da Escola bastante coisa com ela, i ela danço comigo bastante na época da escola fazia ã... eu acho que... eu perdi um pouco do tempo da cronologia eu perdi, eu até fiquei preocupada eu digo que ela vai me pergunta quando aís ou menos eu não sei ti dizer assim, na época da Escola foi noventa e depois e entrei pra pra Universidade ai em seguida ela já também fez a faculdade lá i... assim a gente não fez foi assim pesquisa a gente não fez pesquisa por que eu não trabalhava muito com a pesquisa né, então a gente trabalho só mais mesmo na prática né, então a gente trabalho bastante junto i ela não i ela... danço bastante comigo eu fiz várias coreografias que ela participava, ela era do grupo, ela dança. Eu acho que a primeira coreografia do GRUD ela dançava, ela era integrante, a primeira o nosso primeiro trabalho, ela danço por ali acho que foi noventa e três por ali, agora pensando melhor acho que foi noventa e três que ela danço, foi a minha primeira formação do GRUD ela tava.

#### **Narrativa: Luciana Paludo – 05/10/2018**

Quem foi Janaína Jorge? (riso)... (silêncio) ... a gente fica tocado né com a pergunta (risos) ... pega a gente de surpresa (risos) ... a Jana foi uma ... um ser di energia, di movimento, di muita dança, di muita urgência, que fez muito em pouco tempo né,

acho que ela tem essa característica de muitas pessoas que... ã que transcendem esse tempo cronológico enquanto elas estão aqui né, recentemente, eu agora to trabalhando em uma temporada, que eu sou bailarina num espetáculo em uma outra companhia, que é chamada as Tripas sentimento, que é da Elis sobre a obra di Elis né, i a gente viu muito Elis i Elis morreu com trinta e seis anos i a Jana com trinta e três né, iii é curioso né olhar para essas figuras i agora não tem como não fazer essa analogia dessa intensidade, dessa ... urgência di vida, di arte, ã desse excesso sabe corporal, imaginativo, ã fazedor, eu acho qui a Jana era uma fazedora di arte assim, uma facilidade di grava sequência, ela gravava sequência di olha uma vez, olhava uma vez pode se em vídeo, pode ser ao vivo ã e depois nos ajudava né, eu me lembro quando o Mário nascimento coreografo para o Mimese o quanto qui ela... o Mário é assim passa uma vez depois tu ti vira né, ele não repassa uma por que muito do repertório do Mário surge de improviso i nem ele conseguiria repeti então ele sempre dizia pega o código, pega o código que tá em jogo nessa sequência, mas a Jana consegui rete aquilo numa forma muito exata, muito perspicaz, muito na música, muito no que era aquela sequência em termos di qualidade e di padrões di movimento i depois quando o Mário ia embora né que ele fazia aquilo em quatro, cinco dias no máximo ã... ela ajuda muito a recupera esse movimento pra que a gente continuasse ensaiando né, i eu to me referindo aqui numa coreografia Além disso que foi um trabalho coreografado pro Mimese Companhia de Dança a Coisa em dois mil e dois que veio junto com Semelhanças que é um outro trabalho que eu não sei se tu já pesquiso algumas fotos da Jana dançando como Mimese ... já? Tu lembra de uma foto ã... qui eu to com ela e com o Wilson

Carolina: é que vocês tão... assim

Luciana: lado a lado os três

Carolina: sim

Luciana: Sim? Tá esse é o trabalho Semelhanças provavelmente tu tenha visto uma foto di dois mil e três, mas ele é di dois mil e dois é du nascimento du Mimese i ali naquele texto naquele trabalho tinha muito du qui nós todos acreditávamos di dança, o Mimese é uma iniciativa minha, mas como profe da UNICRUZ que eu era na condição di profe mas eu trabalho numa forma muito horizontal na minha vida artística, iii eu digo que tenho a felicidade di encontra artistas né pra dialoga em cada Curso di dança que eu trabalhei eu encontrei pessoas artistas pra troca e na UNICRUZ na ocasião em dois mil e dois que eu formei o Mimese, era a Janaína, o Wilson, então a Janaína tu tá conhecendo todo histórico di dança dela i era notável, visível tudo aquilo é um talento assim nossa... ai tinha a Kátia Kalinka, a Rubiane Zancan aaaa o Wilson França que tinham sido alunos tanto da Carminha quanto da Jussara Miranda, então tinha uma leva assim di pessoas que já tinham experimentado ã... muita muita dança naqueles corpos né, daí tinha a Vanessa que era uma aluna minha de São Luiz Gonzaga nu tempo que eu morei em São Luiz, ãa ai tinha a Carminha Furlane, tinha o Thiago Amorin que não era inicialmente do Mimese mas sempre dançava com a gente que a gente convidava, então eram pessoas assim que eram proativas artisticamente tinham iniciativa, personalidade cênica, criatividade brotando nos poros i o Semelhanças ele tinha uma... uma

questão assim do conceito da coisa a partir di Heidegger o filósofo que dizia “a coisa reúne, conjuga numa unidade a diferença”, i é difícil fala di filosofia hoje em dia, é difícil fala disso tudo i esse discurso hoje soa muito atual naquilo que nós acreditávamos tanto em termo di forma, corpo, escolhas estéticas que quem pode dança quem não pode dança o que, que gesto nós vamos levar se era então... a Jana ela... a gente formo o Mimese né todas as pessoas juntas, sob minha coordenação num momento que nós queríamos nos legitimar como artistas que moravam no interior, que tinha uma trajetória, poxa eu tinha... havia estudado em Curitiba, minha formação no Guaíra, mas nós todos tínhamos uma tarja a não vocês são do interior npe, e o único Curso di Dança do Estado, já tava abrindo a URGs, já tava abrindo a ULBRA, já tava abrindo a UERGS, mas nós já tínhamos uma caminhada di quatro anos na UNICRUZ, tá, desde noventa e oito as pessoas tinham muita curiosidade pra sabe o que que aqueles juca tão fazendo lá né, por que parece que no interior a gente não pode pensa e nem faze uma coisa que preste, a gente sentia isso na pele Carol... eu não tô brincando i um certo preconceito né até então o que a gente começo a discuti ah lirismo o que que é, por que todas as minhas ... gente começo a acha uns pontos incomuns eu e a Jana, a gente é brega nossa com a gente é... aquela coisa sentimental que as vezes brotava nas coreografias do desejo estético, ela coreografando ã... Osvaldo Montenegro e eu também cheguei a dança Osvaldo Montenegro depois troquei, mas eu troquei até a música que eu dançava do Osvaldo pelo Chico tocada por Artur Moreira Lima ao piano que foi que me deu o prêmio di melhor bailarina em Joinville, então era algo assim visceral... isso era meio mal visto pelo... pelas... pelos cabeções da dança contemporânea quei não estavam no Festival di Dança na época, então era uma coisa depreciativa para minha figura, eu era vista como a garota dos Festivais né, a... então todo um preconceito por causa de escolhas estéticas i agente colocava na roda essa discussão i a gente coreografa o que a gente bem entendia i na verdade era isso, a gente se encorajava artisticamente i esteticamente nessa questão das escolhas ... i a Jana era uma espécie di catalizador por que ela tinha uma inteligência muito rápida a gente conversava muito sobre questões di escolhas estéticas i nada que a gente levava pra cena não era pensado, podia parece ingênuo tudo tinha um motivo di tá ali, né então o que que era... era a gorda, o preto e a magrela, tá o que eles tem em comum... né até no Semelhanças a hora que eu falava quem dança era ela eu falava o texto, i né então ela dançava a coreografia que ela dança no Semelhanças a partir di matriz de movimentos das minhas coreografias aquelas que eu aquelas que eu queria nega, que ... lá pelas tantas eu comecei a ter vergonha de ter sido bailarina di festival, i eu comecei a nega o vocabulário di movimento que era meu i ela assume esse vocabulário di movimento numa forma assim tipo que vê (risos) né tipo eles tão aqui me faz eu revê isso sem medo de ser **ouver** di trazer a expansão, o gesto, o acento ã... aquela coisa que vem da dança moderna numa época em que Deus me livre se moderno né por que que era foda di moda tinha que se né.... daí tinha uma ditadura do menos, uma ditadura explicitas as pessoas nem tavam sabendo o que elas tavam falando os que tavam ditando o que tu podia dança, tá e tinha uma galera di São Paulo e do Rio, que

olhavam pra nós com muito depre... ã... com muito ar depreciativo era na época dos Condança, então vinha muita gente di fora pra vê o que que os gaúchos tavam fazendo, i a gente ia com as nossas coisas, com a questão di ser gorda e di ser bailarina, a gente se divertia então eram discussões assim potentes em termo di pedagogia, em termo dia arte, di imposições estéticas mas a gente... era prazeroso tá dançando junto, i a Jana era... esse movimento todo dessa parte inicial amiga né a gente começo... não era Menssenger era MSN, tu tinha MSN Carol?

**Carolina:** Tinha, tinha

**Luciana:** Tinha? Tá a gente conversava muito pelo MSN, ã... (risos) me lembro que ela sempre colocava aquelas carinhas di (falou algo junto com a risada não entendi), né quando a gente tinha medo, socorro (risos) ai ai. Ai eu vi a Jana também coreografando muito pras escolas di dança pra Tupã, ela trabalho um monte em Tupaciretã, ã coreografo muito, tinha um trabalho como professora assim exímio, cada vez que a gente fazia Dança Cruz Alta, em que ela trazia os alunos dela, os alunos dela di Tupã nossa era uma coisa primorosa tu tinha que vê as alunas di dança do ventre dela, ai tudo tudo era pesquisado, argumentado por que ai... eu me lembro muito duma menina chamada Iria que tinha uns doze, treze anos ai assim aquela coreografia.... olha só eu me lembro da coreografia era feita di caminhadas, ombro, olhos i eu perguntei “Jana por que ela não faz quadril?” i ela mi deu toda uma explicação que na idade da Iria a coreografia ela não ia fazer a Iria faze quadril, era olho, ombro, caminhada ã por causa da idade dela né, i... bah a construção estética era muito coerente com a quilo que ela acreditava di dança sabe, erma coreografias sempre muito bem cuidadas, acabadas ã... enfim me lembro disso dela, sempre em fluxo, sempre em transito, ela tava sempre em transito....

### **Transcrição Thiago Silva Amorim Jesus – 12/09/2018**

Eu não sei se eu consigo responde essa pergunta eu acho que já começa por aí, assim ã... eu não sei se alguém consegue responde essa pergunta né na verdade, porque... se a gente for pensar que a gente, que nós somso seres né em constate transformação ã... que somos múltiplos né conforme tudo que a gente vai vivendo a gente vai se resignificando vai se transformando ã... pensa na Jana é pensa muito nessa multiplicidade assim né, a Jana não é uma coisa só, a Jana não é uma coisa só né ã... lógico que eu vo né de repnde nessa nossa conversa eu vo faze esse exercício di provocação que a pergunta propõe né mas considera que não tem uma resposta assim, pelo menos não uma resposta absoluta, fechada, definitiva ã... por que a Jana é muitas coisas né, se for pensa assim ã... ela ela influencio e ainda influência muita gente sob muitos aspectos né, minha relação com ela vai passa por isso né, minha relação pessoal, minha relação di colega, minha relação di artista né, e di pesquisador também e di carnavalesco né todas essas coisas que eu vou me construindo e ainda me constituo né por que a gente tá sempre aprendendo, tá sempre inacabado, muito dessas coisas tem a ver com ela né, eu me lembro, eu me lembro a primeira vez que eu encontrei ela foi na aula inaugural do Curso de Dança em mil novecentos e noventa e nove né na segunda turma do Curso de Dança da UFPel, da UFPel não desculpa, da UNICRUZ né onde nós nos formamos, nós

éramos da segunda turma ã... iii a aula, a aula inaugural né da nossa turma ã... foi com a Jussara Miranda né a aula da primeira turma foi com a Vera Bublitz que era uma pessoa, que é uma pessoa com uma ligação muito forte com a história da dança de Cruz Alta né, foi professora da Carminha e tudo mais teve uma escola durante muito tempo lá em Cruz Alta, i a Jussara também, a Jussara foi colega da Carminha né, tiveram uma Escola junto e tudo mais i depois o Muovere que é uma companhia né já di décadas assim, o trabalho bem consolidado né e que agora tá em Porto Alegre, o Muovere, o Mouvere nasceu em Cruz Alta né, i a Jussara foi faze a aula inaugural na nossa turma né i.. ii.. foi a primeira vez que eu vi a Jana né, i eu sabia que tinha uma menina que era di Pelotas e ta ta ta i tudo, mas eu nunca conheci ela né, não tinha conhecido ela pessoalmente assim né ã... foi i ela fazia aula eu não me lembro se era quinta e sexta a noite i sábado di manhã, ela fazia tipo umas três disciplinas assim né, por que ela dividia né u.. ela continuava trabalhando, a Universidade era paga né então todos ousou em dizer que são todos, mas praticamente todos nós trabalhávamos di dia pra paga a faculdade que a gente fazia a noite, as aulas eram quinta e sexta a noite e sábado di manhã, iii iii então eu lembro que eu via Jana assim, iiii ela era uma entidade parece assim sabe, ela era uma, uma presença muito grande, ela era grande né, a Jana era uma pessoa grande, grande di tamanho físico assim né, alta, grande e né iii uma presença muito forte, sempre bem maquiada né, vaidosa muito vaidosa muito vaidosa né, i foi a primeira vez que eu vi ela no dia da nossa aula inaugural, deve te sido em março de noventa e nove né a beira di fazer vinte anos agora, i desde lá a gente viveu muitas coisas juntos né, não sei se tu vai continua me perguntando sobre essas coisas que eu tô ti falando (risos), ou eu vou falando o que eu acho que eu tenho que fala... Por que.. a gente começo como colega di faculdade né, eu comecei a faculdade em noventa e oito eu fazia jornalismo i troquei pra dança di noventa e oito pra noventa e nove fui até o terceiro semestre, i eu também não fazia no primeiro semestre todas as cadeiras, por que muitas eu aproveitava né tipo ã ã filosofia, sociologia, antropologia, metodologia, essas assim mais básicas assim, muitas delas eram no primeiro semestre então eu fazia anatomia, estudos da anatomia sabe (risos), tinha ã eu fazia consciência corporal era uma disciplina i a outra eu não me lembro qual era... era uma disciplina específica da danças assim né, aqueles que precisa faze no primeiro semestre né eu achoq eu fazia com ela eu acho que duas né dessas ai sim, a a Jana tinha começado Educação Física né aqui na ESEF, aqui na Federal em Pelotas i não não concluiu i participo do GRUD i t ata ta, mas assim o Curso di Dança nosso di Cruz Alta foi o primeiro do estado noventa e oito foi a primeira turma então nós somos da segunda turma né então, logo qui qui foi aberto o Curso di Dança e ta ta ta na segunda turma a Jana já foi né, a vida da Jana era a dança... ou as danças né eu... é interessantíssimo aí eu volto na questão que tu provoco, eu digo que é difícil talvez precisa né ou faze uma parte mais definida assim por que a Jana é muitas coisas, i eu falo no presente por que ela é presente ela é vida em nós né através de muitas coisas através da nossa memória, das nossas coreografias né do Abambaé de tudo que a gente construiu junto assim então ã..., pensa na Jana é pensa nas danças também não no singular no plural, por que assim... como a vida

dela sempre foi a dança desde penininha dois, três aninhos, (não entendi)... já andava por aí dançando, coreografia e espetáculo... iii não sei o que e ta ta ta, ã... a Jana ã.. teve uma ligação muito grande com muito gêneros, com muitas linguagens di dança, a Jana dava aula de Flamenco, dava aula de Sapateado Americano, dava aula de Dnça do Ventre, de Danças Urbanas, dava Jazz, dava Clássico, Folclore entende, dava Contemporâneo, ã... ã... eu nunca conheci i isso é certo, nunca conheci alguém que tivesse um trânsito tão grande e uma propriedade tão grande de tantas, tantas vertentes, tantas linguagens, tantos gêneros di dança nunca, talvez nem vá conhece né nessa encarnação, ã... i... ela era... ela era muito versátil i era muito... ã... como é que eu vo dizer assim... ela trocava o chip muito rápido sabe muito assim ã... sei lá eu, tava dando aula na academia tava aula de três, quatro coisas uma atrás da outra, todas diferente né ou coreografando né e tudo mais, eu fui coreografado pela Jana né entre outras coisas, bom a gente era colega di aula fazia muita coisa junto né... tem a história da bola di fogo não sei se já ti contaram, né que é uma história que a gente fez uma... ai... aula di Folclore sábado di manhã com a Carminha (risos), a gente fez uma... montagem dramática, uma releitura da Salamanca do Jarau a lenda, e a Jana era uma bola de fogo (fala com risos), surgia (risos com fala) , ficou muito marcante isso na nossa turma, a nossa turma de faculdade era muito, era parecida com a de vocês assim, era muito contundente, muito presente, muuuuito ativa, muito política fomos nós que fundamos o diretório acadêmico Carmen Anita Hoffmann né (risos), o diretório acadêmico da nossa época, então assim era uma Universidade particular iii... assim imagina o primeiro do estado em faculdade particular, não tinha mais ninguém, não tinha ninguém estudando dança no Rio Grande do Sul naquele momento nem em Santa Catarina né iii... então a gente fazia muita coisa sabe, a gente assim ó a gente fazia festa na boate pra vende os ingresso, pra pega o dinheiro, compra um som pra nós faze aula, só tinha um som, daí não dava um som por conta das aulas e da gente ensaia e tudo, então a gente fazia evento, fazia rifa e coisa festa e ta ta ta pra paga um ônibus pra i a Porto Alegre pra assisti o Cunigan, a Pina Bush, a o Quasar, o Corpo né companhias importantes pra nós né assim enfim, da dança independente do gênero né, i então assim mesmo no interior a gente sempre foi muito conectado... sabe a gente foi olha não sei se tu já teve possibilidade do olha a tese da Carminha né que fala da trajetória do Curso di Dança, então era uma atuação muito forte politicamente, eu to falando isso por que a nossa turma era meio protagonista nisso assim, não tô desmerecendo o papel das outros sabe, mas a gente levava as coisas muito a frente né (risos) o diretório acadêmico foi a gente que fundo eu era o vice-presidente, a Pati umas das amigas nossas e da turma também, muito amiga da Jana moro com a Jana enfim, a Pati... era a presidente iii a gente tinha muito isso assim sabe, era... ã... não era pelo o fato di tá lá naquele lugar que a gente não tava conectado com o mundo sabe, dez.. dez eu acho uns onze anos depois... até mais do que isso, assim mais de dez anos depois que Joinville foi traze a Sylvie Fortin que é uma... um nome assim, como é que eu vou dizer assim muuuuito importante pra dança sobre a dança e educação somática, os estudos mais contemporâneos di dança, mais da autoetnografia, ã... Joinville foi traze ela... sei lá eu uma década mais



de uma década e tanto depois que ela tinha ido a Cruz Alta gente, entendeu? ã... então assim a gente tava lá e tava conectado e a Jana era uma pessoa muito conectada, conhecia as coisas, as pessoas, ou di já te ido ou né di ter relações e tudo enfim, então esse ela teve um papel muito importante nesse, nesse ramo político digamos assim né tanto da organização nossa discente quanto dessa política da dança em si né, iiii poxa a gente fez tanta coisa junto assim sabe a gente crio a companhia di dança da Universidade né da UNICRUZ que a gente coreografava, ã... i i bom eu fui bailarino i depois disso eu coreografei né uma época que nós montamos um trabalho chamado Negros Montes de Orvaldo Montenegro, a trilha sonora di Osvaldo Montenegro e a leitura das histórias das trilhas né então... sei lá eu... uma coreografia marcantesíssima assim na trajetória foi Bandolins né que foi que é inspirada na obra de Osvaldo i que a Jana coreografo i que ganho Santa Maria em Dança, ah também tem isso, nesse período surgiu o dança universitários que é uma das categorias do Santa Maria em Dança, dança estudante, dança da terceira idade tarara i o dança universitários i nós fomos participa, a gente foi participa desde a primeira edição assim quatro, cinco anos seguidos né, pelo menos na época da minha turma assim que todos, todos anos a gente foi tiro terceiro lugar, segundo lugar e primeiro lugar ganhamos, a primeira coreografia que a gente danço que a Jana que coreografo lá foi ã... ... ã... Feridas do viver... que era uma coreografia que foi criada pra abertura da Coxilha Nativista, ua música que é do Cristiano Quevedo que eu acho que é de Piratini, daqui pertinho de Pelotas que a Jana conhecia o trabalho dele um cantor nativista i... o nome da o nome da música é pra quem Tapeia o chapéu, a música é assim muito forte que ele ele (emoção) que ele crio a música pra homenagear o irmão dele que tinha morrido, ii daí a organização do Festival quis fazer uma homenagem pra ele por que se eu não me engano ele tiro segundo ou terceiro lugar com essa música no ano anterior ii a direção artística do Festival nos covido a a Companhia de Dança da Universidade pra coreografa essa música por que no ano seguinte ele ia fazer show na Coxilha, i daí... olha tô todo arrepiado... iii daí ele foi fazer o show e a gente danço ao vivo com ele no palco, foi uma coisa linda marcante ele chorava, a gente chorava, todo mundo chorava (risos), foi muito bacana, aí era sete meninas i eu nessa coreografia, eu fazia um duo com uma num canto assim, aí tinha eu e ela aí depois tinha seis meninas que dançavam ã... esse eu acho que foi... eu acho que foi o primeiro trabalho que eu dancei dela... bom não vo me lembra (risos)... daí depois eu dancei Negros Montes foi né muitas coreografias que a gente danço daí depois teve o espetáculo dos dez anos da UNICRUZ, era um contemporâneo assim e tudo mais iii a gente crio a Abambaé, eu não se tô sendo preciso na ordem, nas datas ou enfim é como eu tô me lembrando das coisas, iiii daí em dois mil e cinco a gente crio Abambaé foi uma loucura assim que era ã... eu era agente de Cultura e Laser do SESC i a Jaci fazia, a Jaci irmã da Jana né enfim, a Jaci fazia tipo um estágio assim um negócio assim trabalhando com recreação no SESC também em Cruz Alta a gente era do mesmo departamento, i daí num sábado a tarde ã... a gente sentado lá numa salinha lá no SESC só tava eu i ela no SESC, i a gente tinha vindo já do Festival di Folclore por que ã... muito talvez, muito ou boa parte da minha influência

por que eu vim do teatro né antes de fazer dança formalmente eu fazia teatro né em grupo e tudo mais, não fiz teatro no meu ensino médio, não fiz dança no meu ensino médio eu fiz teatro né iii isso junto com a participação no Festival de Folclore de algum modo foram as coisas que me levaram pra fazer o Curso de Dança né iiiiii iii i... o Festival de Folclore é um movimento bacana, mundial e tudo e Cruz Alta teve um lugar bacana né no Festival de Folclore, o primeiro festival foi em noventa e seis, segundo em noventa e oito, o terceiro ... é de dois em dois anos né i aí a gente fez dois mil e quatro e dois mil e cinco seguido assim, iii eu me lembro que a gente fez o Festival de Folclore em dois mil e quatro isso, fizemos o Festival de Folclore em setembro mais ou menos nessa época assim, i um pouquinho mais a diante assim... eu i a Jaci tava sentados lá no SESC coisa e tal daí assim ii as pessoas iam no Festival de Folclore i elas só viam os gaúchos dançando né por via de regra eventualmente uma escola de samba e ta ta ta ... mas era mais ou menos isso que resumia o Brasil i a gente achava que era pouco né, olha o tamanho do país, olha a diversidade de coisas que a gente tem, i a gente acabou... i a gente acabou conversando assim eu disse “Jaci vamos montar uma companhia de danças brasileiras por que né” i daí criamos o Abambaé, aí a a eu sentado aqui a Jaci sentada aí nós pegamos o telefone e ligamos pra Jana, “Jana (não entendi) vamos, vamos”, então o Abambaé surgiu assim de uma conversa i de uma ligação entre os dois um sábado à tarde i a Jana topou de cara assim a gente já pesquisava umas coisas de danças brasileiras, depois fiz um curso com o Gustavo Côrtes que é do Sarandeiros que é um grupo... digamos uma companhia importante do Brasil que se propõe a dança danças brasileira enfim i... i daí a gente começou a procurar pessoas, chamamos o Igor a Stê ã... e juntamos outros colegas da Universidade e tãta e tudo, i juntamos quatro casais i começamos o Abambaé, começamos a ensaiar a Jana coreógrafo veio pra coreógrafa ela já morava em São Leopoldo perto de Porto Alegre i a gente fez ã uma vaquinha pra pagar a passagem dela pra ela vir pra coreógrafa e tudo mais, passamos um final de semana enfim, a primeira coreografia do Abambaé da história é o Carimbó as pessoas não sabem acham que são outras coreografias né, a primeira coreografia do Abambaé é o Carimbó, iiiiii i daí a gente foi coreógrafa o dia vinte de maio de dois mil e quinze, que a gente diz que foi a data de fundação do Abambaé por que foi nosso primeiro ensaio tem foto inclusive disso eu acho que tem uma ou duas fotos desse ensaio i inclusive tem a Jana nessa foto eu devo te lá... ã... eu não lembro umas semanas depois, umas duas ou três semanas depois ela voltou que eu me lembro que nessa vez ela foi se eu não me engano só na sexta-feira foi uma coisa assim, i depois ela veio voltou aí passamos assim sexta, sábado e domingo i ela coreógrafo o espetáculo inteiro, eram umas doze danças se eu não me engano (risos), daí tem Afroxé, daí tem Lundu e Siriá, daí tem... ã... Cocô, Engenho, Siriri, ã Calango e Tontinha, não tinha Caranguejo ainda ã enfim, um montão de dança né i... i muito interessante isso né então eu sempre digo né ã... não fosse a Jana, não fosse eu conhece a Jana eu não teria vindo a Pelotas, não teria vindo pra Pelotas né, ela foi de Pelotas pra Cruz Alta i a gente se conheceu aí que criei vínculo com Pelotas né por que nunca teve necessidade, nunca tinha vindo, não tinha parentes, não tinha amigos enfim com relação assim com a cidade, então o fato dela ter ido é

o que me traz pra cá i depois.. né aí tem a função da Jaci também, daí tem a função da Carminha ter vindo pra cá daí também ela foi essa ponte oi o elo de ligação entre esses dois mundos digamos assim né di Cruz alta i di Pelotas, é a Jana se envolveu com o Carnaval lá chego até coreografa uma das rainhas da Imperatriz minha escola, nossa escola de Cruz Alta né pra o concurso, foi jurada do Carnaval ã.. ã... o Chaleira né a Jana participo do Chaleira né coreografo o Chaleira... ã... ã... a gente fez muita muita coisa junto assim né i i isso... ainda deixa de se só uma relação entre colega assim de aula, tipo começa a frequenta as casas as famílias né ã ã... extrapola vira uma amizade mesmo não é só o colega que tá ali numa disciplina né a gente começa a fica muito próximos né i depois ela fez um... ela e a Jaci né como se fosse assim... não digo uma pressão, mas um movimento muito grande pra que eu fizesse o Curso o concurso aqui né por que né eu dava aula em Universidades privadas, eu dava aula na UNICRUZ, na URGs de Santo Ângelo e na URGs de Frederico Wesrphalen iii fazia o mestrado em Floripa, i daí eu defendi finalzinho vinte e sete de abril de dois mil e nove i o concurso aqui na UFPel foi em início di abril, então as instruções foi em janeiro e fevereiro um negócio assim, eu disse tchê olha nem terminei o mestrado ainda né... ã... não vo consegui me prepara pra esse concurso né como eu gostaria né e tudo mais, tá mas vou fazer como experiência e ta ta ta vim, fiz e passei em segundo lugar né o nosso concurso é a Xanda, a nora i eu, né ã... o concurso pra uma área que não existe mais também né que é teoria e prática da dança teatro, na época o Curso era Dança-Teatro aqui, não era não era... dança-Licenciatura como é hoje né i... daí elas fizeram o movimento a Jaci e a Jana pra que eu fizesse aqui que ficasse na casa da tia Carminha com elas e tudo mais enfim i vim fazer o concurso e ta ta ta i as coisas são como tem que se né, se eu tivesse passado em primeiro lugar não teria sido melhor pra mim sempre é como tem que se né, por que o que acontece daí eu vim defendi o concurso vim tá passei em segunda lugar tá, daí ã... eu defendi vinte e sete de abril e as inscrições do doutorado encerravam dia trinta, daí eu disse tá enfim não não vo me inscreve né enfim né i as inscrições foram prorrogadas, eu enfim né vo fazer pelo menos eu vejo como é que é já vo me preparando ta ta ta aí ano que vem eu faço de verdade eu fiz passei né aí meu Deus, aí eu passei (risos) e tive que fazer o doutorado, daí fiquei um ano né nesse processo que foi um ano pra eu fazer as disciplinas né do doutorado matei as disciplinas aí quando eu fui chamado aqui eu tava no finalzinho da última disciplina, então foi né bem como tem que se, então a Jana teve uma participação teve né uma participação muito grande nesse meu processo de vinda pra cá, né nessa minha nessa minha... na mudança de minha vida na verdade por que eu tava eu tava assim eu dava aula no Curso di Dança em Cruz Alta na UNICRUZ e na Pedagogia iii na Educação Física na URGs em Santo Ângelo e Frederico com as disciplinas di Dança, então né eu tava numa vida digamos assim... não tava um tanto quanto insegura né por que Universidade privada cumprindo carga horária aquela função toda, tanto é que o Curso di Dança fecho em dois mil e dez i i daí o que você busca não difgo tudo mundo mas eu buscava uma instabilidade né, trabalha pra aquilo que eu estudei, pra aquilo que eu me formei dentro de uma Universidade pública, aí eu vim pra cá, eu vim pra cá em dois mil e

dez né em maio de dois mil e dez ã... o nosso projeto era mora junto os três, a Jaci, a Jana i eu... (emoção), i acabo não acontecendo assim né por que aí em final finalzinho de dois mil e nove a Jana descobriu que tava doente né... i daí ela passo nessa idas e voltas aí a gente.. chego a fica não sei se um mês assim meio que junto né i... todo o processo dela em Porto Alegre no hospital... aquela função toda né i... aí eu tava indo pra uma orientação do doutora no dia treze de outubro de dois mil e dez (emoção).... quando as gurias me ligaram dizendo que a Jana (emoção)... que a Jana tinha desencarnado... daí eu cheguei i... eu tava indo di di, tinha ido passa o feriado em Joinville né com a minha família i tava indo de Joinville pra Floripa tava no ônibus desse jeito... eu liga pra... liguei cancelando minha orientação de doutorado eu disse “olha impossível né”, daí eu cheguei desci na rodoviária de Floripa, peguei um taxi e fui pra o aeroporto pra pega um avião pra vim pra Porto Alegre... daí cheguei em Porto Alegre... acho que tipo início da tarde assim isso era tipo final da manhã início da tarde i daí eu cheguei eu peguei o primeiro primeiro ônibus eu cheguei aqui segunda metade, mais pra o finalzinho da tarde já, i... não foi fácil... ainda não é... nunca é né... então a gente viveu umas coisas bacanas junto muitas muitas eu digo que eu ainda tenho uma ou duas coisas que eu devo pra ela... por fazer ainda... que poucas pessoas sabem... é... mas que vão ser feitas vão acontecer em um um outro momento assim, no momento certo se for pra se vai se, mas eu disse que eu vo faze por ela umas dois ou três coisas que são meio que um... que a gente tinha se programado pra faze junto assim i... que assim de algum modo são minha homenagem pra ela também né, a lembrança que eu tenho dela di sempre né ã... a gente viveu coisas muito legais junto nós tivemos na nossa turma né... infelizmente ela só conseguiu ir em uma turnê a Abamabé tem quase quinze turnês internacionais (risos) ela só conseguiu ir em uma né que foi a terceira eu acho é... a primeira foi Paraguai, a segunda Uruguai i a terceira turnê internacional da Abambaé foi pro Chile né..i i o Norte da Argentina foi pra Antofagasta i Santiago les Estero, i... assim... essa viagem é marcante por muitas coisas né foi a viagem mais longa... tem toda função uma viagem muito hilária a gente tinha ido de ônibus pra o Norte do Chile no meio do deserto (fala com riso), foi uma muito muito ótima assim, muito louca a viagem tem muitas anedotas muitas coisas legais né i foi na verdade a viagem dela na Abambaé, por que as outras eram pertinho vai numa cidade perto né aquelas viagens mais regionais assim né ou ou quando Abambaé veio dança em Pelotas né, Abambaé veio pra Pelotas em dois mil e oito né mais antes disso já tinha vindo dança no Dia Internacional da Dança e outros eventos... tirando isso a a viagem entre Cruz Alta e Pelotas tinha sido a maior desse âmbito assim pra ela né, i assim viaja pra o Chile né imagina dois dias e tanto, dois dias e tanto de de ônibus né pelo pelo, aqui pela Argentina né depois pelo pelo Chile até passamos pelo deserto do Atacama i foi... a viagem dela né a viagem que ela foi ela usufruiu, ela danço, ela coreografo, ela bebeu, ela riu, ela né então foi assim talvez o grande ponto di retorno pra ela né e di di satisfação i di e di quase que di plenitude né dentro do Abambaé eu acho que foi essa viagem assim de todas essas características né... então por tudo isso por todas essas coisas que eu já ti falei (risos com fala) é difícil você precisa ela quem é ela o que ela foi né pensando no singular, pensa muito

nesse plural, nessa multiplicidade, nesse diversidade, nessa presença, nessa potência a Jana era graaande, gorda i i i enorme assim sabe mas ela era levíssima.. ela era uma pluma fazia assim coisas que nós ditos magros né na época não fazíamos tão bem e tal, era muito menos a questão di peso muito mais a questão di leveza, di técnica, di suavidade né essas coisas todas vão... vão... assim ela lidava bem com isso, ela lidava bem com isso sabe ã... as pessoas não lidavam as vezes né, assim “aí como assim professora di dança? Bailarina? Coreógrafa essa grande essa gorda?” tipo assim talvez as pessoas não falavam com a boca né, mas pensavam u faziam né, ai tipo ela? Né tipo né... i ela... entendeu, porque... ela era ela vencia ela como vou ti dize ela dava conta entende, ela se garantia entende, com o que ela sabia, o que ela era, ela não precisava entende, tá mas tal coisa ela ia lá e fazia, ou ia lá e ensinava, ou ela tarara então ela se garantia ela não precisava... não precisava se esconde atrás disso entendeu, foi muito forte... muito talentosa né muito talentosa ã... eu me lembro dela né escutando a música, contando a música, desenhando a coreografia ta ta ta , fazendo os rabiscos dela num papel (não entendi) da coreografia mesmo, de organiza a ideia ela tinha muitas coisas num bloquinho que ela fazia i i... ela sabia ela sabia o que ela queria isso é muito muito importante, acho que isso eu aprendi com ela sobre coreografa sabe, você tem que endente o movimento que você faz ele acontece de um jeito que não é o mesmo jeito no seu corpo o que acontece no corpo do outro né, mas você tem que sabe o que você que com aquela poética sabe, ela sabia o que ela queria... ela sabia o que ela queria né na hora di corégrafa ela era muito rápida, muito rápida isso eu acho q também não sei se eu fui influenciado por ela (fala com risos) eu sei que tipo de chega uma uma... num ensaio numa tarde sai uma coreografia e ela não que nem sabe entendeu né ã ã e eu acho que muito disso eu herdei dela, pelo menos eu fui contaminado por ela desse modo de coreografa entendeu i eu não sei o que mais dize mais... essas coisas que eu vo me lembrando ai, foram momentos lindos, memórias lindas, são até hoje né a gente não pode pensa muito que chora (risos) faz parte também iii mas ela tá aí tá viva, tá em nós, tá nas... tá gente no que a gente aprendeu com ela, tá no ensino da dança dela, tá nas coreografias, tá nos conceitos, tá na energia que continua circulando por ai teve tá ai agora né louca (risos)

## Apêndice C – Recordações Referências (parágrafos)

**RECORDAÇÕES REFERÊNCIAS \* Janaina Jorge \***

**Dança**

1 escola ali onde é o Cinema Capitólio ali do lado, ai então no início assim que era abri uma balé infantil, onde foram montados espetáculos assim di di Andersen, assim história pra criança, i eu comecei assim adaptando pra dança, Pinóquio, Branca de Neve, as histórias assim, e já levava para o palco do Teatro Guarany,

2 Janaina entro pra minha escola assim piquitita, acho que tinha quatro anos eu a acho quando ela veio,

3 não sei se lembro bem girassol... ela foi assim uma participação no corpo de baile infantil já pequeninha, daí ela já começo sempre junto da minha escola e a gente foi tendo além do carinho pela... pelo como ela como pessoa, como pessoinha mesmo pequena, mas pelo talento que ela já tava desenvolvendo, então começo dos quatro até ela já mocinha, ai ela já participo de todos os espetáculos praticamente até o último até dela dela comigo foi u á a Sissi, que foi uma produção grande.

\*CITACÃO\*

4 Janaina participo di uma das minhas que foi assim um filho mais querido, que foi o balé o Guarany, di José di Alencar, que foi um balé que teve estréia nacional em Porto Alegre na Ospa, com também os primeiros bailarinos a Ana e o Paulo Rodrigues, e a Janaina foi já, assim papéis importantes, papéis principais né que ela fazia, depois um dos últimos que ela danço comigo a Sissi a Imperatriz da Áustria.

\*CITACÃO\*

5 Janaina participo como a mãe da da Imperatriz né, com aquelas roupas lindas e figurinos e tal ii já era consultada sobre muita coisa por que ela já tinha... já tava desenvolvendo aquele talento né desde ali como coreógrafa, né bailarina, embora ela fosse mais fortinha, mais gordinha as ela danço muita muita coisa comigo, danço o Lago dos Cisnei, também com a Ana Bota fogo como primeira bailarina ela danço no corpo di baile, depois ela fez Boda di Figaro também, que era ópera também baseada na dança também, então... dali desenvolveu assim, era parte quase da nossa família né, a Carminha também participo, até foi engraçado por que ambas dançaram no balé o Guarany, a Carminha foi parte dos índios Aimorés e a Janaina também participo, também assim como primeiras figuras então foi assim...

6 e as irmas também participaram comigo eram pequeninhas, a Jaci ara e a Jordana, então o que eu posso ti dizer assim que ela foi realmente uns dos talentos da dança a a gente conheceu e eu me orgulho né por ela ter sido minha aluna,

7 depois ela fez também uma ópera que ela ... ópera sempre é tenso, finais tristes mas enfim foi lindo na La Traviata foi com a Nora Esteves e o Paulo também,

8 Janaina foi uma figura maravilhosa fez o papel de Mina tipo assim a governanta,

\*CITACÃO\*

9 a dama das camélias, então ela trabalho, foi lindo lindo isso foi em noventa e três depois ao lado da minha filha Antonella ela fez assim uma produção muito grande nos vinte e cinco anos da escola, que fizeram um pout-purri de todas as danças no Sete de Abril, inauguraram uma placa da produções que o balé tinha feito, então foram... bah memória dela tem tem coisas assim maravilhosas pra gente fala, se a gente for fala vai leva um dia inteiro, por que foram muitos anos junto com a

\* Enica 4 arm  
"Bali"  
"Girassol"

C/ Antonia "Era consultada sobre muita coisa"

\*Família

\*Família

1993  
Produção do 25 anos da Escola  
Antônia Jorge

1



10 E eu acho que ela se envolvia muito depois né, da escola da minha ela começo... também a acho se envolvia com outras escolas daqui pra te um pouco de conhecimento assim di curiosidade do que que tavam fazendo e tal e depois ela era convidada né, ela coreografo muita coisa, ela participava de muitos eventos di dança em Pelotas, ai meio que eu fiquei fora por que eu já comecei a parte da televisão, mas ela cotinua, depois com a formação...

\* formação

11 Olha eu tive assim com a Janaína contato praticamente todo o tempo deste que eu vim pra Pelotas, eu nasci em Pelotas mas eu fiz minha formação, eu passei a maior parte de minha vida em Santa Catarina lá em Joinville que eu estudei dança lá né, só que assim quando eu vim pra Pelotas, eu é... vim com dezenove anos, e eu vim foi para fazer faculdade e ai eu é... procurei dança balê em algum lugar e ai eu fui pra Antônia Caringi e ai lá eu conheci a Janaína pequeninha (fala com riso), a Janaína era pequena ainda e eu dancei um tempo lá na Antônia, assim faz aulas né até dancei nos espetáculos da Antônia,

12 e ai eu já tive aquele contato ali com ela depois ... e já fiz a faculdade naquele período e ai depois eu fui pra... fui pra... ai eu fiz concurso pra Universidade né, eu entrei na Universidade com vinte e oito anos foi bem nova assim quando eu fiz o concurso, e ai eu me encontrei com a Janaína di novo na... na Universidade né, só que ai nesse período antes da Universidade eu tinha um grupo, uma escola de dança e a Janaína também danço comigo nessa escola de dança na Malê, era Malê Escola de Dança, Escola de Ginástica e Dança, e ai a Janaína... então assim eu não tive uma... convivência assim... muito próxima â... â... como vou ti dizer assim mais â... íntima da Janaína né, mas em todos os lugares que eu que eu que eu... é estava a Janaína também estava por conta dessa aproximação com a dança né, e a gente se dava super bem.

→ ESSE UFFDê  
→ Malê Escola de  
Cinturão de  
Dança

13 ela sempre participava tanto na escola quanto no GRUD como aluna né, ela fazia aula comigo, eu coreografei pra ela inclusive eu fiz um solo pra ela i ela, pelo GRUD né, i ela me ajudava muuuito, i ela dava aula junto, i ela dava opinião.

→ GRUB  
→ ajudava muuito  
e ela dava aula  
junto né, depois  
ela me deu  
opinião

14 eu posso ti dizer assim que eu convivi com ela muito na, muito profissionalmente assim... i ela era uma ótima aluna né na Universidade, também foi minha aluna né nas cadeiras né, i a gente sempre se deu muito bem assim, mas eu não tive um contato muito íntimo assim com ela era muito esporádico.

→ ESSE UFFDê

15 ela era colaboradora assim né por que eu sempre o meu trabalho sempre foi colaborativo assim sempre foi, então tanto na academia assim quanto na... ela ajudava sempre a montar dava os pitacos eu perguntava pra ela né, justo pela trajetória dela e tal, tipo a gente fazia umas coisas em conjunto assim, mas ela nunca coreografo pra mim nem na escola nem na... nem no GRUD, mas ela tava sempre presente nas coisas assim né.

→ Colaboradora  
→ por isso  
trabalha  
escola mais é  
GRUB.

16 o GRUD tem, fez 25 anos né ainda tá, eu to ativando to dando aula pra o grupo, mas assim tem coisas da Janaína tenho fotos da Janaína em casa até já tinha dito pras gurias né, eu tenho coisas dela por que se misturam com as minhas coisas, então a vida dela se misturo muito com a minha, mas a gente nunca se aproximou de mais assim né.

2 Ela danço bastante comigo com o GRUD

18 na época da Escola foi noventa e depois e entrei pra pra Universidade aí em seguida ela já também fez a faculdade lá i... assim a gente não fez foi assim pesquisa a gente não fez pesquisa por que eu não trabalhava muito com a pesquisa né, então a gente trabalho só mais mesmo na prática né, então a gente trabalho bastante junto i ela não i ela... danço bastante comigo eu fiz várias coreografias que ela participava, ela era do grupo, ela dança. Eu acho que a primeira coreografia do GRUD ela dançava, ela era integrante, a primeira o nosso primeiro trabalho, ela danço por ali acho que foi noventa e três por ali, agora pensando melhor acho que foi noventa e três que ela danço, foi a minha primeira formação do GRUD ela tava.

→ não fez pesquisa, trabalhou mais no trabalho

1999: Dançou na 1ª formação do GRUD.

19 A gente tava com dificuldade, naquela ocasião, em mil novecentos e noventa e nove dificuldade de de criar uma turma que teria que ter vinte e cinco alunos em cada ingresso de vestibular, e a turma não tinha ãã conquistado esse número de vagas, então tinham se matriculado apenas doze, e ali começou toda uma relação de comprometimento da Janaína com o Curso, né ela e seus colegas de turma, pra viabiliza então a efetivação da turma de mil novecentos e noventa e nove. Ia pra reitoria, voltava da reitoria, ãã se fazia campanhas, enfim, a turma ãã aconteceu desde que com menos alunos do que vinte e cinco, desde que eles também ãã desde que eles fizessem alguns créditos com a turma ãã veterana, então a gente entro em um acordo ii a turma aconteceu, a Janaína então se muda de Pelotas pra Cruz Alta e foi uma grande articuladora no Curso de Dança, ela conhecia toda a gente da dança, quando eu pensava, quando eu pensava em fazer um evento a Janaína tinha assim o muuita gente que que era interessante que a gente não conhecia muitas vezes, mas que eram pessoas que tavam com o trabalho assim de destaque, um trabalho qualificado não só do Brasil como do exterior, então ela era uma grande conhecedora da dança.

1999: Ingresso na UNICRUZ curso de dança licenciatura  
"ela era uma grande conhecedora da dança."

20 E eu fico pensando atualmente como que ela no extremo sul, no estado do Rio Grande do Sul, morando em Pelotas, tinha toda essa conexão né com o mundo da dança, com as questões atuais da dança, com as pessoas que estavam né no topo naquela ocasião.

21 Então ela foi ã... pro Curso foi super significativa a participação da Janaína, por que ela tinha todo esse transito com os profissionais da dança. I eu me considerava uma pessoa articuladora, e então Janaína, eu e a turma dela que se torno assim super unida né, e a Janaína agregava a Janaína foi colega do



22 professor Thiago Amorin ii era uma turma sim que... uma turma intensa né que que si si, mergulho, assumiu o papel não só de aluno do Curso mas também protagonistas da manutenção e da proliferação e também né do marketing do Curso. Além dessas articulações era uma coreógrafa instantânea, bastava... tudo instigava ela a criar, então uma música, um grupo reunido, uma questão, um problema, é uma teoria, tudo virava coreografia e ela tinha uma forma muito... muito espontânea, muito natural e muito presente de de coreógrafa, então... além dela deles, da turma deles terem criado uma Companhia do Curso de Dança da UNICRUZ, que tinham diversas coreografias na maioria da autoria da Jana, eu me lembro que ela coreografou a... valsa..., não lembro o compositor daqui a pouco eu lembro, a valsa pra quem tapeia o chapéu, diversas coreografia pra diversos eventos né não só eventos de dança contemporânea, da dança da Universidade, mas também de eventos nativistas da da... a Joenvile, enfim, pra diversos festivais, mostras e espetáculos.

→ "coreografia instantânea"  
→ tudo virava coreografia  
→ Companhia do Curso de Dança da UNICRUZ  
→ EVENTOS

23 I ela então, além disso né dela coreografa pra Companhia, pros colegas não só nos trabalhos acadêmicos, mas para além dos trabalhos acadêmicos ela participava também de todos esses eventos, ãã ela também se associou na época dois mil ao grupo de dança Chaleira Preta, ao qual eu dirigia, coreografava enfim mantia o grupo né, por que um grupo não é fácil no interior com tantas diversidades não é com meninos, meninas, homens e mulheres, ãã um grupo amador, não tinha nenhum tipo de remuneração, mas que era um grupo pré disposto que viajava, participo de diversos Festivais Internacionais de Folclore, na Áustria, na Itália, na França, na Hungria, Paraguai, Uruguai, Chile, Argentina. Então o grupo de dança Chaleira Preta, que era um pouco resistente assim em receber pessoas especialmente do Curso de dança, existia todo uma um entendimento de dança diferenciado né era muito hilário até por que eu transitava pelos dois ambientes, e os bailarinos ou dançarinos do Chaleira Preta embora dançassem com as mulheres que frequentavam o Curso de dança, eles não entendiam o significado da dança contemporânea, inclusive eles imitavam a movimentação, as corridas, os movimentos do braço, os movimentos mais clichês né da dança contemporânea, mesmo assim eles aceitaram né a participação da Janaína, que já andava ãã... andava se comunicando com os meninos, com o João Ricardo que é um que é um dançarino que tem um trabalho super reconhecido, i então eles se associaram e pensaram em um trabalho para a abertura e me propuseram e eu achei ótimo, né se o grupo aceitou a presença e a e a criação desse trabalho, então ela ela se agregou ao grupo e então fez esse... montaram esse trabalho que se chama "Em qualquer chão sempre gaúcho" com a música "Vira virou" que também foi uma proposta inovadora para o grupo de dança Chaleira Preta né, mas que é uma versão do Renato Borgueti, então também tem um um... uma interpretação nativista i acabou sendo uma coreografia colaborativa, onde a Janaína, o João Ricardo, o Sandro Augusto e o Fladimir Colomberi né ãã se agregaram da criação, foi um trabalho assim interessante, por que mesclou uma poética nativista com um... contemporânea e o grupo se sentou muito bem ao realizar, então foi um um processo inovador.

2000  
Grupo Chaleira Preta

→ Coreografia colaborativa  
→ Processo inovador

28 Ela durante a trajetória dela ela começou a participa de um projeto de extensão, criado pela professora Luciana Paludo que era Mimese Companhia de Dança Coisa, i., a Jana foi fundamental por que ela foi muita instigadora ao trabalho da Luciana Paludo

29 e a Jana participo como bailarina e atriz né da Mimese Companhia Coisa, e foi muito significativo um um trabalho que provavelmente a Luciana vai ã esmiúça né com detalhes, e ela tem um material muito interessante, fotos muito interessantes.

30 Depois de todo esse trajeto né, a Janaína então sai de Cruz Alta vai pra Curitiba, vai pra São Leopoldo, faz concurso e é aprovada no município né que é um aspecto super positivo né pra o Curso de Dança da UNICUZ, por que os egressos estavam já participando de concursos de de possibilidade de atuar no ensino na Educação Básica,

31 Então dessa forma assim, eu só tenho a a... a dizer que tenho lembranças agradáveis da Janaína, que ela... teve pouco tempo mas o tempo que ela que ela esteve com a gente foi muito intenso, muito forte, muito visceral por que tudo virava dança ela não deixava lacuna nenhuma né, e o conhecimento dela e a sensibilidade dela eram fatores assim relevantes pra ela realmente se uma pessoa da dança, pra ela se um bailarina, pra ela se uma coreógrafa né muito embora era fosse volumosa em todos os sentidos ela tinha uma leveza ã.. e uma uma prontidão criativa assim super reconhecida, eu a reconheço com uma figura importantíssima na dança do Rio Grande do Sul e acho fundamental ã esse trabalho né, Carol, esse trabalho que que vai registra a trajetória dessa pessoa que circulo tanto né, e eu sei o que o que te instigo foi de tanto ouvi nesse meio aqui em Pelotas não só com as pessoas de Pelotas, mas as pessoas da dança né que reconhecem todo esse trabalho da da Janaína, então quero encerra assim o meu depoimento dizendo que a poucos meses eu estive em Santa Maria ... com uma profissional da dança muito parceira da Janaína que é a Aline Fernandes e tinha e tem ela tem uma foto assim no... aparelho de som dela assim... uma foto dela com a Janaína com um dizer assim "pra que eu nunca esqueça de onde eu parti no mundo da dança", então que ela começo com a Janaína então ela acha super importante assim esse reconhecimento, essas pequenas ações assim demonstram o reconhecimento da Janaína nesse ambiente da dança.

32 Elis morreu com trinta e seis anos i a Jana com trinta e três né, iii é curioso né olhar para essas figuras i agora não tem como não fazer essa analogia dessa intensidade, dessa ... urgência di vida, di arte, ã desse excesso sabe corporal, imaginativo, ã fazedor, eu acho qui a Jana era uma fazedora di arte assim, uma facilidade di grava sequência, ela gravava sequência di olha uma vez, olhava uma vez pode se em vídeo, pode ser ao vivo ã e depois nos ajudava né, eu me lembro quando o Mário nascimento coreografo para o Mimese o quanto qui ela... o Mário é assim passa uma vez depois tu ti vira né, ele não repassa uma por que muito do repertório do Mário surge de improviso i nem ele conseguiria repeti então ele sempre dizia pega o código, pega o código que tá em jogo nessa sequência, mas a Jana consegui rete aquilo numa forma muito exata, muito perspicaz, muito na música, muito no que era aquela sequência em termos di qualidade e di padrões di movimento i depois quando o Mário ia embora né que ele fazia aquilo em quatro, cinco dias no máximo ã.. ela ajuda muito a recupera esse movimento pra que a gente continuasse ensaiando né, i eu to me referindo aqui numa coreografia Além disso que foi um trabalho coreografado pro Mimese Companhia de Dança a Coisa em dois mil e dois que veio junto com Semelhanças

Projeto de extensão mimese  
Obras bailarina  
Cruz Alta Curitiba São Leopoldo  
concurso P Educação Básica  
5  
+ U tado  
2002  
Semelhanças



33

Elis morreu com trinta e seis anos i a Jana com trinta e três né, iii é curioso né olhar para essas figuras i agora não tem como não fazer essa analogia dessa intensidade, dessa ... urgência di vida, di arte, ã desse excesso sabe corporal, imaginativo, ã fazedor, eu acho qui a Jana era uma fazedora di arte assim, uma facilidade di grava sequência, ela gravava sequência di olha uma vez, olhava uma vez pode se em vídeo, pode ser ao vivo ã e depois nos ajudava né, eu me lembro quando o Mário nascimento coreografo para o Mimesi o quanto qui ela... o Mário é assim passa uma vez depois tu ti vira né, ele não repassa uma por que muito do repertório do Mário surge de improviso i nem ele conseguiria repeti então ele sempre dizia pega o código, pega o código que tá em jogo nessa sequência, mas a Jana consegui rete aquilo numa forma muito exata, muito perspicaz, muito na música, muito no que era aquela sequência em termos di qualidade e di padrões di movimento i depois quando o Mário ia embora né que ele fazia aquilo em quatro, cinco dias no máximo ã... ela ajuda muito a recupera esse movimento pra que a gente continuasse ensaiando né, i eu to me referindo aqui numa coreografia Além disso que foi um trabalho coreografado pro Mimese Companhia de Dança a Coisa em dois mil e dois que veio junto com Semelhanças

citada

2002

Semelhanças

33

acreditávamos di dança, o Mimese é uma iniciativa minha, mas como profe da UNICRUZ que eu era na condição di profe mas eu trabalho numa forma muito horizontal na minha vida artística, iii eu digo que tenho a felicidade di encontra artistas né pra dialoga em cada Curso di dança que eu trabalhei eu encontrei pessoas artistas pra troca e na UNICRUZ na ocasião em dois mil e dois que eu formei o Mimese, era a Janaina, o Wilson, então a Janaina tu tá conhecendo todo histórico di dança dela i era notável, visível tudo aquilo é um talento assim nossa... ai tinha a Kátia Kalinka e Rubiane Zancan aaaa o Wilson França que tinham sido alunos tanto da Carminha quanto da Jussara Miranda, então tinha uma leva assim di pessoas que já tinham experimentado ã... muita muita dança naqueles corpos né, daí tinha a Vanessa que era uma aluna minha de São Luiz Gonzaga nu tempo que eu morei em São Luiz, ãa ai tinha a Carminha Furlane, tinha o Thiago Amorin que não era inicialmente do Mimese mas sempre dançava com a gente que a gente convidava, então eram pessoas assim que eram proativas artisticamente tinham iniciativa, personalidade cênica, criatividade brotando nos poros i o Semelhanças ele tinha uma... uma questão assim do conceito da coisa a partir di Heidegger o filósofo que dizia "a coisa reúne, conjuga numa unidade a diferença", i é difícil fala di filosofia hoje em dia, é difícil fala disso tudo i esse discurso hoje soa muito atual naquilo que nós acreditávamos tanto em termo di forma, corpo, escolhas estéticas que quem pode dança quem não pode dança o que, que gesto nós vamos levar se era então... a Jana ela... a

Qu  
Ka

Rui

## RECORDAÇÃO REFERÊNCIAS

\* Janaina Jorge \*

### PERFIL

34 mas sempre aquela vivacidade, dela desde criança. sempre aquela paixão pela dança, a mãe também já tinha sido uma veia artística por que ela foi anos baliza numa escola aqui de Pelotas, então tinha eu acho que muita abertura, muita alegria de participa daqueles, daquelas passeatas que tinham né na frente da banda e tal, então elas já tinham essa vivacidade na dança, i essa alegria né de tá participando

criança  
# PAIXÃO  
PELA DANÇA  
# ALEGRIA

35 o que tenho pra te dizer é que é uma saudade imensa por que além de convivência que a gente tinha, eu consegui com ela desde pequeninha, depois ela fico esse talento que a gente sabe maravilhoso coreógrafa e enfim né... deixo assim um legado e acho que pra dança foi maravilhoso quem conviveu com ela de aprendizagem,

36 mãe tinha... a Carminha é... por que a Carminha desde mocinha ela era baliza das escolas

37 o pai era também, o pai era música né então.. dali a gente já sabia que alguma coisa...

\* formosa

38 não sei exatamente qual a minha diferença de idade pra ela mas ela era pequena, e ela já era uma criança feliz assim, era uma criança bem extrovertida, dançava super bem

# CRIANÇA  
FEIZ

39 Eu não sei assim é... ti diz quem era o que era a Janaina (fala com riso)... assim, por que ela ela pra mim sempre foi uma mulher muito forte assim, ela sabia o que queria, ela tinha uma visão sobre o mundo assim á... muito aberta e a gente ria muito por que eu sou muito é... eu gosto muito de fazer graça das coisas e ela ela era igual a gente se olhava né

\* para mim

40 ela gostava muito de mim assim né parecia né e eu gostava muito dela era reciproco, mas eu não consigo assim exprimi o que era a Janaina Jorge né, ela era uma menina assim que me encantava, por que ela ela tinha muitos valores assim, i ela uma menina... parecida com minha trajetória também né de dança então a gente tinha muita coisa em comum, i a gente ria muito juntas então é... á...

\* relembrava as histórias

41 i ainda depois ela foi embora e eu perdi o contato com ela, ai depois quando ela volto ai sim eu tive novamente um outro contato que ela.. ela sempre tinha, ela sempre vinha assim né, eu entrava com ela na rua né e a gente relembrava todas as histórias por que a gente conviveu bastante tempo também

42 Ahhh bom, eu fui professora daaaaa... Janaina Jorge, era coordenadora do Curso de Dança da UNICRUZ em Cruz Alta quando me aparece (fala com riso) uma pessoa espaçosa, conversadeira, que falava muito rápido que eu tinha que me concentra pra entende o que ela falava.

# PESSOA  
CONVERSADORA





43

A Janaína passava muito pela minha casa, por que ela morava próximo a minha casa i volta e meia eu (risada com fala) ouvia os gritos na na grade assim nos portões no portão da minha casa "Carminha Carminha tem café tem café", então além né da da relação professor aluno, colega de coreografia de trabalhos artísticos a Janaína também se aproximou do lado afetivo, do lado né da da... a minha casa sempre foi aberta pra gente da dança, sempre acolhi todos eles e a Janaína não foi diferente né elas participavam muito da da das atividades, então eu fazia doce, eu eu acolhia eles pra fazer a programação de filmes de dança, de de a gente ensaiava as apresentações, os seminários, então para além das atividades da Universidade a gente fazia essa extensão a na minha casa e eu acolhi a Janaína, e depois (riso) fui acolhida na casa dela em Pelotas então foi uma... relação mais do que profissional, a eu também tenho a dizer né que a

citando \*

#acolhida

44

mais no dia da formatura tava tudo certo, a mãe da Janaína a tia Carminha, que era né que que eles me convenceram lá que ela poderia fazer a decoração da do palco, por que ela era uma artista, professora de Artes,

\* formica citando \*

45

não conseguia fica a rompe laços com a Janaína por que ela tinha esse lado, toda essa energia que contagiava por um bom sentimento, então a a Janaína foi assim né, muito peculiar a acho que também ela ela aprendeu bastante né com essa questão da academia, da relação dos compromettimentos então eu considero bem legal.

citando \*

46

i... eu lembro também da nossa relação a... de parceria, a gente se conectava, a gente assistia, a gente comentava, tinha uma relação amistosa assim de busca a qualidade nas obras coreográficas então foi muito legal,

relação de parceria

47

então pra nossa surpresa assim aparece essa doença inusitada na na Janaína e foi uma luta incessante contra, contra a doença a... mas a doença venceu... a Janaína foi prematuramente né chamada a parti pra uma outra esfera i...

#doença citando \*

48

mas antes disso ela foi muito importante quando eu vim fazer o concurso em Pelotas, eu preparei o conteúdo do ponto que eu peguei e eu fui lá com o material pra ela fazer, pra ela fazer uma... ela já estava doente, pra ela fazer uma história e ela ainda fez uns ajustes, i i coloco legenda nos nos vídeos, então ela foi super importante, colaborativa né e que me proporcionou também qualifica o meu trabalho pra apresenta na aula, na aula do concurso público pra o ingresso na Universidade Federal de Pelotas.

colaborativa

49

Quem foi Janaína Jorge? (riso)... (silêncio) ... a gente fica tocado né com a pergunta (risos) ... pega a gente de surpresa (risos) ... a Jana foi uma ... um ser di energia, di movimento, di muita dança, di muita urgência, que fez muito em pouco tempo né, acho que ela tem essa característica de muitas pessoas que... a que transcendem esse tempo cronológico enquanto elas estão aqui né,

citando \*

Perfil

2

43 A Janaína passava muito pela minha casa, por que ela morava próximo a minha casa i volta e meia eu (risada com fala) ouvia os gritos na na grade assim nos portões no portão da minha casa "Carminha Carminha tem café tem café", então além né da da relação professor aluno, colega de coreografia de trabalhos artísticos a Janaína também se aproximou do lado afetivo, do lado né da da... a minha casa sempre foi aberta pra gente da dança, sempre acolhi todos eles e a Janaína não foi diferente né elas participavam muito da da das atividades, então eu fazia doce, eu eu acolhia eles pra fazerem programação de filmes de dança, de de a gente ensaiava as apresentações, os seminários, então para além das atividades da Universidade a gente fazia essa extensão ã na minha casa e eu acolhi a Janaína, e depois (riso) fui acolhida na casa dela em Pelotas então foi uma... relação mais do que profissional, a eu também tenho a dizer né que a

44 formatura tava tudo certo, a mãe da Janaína a tia Carminha, que era né que que eles me convenceram lá que ela poderia fazer a decoração da do palco, por que ela era uma artista, professora de Artes,

45 não conseguia fica ã rompe laços com a Janaína por que ela tinha esse lado, toda essa energia que contagiava por um bom sentimento, então a a Janaína foi assim né, muito peculiar ã acho que também ela ela aprendeu bastante né com essa questão da academia, da relação ,dos comprometimentos então eu considero bem legal.

46 i... eu lembro também da nossa relação ã... de parceria, a gente se conectava, a gente assistia, a gente comentava, tinha uma relação amistosa assim de busca a qualidade nas obras coreográficas então foi muito legal,

47 então pra nossa surpresa assim aparece essa doença inusitada na na Janaína e foi uma luta incessante contra, contra a doença ã... mas a doença venceu... a Janaína foi prematuramente né chamada a parti pra uma outra esfera i...

48 mas antes disso ela foi muito importante quando eu vim fazer o concurso em Pelotas, eu preparei o conteúdo do ponto que eu peguei e eu fui lá com o material pra ela fazer, pra ela fazer uma... ela já estava doente, pra ela fazer uma história e ela ainda fez uns ajustes, i i coloco legenda nos nos vídeos, então ela foi super importante, colaborativa né e que me proporcionou também qualifica o meu trabalho pra apresenta na aula, na aula do concurso público pra o ingresso na Universidade Federal de Pelotas.

49 Quem foi Janaína Jorge? (riso)... (silêncio) ... a gente fica tocado né com a pergunta (risos) ... pega a gente de surpresa (risos) ... a Jana foi uma ... um ser di energia, di movimento, di muita dança, di muita urgência, que fez muito em pouco tempo né, acho que ela tem essa característica de muitas pessoas que... ã que transcendem esse tempo cronológico enquanto elas estão aqui né,

Prof. A

citando \*

#acolhida

\*formação artística

afetiva \*

relação de parceria

#doença citando \*

colaborativa

citando \*



então eu lembro que eu via Jana assim, iii ela era uma entidade parece assim sabe, ela era uma, uma presença muito grande, ela era grande né, a Jana era uma pessoa grande, grande di tamanho físico assim né, alta, grande e né iii uma presença muito forte, sempre bem maquiada né, vaidosa muito vaidosa muito vaidosa né, i foi a primeira vez que eu vi ela no dia da nossa aula inaugural, deve ter sido em março de noventa e nove né a beira di fazer vinte anos agora, i desde lá a gente viveu muitas coisas juntos né, não sei se tu vai

personal

a Jana tinha começado Educação Física né aqui na ESEF, aqui na Federal em Pelotas i não não concluiu i participo do GRUD i t ata ta, mas assim o Curso di Dança nosso di Cruz Alta foi o primeiro do estado noventa e oito foi a primeira turma então nós somos da segunda turma né então, logo quiqui foi aberto o Curso di Dança e tatata na segunda turma Jana já foi né, a vida da Jana era a dança... ou as danças

UF Pel  
GRUD  
"vida da Jana  
tram as danças"

né eu... é interessantíssimo aí eu volto na questão que tu provoco, eu digo que é difícil talvez precisa né ou faz uma parte mais definida assim por que a Jana é muitas coisas, i eu falo no presente por que ela é presente ela é vida em nós né através de muitas coisas através da nossa memória, das nossas coreografias né do Abambaé de tudo que a gente construiu junto assim então â..., pensa na Jana é pensa nas danças também não no singular no plural, por que assim... como a vida dela sempre foi a dança desde penininha dois, três aninhos, (não entendi)... já andava por aí dançando coreografia e espetáculo... iii não sei o que e tatata, â... a Jana â.. teve uma ligação muito grande com muito gêneros, com muitas linguagens di dança, a Jana dava aula de Flamenco, dava aula de Sapateado Americano, dava aula de Dnça do Ventre, de Danças Urbanas, dava Jazz, dava Clássico, Folclore entende, dava Contemporâneo, â... â... eu nunca conheci i isso é certo, nunca conheci alguém que tivesse um trânsito tão grande e uma propriedade tão grande de tantas, tantas vertentes, tantas linguagens, tantos gêneros di dança nunca, talvez nem vá conhece né nessa encarnação, â... i... ela era... ela era muito versátil i era muito... â... como é que eu vo dizer assim... ela trocava o chip muito rápido sabe muito assim â... sei lá eu, tava dando aula na academia tava aula de três, quatro coisas uma atrás da outra, todas diferente né ou coreografando né e tudo mais, eu fui coreografado pela Jana né entre outras coisas

U-  
Dante

U-  
micos

U-  
sol

U-  
sol

U-  
sol

primeira  
muito  
presente

muita  
liberdade

muito  
variado

bom a gente era colega di aula fazia muita coisa junto né... tem a história da bola di fogo não sei se já ti contaram, né que é uma história que a gente fez uma... ai... aula di Folclore sábado di manhã com a Carminha (risos), a gente fez uma... montagem dramática, uma releitura da Salamanca do Jarau a lenda, e a Jana era uma bola de fogo (fala com risos), surgia (risos com fala) ficou muito marcante isso na nossa turma a nossa turma de faculdade era muito, era parecida com a de vocês assim, era muito contundente, muito presente, muuuuito ativa, muito política fomos nós que fundamos o diretório acadêmico Carmen Anita Hoffmann né (risos), o diretório acadêmico da nossa

Folclore  
UNICRUZ  
"Bola de Fogo"

época, então assim era uma Universidade particular iii... assim imagina o primeiro do estado em faculdade particular, não tinha mais ninguém, não tinha ninguém estudando dança no Rio Grande do Sul naquele momento nem em Santa Catarina né iii... então a gente fazia muita coisa sabe, a gente assim ó a gente fazia festa na boate pra vende os ingresso, pra pega o dinheiro, compra um som pra nós faze aula, só tinha um som, daí não dava um som por conta das aulas e da gente ensaia e tudo, então a gente fazia evento, fazia rifa e coisa festa e tatata pra paga um ônibus pra i a Porto Alegre pra assisti o Cunigan, a Pina Bush, a o Quasar, o Corpo né companhias importantes pra nós né assim enfim, da dança independente do gênero né, i então assim mesmo no interior a gente sempre foi muito conectado... sabe a gente foi olha não sei se tu já teve possibilidade do olha a tese da Carminha né que fala da trajetória do Curso de Dança, então era uma atuação muito forte politicamente, eu to falando isso por que a nossa turma era meio protagonista nisso assim, não tô desmerecendo o papel das outros sabe, mas a gente levava as coisas muito a frente né (risos) o diretório acadêmico foi a gente que fundo eu era o vice-presidente, a Pati umas das amigas nossas e da turma também, muito amiga da Jana moro com a Jana enfim, a Pati... era a presidente iii a gente tinha muito isso assim sabe, era... ã... não era pelo o fato di tá lá naquele lugar que a gente não tava conectado com o mundo sabe, dez.. dez eu acho uns onze anos depois... até mais do que isso, assim mais de dez anos depois que Joinville foi traze a SylvieFortin que é uma... um nome assim, como é que eu vou dizer assim muuuito importante pra dança sobre a dança e educação somática, os estudos mais contemporâneos di dança, mais da autoetnografia, ã... Joinville foi traze ela... sei lá eu uma década mais de uma década e tanto depois que ela tinha ido a Cruz Alta gente, entendeu? ã... então assim a gente tava lá e tavaconectado e a Jana era uma pessoa muito conectada, conhecia as coisas, as pessoas, ou di já te ido ou né di ter relações e tudo enfim, então esse ela teve um papel muito importante nesse, nesse ramo político digamqs assim né tanto da organização nossa discente quanto dessa política da dança em si né, iii poxa a gente fez tanta coisa junto assim sabe

Porto Alegre  
cidade

58

Joinville

59

12  
Curso de  
dança do  
Estado

→  
mesmo no  
interior está  
bem conectado

→  
CIA DE  
DANÇA  
UNICAIZ

→  
SM em  
Dança



a gente criou a companhia de dança da Universidade né da UNICRUZ que a gente coreografava, â... i i bom eu fui bailarino i depois disso eu coreografei né uma época que nós montamos um trabalho chamado Negros Montes do Orvaldo Montenegro, a trilha sonora de Osvaldo Montenegro e a leitura das histórias das trilhas né então... sei lá eu... uma coreografia marcantesíssima assim na trajetória foi Bandolins né que foi que é inspirada na obra de Osvaldo i que a Jana coreografo i que ganhou Santa Maria em Dança, ah também tem isso, nesse período surgiu o dança universitários que é uma das categorias do Santa Maria em Dança, dança estudante, dança da terceira idade tarara i o dança universitários i nós fomos participa, a gente foi participa desde a primeira edição assim quatro, cinco anos seguidos né, pelo menos na época da minha turma assim que todos, todos anos a gente foi tiro terceiro lugar, segundo lugar e primeiro lugar ganhamos.

a primeira coreografia que a gente dançou que a Jana que coreografo lá foi â... â... Feridas do viver... que era uma coreografia que foi criada pra abertura da Coxilha Nativista, a música que é do Cristiano Quevedo, que eu acho que é de Piratini, daqui pertinho de Pelotas que a Jana conhecia o trabalho dele um cantor nativista i... o nome da música é pra quem Tapeia o chapéu a música é assim muito forte que ele ele (emoção) que ele criou a música pra homenagear o irmão dele que tinha morrido, i daí a organização do Festival quis fazer uma homenagem pra ele por que se eu não me engano ele tiro segundo ou terceiro lugar com essa música no ano anterior i a direção artística do Festival nos convidou a a Companhia de Dança da Universidade pra coreografar essa música por que no ano seguinte ele ia fazer show na Coxilha, i daí... olha tô todo arrepiado... i daí ele foi fazer o show e a gente dançou ao vivo com ele no palco, foi uma coisa linda marcante ele chorava, a gente chorava, todo mundo chorava (risos), foi muito bacana, aí era sete meninas i eu nessa coreografia, eu fazia um duo com uma num canto assim, aí tinha eu e ela aí depois tinha seis meninas que dançavam â... esse eu acho que foi... eu acho que foi o primeiro trabalho que eu dancei dela...

→ Turma no  
interior do -  
da Coxilha

→ CIA DE  
DANÇA  
UNICRUZ

→ SM em  
Dança

Bandolins

59

Festas  
de Viver  
músicas  
"Pra quem  
tapa o chapéu"  
60

→ Festival  
Nativista

61

62

bom não vo me lembra (risos)... daí depois eu dancei Negros Montes foi né muitas coreografias que a gente dançou daí depois teve o espetáculo dos dez anos da UNICRUZ, era um contemporâneo assim e tudo mais iii a gente criou a Abambaé, eu não se tô sendo preciso na ordem, nas datas ou enfim é como eu tô me lembrando das coisas, iiiii daí em dois mil e cinco a gente criou Abambaé foi uma loucura assim que era a... eu era agente de Cultura e Laser do SESC i a Jaci fazia, a Jaci irmã da Jana né enfim, a Jaci fazia tipo um estágio assim um negócio assim trabalhando com recreação no SESC também em Cruz Alta a gente era do mesmo departamento, i daí num sábado a tarde a... a gente sentado lá numa salinha lá no SESC só tava eu i ela no SESC, i a gente tinha vindo já do Festival di Folclore por que a... muito talvez, muito ou boa parte da minha influência por que eu vim do teatro né antes de fazer dança formalmente eu fazia teatro né em grupo e tudo mais, não fiz teatro no meu ensino médio, não fiz dança no meu ensino médio eu fiz teatro né iii isso junto com a participação no Festival de Folclore de algum modo foram as coisas que me levaram pra fazer o Curso di Dança néiiiiiii i... o Festival di Folclore é um movimento bacana, mundial e tudo e Cruz Alta teve um lugar bacana né nu Festival di Folclore, o primeiro festival foi em noventa e seis, segundo em noventa e oito, o terceiro ... é de dois em dois anos né i aí a gente fez dois mil e quatro e dois mil e cinco seguido assim, iii eu me lembro que a gente fez o Festival di Folclore em dois mil e quatro isso, fizemos o Festival di Folclore em setembro mais ou menos nessa época assim, i um pouquinho mais a diante assim... eu i a Jaci tava sentados lá no SESC coisa e tal daí assim ii as pessoas iam no Festival di Folclore i elas só viam os gaúchos dançando né por via di regra eventualmente uma escola di samba e tatata ... mas era mais ou menos isso que resumia o Brasil i a gente achava que era pouco né, olha o tamanho do país, olha a diversidade de coisas que a gente tem, i a gente acabou... i a gente acabou conversando assim eu disse "Jaci vamo monta uma companhia de danças brasileiras por que né" i daí criamos o Abambaé, aí a a eu sentado aqui a Jaci sentada aí nós pegamos o telefone e ligamos pra Jana, "Jana (não entendi) vamo, vamo", então o Abambaé surgiu assim di uma conversa i di um ligação entre os rês um sábado à tarde i a Jana topo di cara assim a gente já pesquisava umas coisas di danças brasileiras, depois fiz um curso com o Gustavo Côrtes que é do Sarandeiros que é um grupo... digamos uma companhia importante do Brasil que se propõe a dança danças brasileira enfim i... i daí a gente começou a cata pessoas, chamamos o Igor a Stê a... e juntamos outros colegas da Universidade e tãtãtã e tudo, i juntamos quatro casais i começamos o Abambaé, começamos a ensaiar a Jana coreografo veio pra coreografa ela já morava em São Leopoldo perto de Porto Alegre i a gente fez a uma vaquinha pra pagar a passagem dela pra ela vir pra coreogra e tudo mais, passamos um final di semana enfim, a primeira coreografia do Abambaé da história é o Carimbó as pessoas não sabem acham que são outras coreografias né, a primeira coreografia do Abambaé é o Carimbó, iiiii i daí a gente foi coreografa o dia vinte de maio de dois mil e quinze, que a gente diz que foi a data de fundação do Abambaé por que foi nosso primeiro ensaio tem foto inclusive disso eu acho que tem uma ou duas fotos desse ensaio i inclusive tem a Jana nessa foto eu devo te lá... a... eu não lembro umas semanas depois, umas duas ou três semanas depois ela voltou que eu me lembro que nessa vez ela foi se eu não me engano só na sexta feira foi uma coisa assim, i depois ela veio volta aí passamos assim sexta, sábado e domingo i ela coreografo o espetáculo inteiro, eram umas doze danças se eu não me engano (risos), daí tem Afroxé, daí tem Lundu e Siriá, daí tem... a... Cocô, Engenho, Siriri, a Calango e Tontinha, não tinha Caranguejo ainda a enfim, um montão di dança né i... i

Jaci  
Thiago  
Janaína  
Abambaé

20/05/2005

19.05.2005  
Columba

Espectáculo

6



63

eu vim pra cá em dois mil e dez né em maio de dois mil e dez á... o nosso projeto era mora junto os três, a Jaci, a Jana i eu... (emoção), i acabo não acontecendo assim né por que aí em final finalzinho de dois mil e nove a Jana descobriu que tava doente né... i daí ela passo nessa idas e voltas aí a gente... chego a fica não sei se um mês assim meio que junto né i... todo o processo dela em Porto Alegre no hospital... aquela função toda né i... aí eu tava indo pra uma orientação do doutora no dia treze de outubro de dois mil e dez (emoção)... quando as gurias me ligaram dizendo que a Jana (emoção)... que a Jana tinha desencarnado... daí eu cheguei i... eu tava indo didi, tinha ido passa o feriado em Joinville né com a minha família i tava indo de Joinville pra Floripatava no ônibus desse jeito... eu liga pra... liguei cancelando minha orientação de doutorado eu disse "olha impossível né", daí eu cheguei desci na rodoviária de Floripa, peguei um taxi e fui pra o aeroporto pra pega um avião pra vim pra Porto Alegre... daí cheguei em Porto Alegre... acho que tipo início da tarde assim isso era tipo final da manhã início da tarde i daí eu cheguei eu peguei o primeiro primeiro ônibus eu cheguei aqui segunda metade, mais pra o finalzinho da tarde já, i... não foi fácil... ainda não é... nunca é né... então a gente viveu umas coisas bacanas junto muitas muitas eu digo que eu ainda tenho uma ou duas coisas que eu devo pra ela... por fazer ainda... que poucas pessoas sabem... é... mas que vão ser feitas vão acontecer em um um outro momento assim, no momento certo se for pra se vai se, mas eu disse que eu vo faze por ela umas dois ou três coisas que são meio que um... que a gente tinha se programado pra faze junto

64

assim i... que assim de algum modo são minha homenagem pra ela também né, a lembrança que eu tenho dela di sempre né á... a gente viveu coisas muito legais junto nós tivemos na nossa turma né... infelizmente ela só conseguiu ir em uma turnê a Abamabé tem quase quinze turnês internacionais (risos) ela só conseguiu ir em uma né que foi a terceira eu acho é... a primeira foi Paraguai, a segunda Uruguai i a terceira turnê internacional da Abambaé foi pro Chile né... i o Norte da Argentina foi pra Antofagasta i Santiago les Estero, i... assim... essa viagem é marcante por muitas coisas né foi a viagem mais longa... tem toda função uma viagem muito hilária a gente tinha ido de ônibus pra o Norte do Chile no meio do deserto (fala com riso), foi uma muito muito ótima assim, muito louca a viagem tem muitas anedotas muitas coisas legais né i foi na verdade a viagem dela na Abambaé, por que as outras eram pertinho vai numa cidade perto né aquelas viagens mais regionais assim né ou ou quando Abambaé veio dança em Pelotas né, Abambaé veio pra Pelotas em dois mil e oito né mais antes disso já tinha vindo dança no Dia Internacional da Dança e outros eventos... tirando isso a a viagem entre Cruz Alta e Pelotas tinha sido a maior desse âmbito assim pra ela né, i assim viaja pra o Chile né imagina dois dias e tanto, dois dias e tanto de de ônibus né pelo pelo, aqui pela Argentina né depois pelo pelo Chile até passamos pelo deserto do Atacama i foi... a viagem dela né a viagem que ela foi ela usufruiu, ela danço, ela coreografo, ela bebeu, ela riu, ela né então foi assim talvez o grande ponto di retorno pra ela né e didi satisfação i di e di quase que di plenitude né dentro do Abambaé eu acho que foi essa viagem assim de todas essas características né...

Paraná  
- lembrança -

Verdade  
Pra to sol

Paraná

Viagem  
Chile  
Abambaé  
(x)

## Apêndice D – Recordações Referências (cenas)

①

# Girassol

- ↳ Quimica feliz
- ↳ Paixão pela dança
- ↳ Formica
- ↳ Antonia Lourenço

1983

- Guanabara
- O Guarany
- Sussia Imperatriz

Expoem Antonella → Copélia (Dr. Copélia)

↳ Início de produção

↳ Contato com pessoas renomadas de Belo

Horizonte / coreógrafa / artista  
com preta.

\*Departamento Antonella

\*FOTOS

- Guanabara
- Sussia Imperatriz
- Dr. Copélia

• formica  
em cena



FLOR DO SOL

2



Envolvimento com outras escolas + contatos ✓

Família

↓ Mulher Forte

↓ Espacosa

↓ Conservadora

↓ Falava muito rápido

Formação

↓ Elaboradora

↓ Acolhida

↓ Eventos

↓ Conhecida da dança

↓ Boa amiga instantânea

UFPel  
ESEP

1993

✓ Escola Mãe Quindica e  
homça

✓ GRUB

2000

1999

UNICRUZ  
bomça

atualizadora  
do curso de  
Dança

✓ Bica de Romão UNICRUZ

✓ Chaleira Puta

✓ Cruz Alta

✓ Tupacizeta

Trabalho das emendas  
Cadeira de Folclore, dramatização  
e que fosse pertencente à escola.  
formava "sol", chupa de rosin  
e chupa de idêntico...

• Vira-Vira

• Pia quem

Tapeço o chapéu

\* Depoimentos:

↓ Thiago

↓ Odáris

↓ Alne F.

↓ Patrícia

↓ melzi

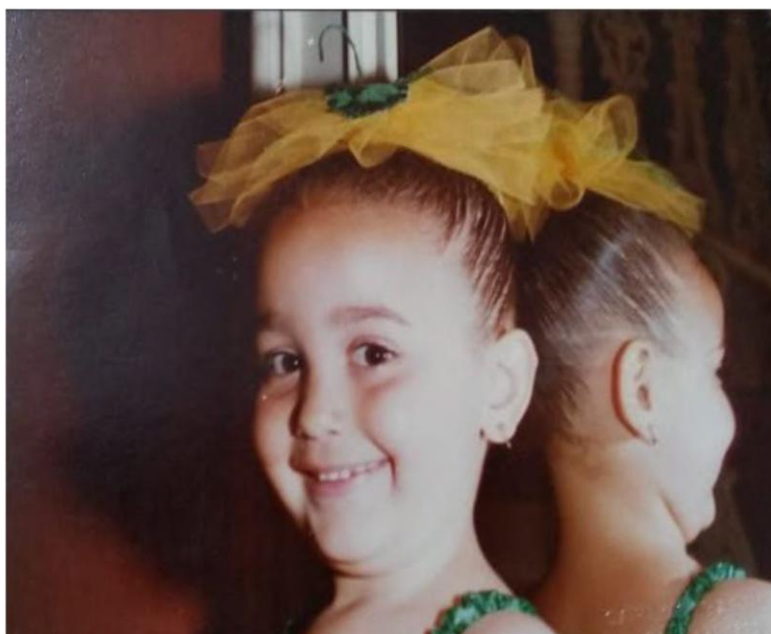
Conclusão  
\* carminha

Foros

- Chaleira Puta ✓

Apêndice E – Escrita sobre os caminhos formativos na dança de Janaína Jorge (Livro)

# *Janaína Jorge*



*Por Carol Portela*

Em 15 de fevereiro de 1977 nascia Janaína Jorge, filha de Neomar Paiva Jorge, músico, cantor e instrumentista, muito comprometido com o Carnaval pelotense, inspirou a família na inclusão com a Cultura Popular, a mãe, Carmen Lúcia Martins Borges, até hoje é professora da rede pública na cidade de Pelotas, onde iniciou sua carreira no magistério, mas sempre trabalhou como artesã, cercada de figurinos e cenários e, por diversas vezes, participando como figurante nos espetáculos de dança, dividindo o palco com a filha.

Janaína e seus cinco irmãos sempre acompanhavam o pai em sua carreira artística, por esse motivo o contato com a arte foi desde cedo. Entre música, dança e artesanato a sementinha foi plantada, dando início à carreira artística de Janaína Jorge, que será contada a seguir em quatro partes de muita energia e inspiração.

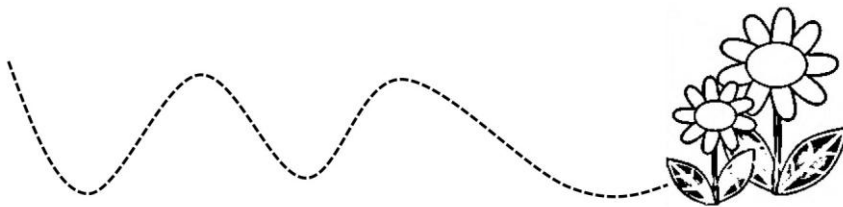


## Parte 1 - Girassol

"[...] sempre aquela vivacidade dela desde criança, sempre aquela paixão pela dança [...]" (Antônia Caringi de Aquino, parágrafo 34).

Criança feliz, extrovertida e apaixonada pela dança. Entre a música de seu pai e a jornada de professora de Artes de sua mãe, ela já saracoteava pela casa. Assim, aos olhos da família, ali iniciava sua caminhada pelo mundo da dança.

Entre os três e quatro anos de idade Janaína começou no Balé Clássico, na Escola Antônia Caringi de Aquino. Nessa caminhada dançou em muitos espetáculos dirigidos por Antônia Caringi, como histórias infantis adaptadas para crianças e levados para o palco do Teatro Guarany.





*“Janaína começou cedo, ela foi [...] Girassol [...] uma participação no corpo de baile infantil pequeninha, [...] ela já começou sempre junto da minha escola e a gente foi tendo carinho pela [...] pessoinha mesmo pequena, mas pelo talento que ela já estava desenvolvendo, então começo dos quatro até ela já mocinha, [...] participo de todos os espetáculos praticamente até o último [...] dela comigo foi [...] Sissi [...]”*  
(Antônia Caringi de Aquino, parágrafo 3).



FOTO 1 Girassol



*FOTO 2 Janaína Jorge e Walter Aryas*

Durante esse período na escola de Antônia Caringi de Aquino, Janaína participou de diversos espetáculos de dança. No Balé “O Guarany”, de José de Alencar, quando de sua estreia nacional, em Porto Alegre, com a OSPA (Orquestra Sinfônica de Porto Alegre). Este espetáculo teve como primeiros bailarinos Ana Botafogo e Paulo Rodrigues, enquanto que Janaína teve um dos papéis principais. Também teve sua participação nos espetáculos: Lago dos Cisnes, com Ana Botafogo como primeira bailarina; Bodas de Fígaro, uma ópera adaptada para dança; O Guarany, onde sua mãe dançou a parte dos índios Aimorés; La Traviata, ópera que teve como primeira bailarina Nora Esteves e Paulo Rodrigues; e *“um dos últimos que ela dançou [...] a Sissi Imperatriz da Áustria, [...] Janaína participou como a mãe da Imperatriz”* (Antônia Caringi de Aquino, parágrafo 4-5).



FOTO 3 Balé Antônia Caringi de Aquino



FOTO 5 Balé Antônia Caringi de Aquino



FOTO 4 Balé Antônia Caringi de Aquino



FOTO 6 Balé Antônia Caringi de Aquino



*FOTO 7 Balé Antônia Caringi de Aquino*



*FOTO 8 Alexandre Ritman, Janaína Jorge e Alessandra Becker*



*FOTO 9 Paulo Rodrigues e Janaína Jorge*



*FOTO 10 Emílio Martins e Janaína Jorge*



*FOTO 11 Balé Antônia Caringi de Aquino*



Nessa época, por estar desenvolvendo seu talento como bailarina e coreógrafa, Janaína já era consultada sobre diversas ideias. Assim teve a oportunidade de dançar e conhecer pessoas renomadas do Balé Clássico, também participando de grandes produções de dança na cidade de Pelotas, como bailarina e produtora artística, “*em noventa e três [...] ao lado da minha filha Antonella fez uma produção muito grande nos vinte e cinco anos da escola, que fizeram um pout-pourri de todas as danças no Sete de Abril, inauguraram uma placa das produções que o balé tinha feito [...]*” (Antônia Caringi de Aquino, parágrafo 9).



*FOTO 12 Professora Antônia Caringi de Aquino*

*“Ela foi realmente uns dos talentos da dança que a gente conheceu e eu me orgulho por ter sido minha aluna.” (Antônia Caringi de Aquino, parágrafo 6).*



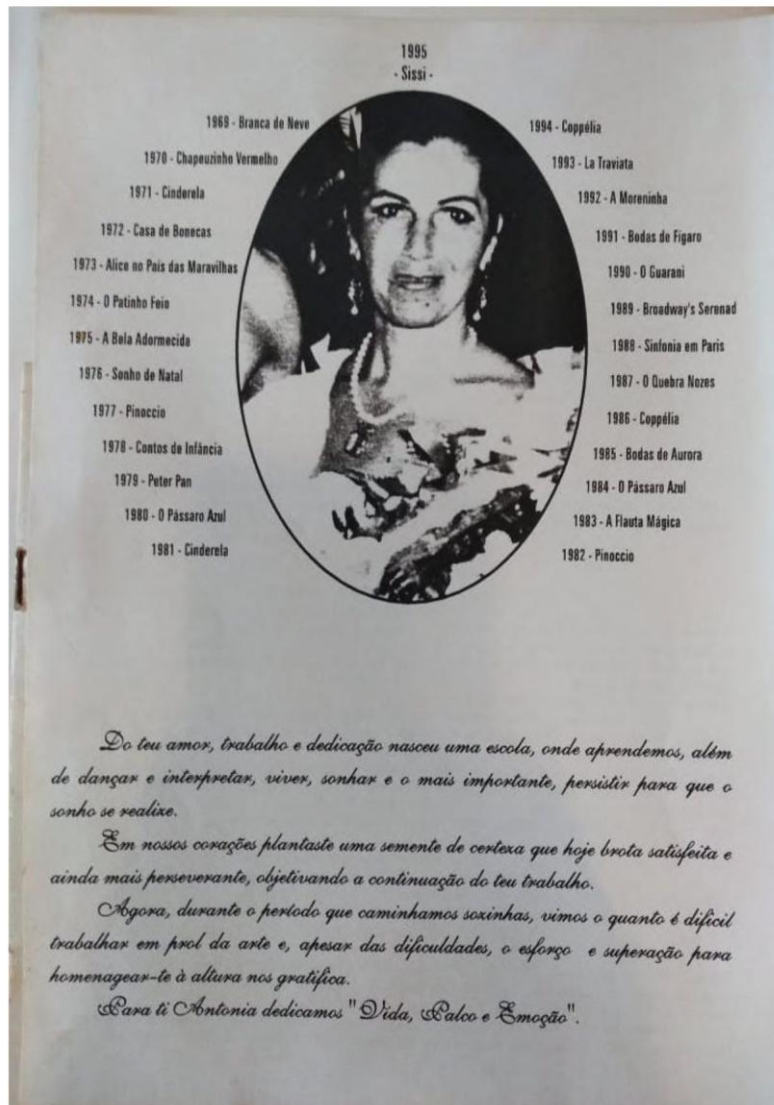


FOTO 13 Programa da Produção Artística em homenagem aos 25 anos da Escola da Professora Antônio Caringi de Aquino

Sua família sempre esteve presente, tanto como espectadora ou em participações no palco. Quando pequenas suas irmãs também dançaram na Escola Antônia Caringi de Aquino.



*FOTO 14 Prof.ª Mariza Halall, Janaína Jorge, Antônia Caringi, Prof.ª Miriam Halall e Jaciara Jorge*

Janaína sempre esteve muito envolvida com o mundo da dança. Após ter passado pelo balé

clássico, começou a frequentar outras escolas de dança na cidade de Pelotas, por curiosidade e em busca do conhecimento de outros gêneros de dança. Posteriormente, sendo convidada como coreógrafa e participando de muitos eventos de dança na cidade, dava continuidade a sua formação.





## *Parte 2 - Sol*

*“[...] ela era uma menina assim que encantava, por que ela  
tinha muitos valores [...]”*  
(Maria Helena Klee Oehlschlaeger parágrafo 39).

*“[...] sempre foi uma mulher muito forte, [...] ela sabia o que  
queria, ela tinha uma visão de sobre o mundo [...] muito aberta  
[...]”*  
(Maria Helena Klee Oehlschlaeger, parágrafo 40).

UFPel – UNICRUZ – GRUD – Chaleira Preta - Malê  
Escola de Ginástica e Dança – Companhia de Dança  
da UNICRUZ – Abambaé

Calma, calma, calma.... vamos nos  
organizar!!!!

Por ainda não existir um Curso Superior de  
Dança na cidade de Pelotas, Janaína iniciou seus  
estudos na Escola Superior em Educação Física na  
Universidade Federal de Pelotas (ESEF/UFPel),  
participando do Grupo Universitário de Dança  
(GRUD), dirigido por Maria Helena Klee

Oehlschlaeger (Malê) durante 25 anos. Anteriormente Janaína já havia mantido contato com Malê, na Malê Escola de Ginástica e Dança e, também, na Escola Antônia Caringi de Aquino, onde ambas se encontraram em diversas oportunidades pela aproximação com a dança.

Janaína participava, como aluna, tanto na Malê Escola de Ginástica e dança quanto GRUD. Em 1.993 dançou na primeira formação do GRUD, participando de diversas coreografias dirigidas por Malê. Desenvolvendo também sua docência nas aulas ajudando e dando opinião. Malê trabalhava de forma colaborativa, *“ela ajudava sempre [...] dava os pitacos, [...] eu perguntava [...] justo pela trajetória dela [...] a gente fazia muitas coisas em conjunto, [...] ela estava sempre presente nas coisas [...]”* (Maria Helena K. Oehlschlaeger, parágrafo 15).

Nas cadeiras de dança da ESEF, Janaína foi uma ótima aluna, *a gente “não fez pesquisa [...] por que eu não trabalhava muito com a pesquisa, [...] então a gente trabalhou [...] mesmo na prática [...]*

(Maria Helena K. Oehlschlaeger, parágrafo 18). Janaína não concluiu o Curso de Educação Física, pois soube que na Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), havia o Curso de Dança, então iniciou sua mudança em busca da formação na área que ela sempre foi apaixonada desde criança.

*“[...] uma pessoa espaçosa, conversadeira, que falava muito rápido [...]” (Carmen Anita Hoffmann, parágrafo 42).*

*“[...] eu via a Jana assim [...] era uma entidade parece, [...] uma presença muito grande, ela era grande [...], a Jana era uma pessoa grande, grande de tamanho físico, [...] alta, [...] uma presença muito forte, sempre bem maquiada [...], vaidosa [...]” (Thiago S. de Amorim Jesus, parágrafo 54).*

Em 1.999 Janaína ingressou na UNICRUZ para cursar Dança, iniciando então uma relação de comprometimento que acabou se tornando característica da sua turma, onde eles fizeram campanhas e disseminaram o Curso para poder completar a turma. Portanto, tiveram que fazer alguns créditos com a turma veterana como forma de acordo, assim iniciando toda trajetória acadêmica em Dança.



*“[...] a Jana tinha começado Educação Física aqui na ESEF [...] na Federal em Pelotas e não concluiu, [...] mas [...], o Curso de Dança nosso de Cruz Alta foi o primeiro do estado, noventa e oito foi a primeira turma, então [...], logo que foi aberto o Curso de Dança [...] na segunda turma a Jana foi [...] a vida da Jana era a dança ou as danças [...]” (Thiago S. de Amorim Jesus, parágrafo 55).*

*“Janaína então se muda de Pelotas para Cruz Alta e foi uma grande articuladora no Curso de Dança, ela conhecia toda a gente da dança [...] então ela era uma grande conhecedora da dança” (Carmen Anita Hoffmann, parágrafo 19).* Para o Curso a participação de Janaína foi muito significativa, pois ela tinha toda uma familiaridade com os profissionais da dança e, deste modo, ela os agregava.

*“Eu fico pensando atualmente como que ela, no extremo Sul, no estado do Rio Grande do Sul, morando em Pelotas, tinha toda essa conexão com o mundo da dança, com as questões atuais da dança, com as pessoas que estavam no topo naquela ocasião...” (Carmen Anita Hoffmann, parágrafo 20).*

Então... ela tinha como colega Thiago Amorim e, como coordenadora do Curso de Dança da UNICRUZ, a professora Carmen Anita Hoffmann,



conhecida como Carminha, (ambos atualmente professores efetivos do Curso de Dança da UFPel).

*“[...] a primeira vez que eu encontrei ela foi na aula inaugural do Curso de Dança em 1.999, na segunda turma do Curso de dança da UNICRUZ, onde nós nos formamos [...]” (Thiago S. de Amorim Jesus, parágrafo 52).*

*“[...] a gente era colega de aula, fazíamos muita coisa juntos[...]” (Thiago S. Amorim Jesus, parágrafo 57).*

As aulas do Curso de Dança da UNICRUZ aconteciam no turno da noite, para os alunos do primeiro semestre eram ministradas nas quintas e sextas à noite e aos sábados pela manhã. Por ser uma Universidade particular a maioria dos alunos, inclusive Janaína, trabalhavam durante o dia para poder pagar a faculdade e assistir as aulas à noite.

Janaína, em sua trajetória, teve contato com muitos gêneros de dança, *“[...] a Jana dava aula de Flamenco, [...] Sapateado Americano, [...] Dança do Ventre, [...] Danças Urbanas, [...] Jazz, [...] Clássico, [...] Folclore, [...] Contemporâneo [...]”* (Thiago S. de Amorim Jesus, parágrafo 56). Desta forma trabalhou como professora de dança e coreógrafa em vários

espaços não formais, em diversas cidades próximas a Cruz Alta.



*FOTO 15 Janaína em uma apresentação de Sapateado Americano*



*FOTO 16 Janaína dançando Flamenco*



*FOTO 17 Janaína e sua irmã Jaciara em uma apresentação*

Entre essas cidades, em Tupanciretã, localizada a 68 km de Cruz Alta, Janaína desenvolveu um trabalho diferenciado, com alguns dos gêneros de dança que tinha conhecimento. *“[...] eu vi a Jana também coreografando muito para as escolas de dança para Tupã, ela trabalhou um monte em Tupanciretã coreografou muito, tinha um trabalho exímio como professora. Cada vez que a gente fazia Dança Cruz Alta, ela que trazia os alunos [...] de Tupã, nossa, era uma coisa primorosa, tu tinha que vê as alunas de dança do ventre dela, [...] tudo era pesquisado, argumentado [...]. A construção estética era muito coerente com aquilo que ela acreditava de dança [...], eram coreografias sempre muito bem cuidadas, acabadas, enfim me lembro disso dela, sempre em fluxo, sempre em trânsito [...]”* (Luciana Paludo, parágrafo 50)

*“[...] ela era muito versátil, [...] trocava o chip muito rápido, [...] estava dando aula na academia, aula de três, quatro coisas uma atrás da outra, todas diferentes ou coreografando [...]”* (Thiago S. Amorim Jesus, parágrafo 56).

*[...] era uma coreógrafa instantânea [...] tudo instigava ela a criar, então uma música, um grupo reunido, uma questão, um problema, uma teoria, tudo virava coreografia ela tinha uma forma muito espontânea, muito natural e muito presente de coreografar [...]* (Carmen Anita Hoffmann, parágrafo 22). Além de todo comprometimento que a turma assumiu com o Curso, eles criaram a Companhia do Curso de Dança da UNICRUZ, com diversas coreografias, em sua maioria, coreografadas por Janaína.

*“[...] a gente criou a Companhia de Dança da UNICRUZ, [...] nós montamos um trabalho chamado Negros Montes [...] a trilha sonora de Osvaldo Montenegro. [...] uma coreografia marcantesíssima [...] na trajetória foi Bandolins, que foi inspirada na obra de Osvaldo Montenegro que a Jana coreografou e que ganhou Santa Maria em Dança, [...] nesse período surgiu o dança universitário uma das categorias do Santa Maria em Dança, [...] nós fomos participar [...]”* (Thiago S. Amorim Jesus, parágrafo 59).

Coreografou para muitos eventos de dança contemporânea, da Universidade, Nativistas, Festival de Joinville, Mostras e Espetáculos. Para Carminha foi marcante a valsa “Pra quem tapeia o chapéu” de



Cristiano Quevedo, cantor e compositor nativista da cidade de Piratini, próximo a Pelotas.

*“[...] primeira coreografia que a gente dançou que a Jana coreografou foi [...] Feridas do viver, [...] uma coreografia que foi criada para a abertura da Coxilha Nativista, uma música [...] do Cristiano Quevedo [...] que é de Piratini, [...] pertinho de Pelotas que a Jana conhecia o trabalho dele, um cantor nativista. O nome da música é Pra quem tapeia o chapéu [...] a direção artística do Festival nos convidou, a Companhia da Universidade, para coreografar essa música [...], ele foi fazer o show e a gente dançou ao vivo com ele no palco, foi um coisa linda e marcante [...], foi muito bacana, eram sete meninas e eu nessa coreografia [...] foi o primeiro trabalho que eu dancei dela [...]” (Thiago S. Amorim Jesus, parágrafo 60).*

No ano 2000 Janaína participou como coreógrafa do Grupo Chaleira Preta, que foi criado e dirigido por Carminha durante 25 anos. Ela criou uma coreografia colaborativa com outros colegas chamada “Em qualquer chão sempre gaúcho”, com a música “Vira Virou”, de Kleiton e Kledir, cantores e compositores da cidade de Pelotas, utilizando uma versão de Renato Borghetti. Foi um processo inovador para o grupo, mesclando a poética nativista e a dança contemporânea. *“A Janaína além de toda essa contribuição, toda essa relação que saía das paredes das ações do Curso de Dança d UNICRUZ,*

*ela circulou por esses ambientes diferenciados, coreografando e fazendo parte do Grupo de Dança Chaleira Preta, que para mim é um vínculo muito importante [...]” (Carmen Anita Hoffmann, parágrafo 24).*



FOTO 18 Em qualquer chão sempre gaúcho (Grupo Chaleira Preta)

*“[...] tem a história da bola de fogo [...], uma história que a gente fez uma aula de Folclore sábado de manhã com a Carminha, a gente fez uma montagem dramática, uma releitura da Salamanca do Jarau, a lenda, e a Jana era uma bola de fogo [...] ficou muito marcante isso na nossa turma [...]” (Thiago S. Amorim Jesus, parágrafo 57).*

Ainda na sua carreira acadêmica, no componente curricular de Folclore, havia um trabalho sobre lendas que tinha que conter a interpretação, a dramatização e que também *fosse pertinente para ser*

*levado para a escola. Lembro que rapidamente ela fez o Sol, então aquilo assim ficou por muito tempo [...] “aí vem o sol” e era Janaína chegando, e era mais ou menos isso ela era um Sol, por que era cheia de raios e cheia de ideias [...]” (Carmen Anita Hoffmann, parágrafo 25).*

Tinha muita facilidade nos seus trabalhos práticos durante sua carreira acadêmica porém, para os trabalhos teóricos, tinha dificuldade de sentar e escrever, *“por que ela tinha uma vitalidade, era uma hiper atividade, [...] ela conversava muito, ela falava, ela verbalizava e também ela se movimentava muito, ela não era uma pessoa tranquila, serena, ela era muito ativa então dificilmente ela conseguia cumprir as datas dos trabalhos [...] teóricos, os trabalhos práticos era instantâneo [...]” (Carmen A. Hoffmann, parágrafo 25).*

Então por ser característica da turma de 1999, do Curso da Dança da UNICRUZ, com exceções é claro, chegou o dia da formatura, *“a mãe de Janaína, tia Carminha, decorando o palco e os trabalhos não*



*estavam entregues e os papéis não estavam totalmente quitados, então foi um dia assim estressante, [...] fiz um pôster para cada um com os resumos dos Trabalhos de Conclusão e a versão final não chegava, [...] até que chegou na última hora [...]* (Carmen A. Hoffmann, parágrafo 27). Carminha enfatiza que ficou muito nervosa pelas questões burocráticas que a coordenação do Curso tinha que cumprir, mas que no fim tudo deu certo.

*“[...] a mãe da Janaína, eles me convenceram que ela poderia fazer a decoração do palco, por eu ela era uma artista, professora de Artes [...]”* (Carmen A. Hoffmann, parágrafo 44-45).



FOTO 19 Formatura de Janaína Jorge no Curso de Dança da UNICRUZ no ano de 2003

*“[...] não conseguia romper laços com a Janaína, por que ela tinha esse lado, toda essa energia que contagiava por um bom sentido [...] a Janaína foi assim, muito peculiar, acho que ela aprendeu bastante com essa questão da academia, da relação, dos compromissos [...]” (Carmen A. Hoffmann, parágrafo 46).*



## Parte 3 - Pôr do Sol



*“[...] volta e meia eu ouvia os gritos na grade assim nos portões [...] da minha casa “Carminha Carminha tem café”, então além da relação professor aluno, colega de coreografia de trabalhos artísticos a Janaína também se aproximou do lado afetivo [...] eu acolhi a Janaína na minha casa [...] depois fui acolhida na casa dela em Pelotas então foi uma ... relação mais do que profissional [...] (Carmen A. Hoffmann, parágrafo 43).*

*“[...] a Jana foi um ser de energia, de movimento, de muita dança, de muita urgência, que fez muito em pouco tempo, acho que ela tem essa característica de muitas pessoas que transcendem esse tempo cronológico enquanto elas estão aqui [...] (Luciana Paludo, parágrafo 49).*

*“[...] eu não sei se alguém consegue responder essa pergunta [...] a Jana não é uma coisa só [...], ela influenciou e ainda influencia muita gente em muitos aspectos” (Thiago S. Amorim Jesus, parágrafo 51).*

Então... em 2010, “para nossa surpresa [...] aparece essa doença inusitada na Janaína, e foi uma luta incessante contra a doença, [...] mas a doença

*venceu [...] e a Janaína foi prematuramente chamada a partir para outra esfera [...] (Carmen A. Hoffmann, parágrafo 47). “[...] Elis morreu com trinta e seis anos e a Jana com trinta e três [...], e é curioso olhar para essas figuras e agora não tem como não fazer essa analogia, dessa intensidade, dessa urgência de vida, de arte, desse excesso [...] corporal, imaginativo, fazedor, eu acho que a Jana era uma fazedora de arte [...] (Luciana Paludo, parágrafo 32).*

Em sua trajetória Janaína passou por muitos lugares que a dança estava presente, não poderia fechar essa cena sem mencionar o disparador de toda minha escrita, que é um breve registro sobre alguns espaços que ela influenciou e ainda influência de diferentes maneiras.

Logo a seguir trago a história inicial de duas Companhias de dança que Janaína contribuiu e que ainda contribui através de sua memória e trocas artísticas. Com as palavras dos fundadores e atuais diretores fecho a terceira parte dessa trajetória, pois

não conseguiria expressar em palavras a entrega e emoção dessa contribuição para a pesquisa.

Em 2002, Janaína inicia sua trajetória no Projeto de extensão Mimese Cia de Dança-Coisa, do Curso de Dança da UNICRUZ, que atualmente tem sua sede localizada na cidade de Porto Alegre, ainda sob direção de Luciana Paludo (Lu Paludo), onde atua como professora efetiva do Curso de Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).



*FOTO 20 Semelhanças foto do ano de 2003 (Mimese Cia de dança-Coisa)*



*Depois de todo esse trajeto, a Janaína então sai de Cruz Alta vai para Curitiba, vai para São Leopoldo, faz concurso e é aprovada no município que é um aspecto muito positivo para o Curso de Dança da UNICUZ, porque os egressos estavam já participando de concursos com possibilidade de atuar no ensino na Educação Básica (Carmen A. Hoffmann, parágrafo 30).*

Em 2005, Janaína, Thiago e Jaciara (irmã de Janaína), fundaram a Abambaé Companhia de Danças Brasileiras, onde sua contribuição foi de muita importância, suas coreografias ainda são dançadas até hoje. A Abambaé iniciou na cidade de Cruz Alta e hoje tem sua sede na cidade de Pelotas.



*Foto 21 Primeiro ensaio da Abambaé Companhia de Danças Brasileiras no dia 20/05/2005 (01)*





*FOTO 21 Primeiro ensaio do Abambaé Companhia de dança Brasileiras no dia 20/05/2005 (2)*

Além de todas essas contribuições para a área da dança, Janaína fez uma ponte entre Pelotas e Cruz Alta, assim motivando e oportunizando os professores Thiago e Carminha a iniciarem suas carreiras docentes em uma Universidade pública.

*[...] ela foi muito importante quando eu vim fazer o concurso em Pelotas, eu preparei o conteúdo do ponto que eu peguei e eu fui lá com o material para ela fazer, [...] uma vitória, ela ainda fez uns ajustes e colocou legenda nos vídeos. Então ela foi super importante, colaborativa e que me proporcionou também qualifica o meu trabalho para apresentar na aula [...] do concurso público para o ingresso na Universidade Federal de Pelotas (Carmen A. Hoffmann, parágrafo. 48).*

*“Então eu sempre digo [...] não fosse a Jana, não fosse eu conhece a Jana eu [...] não teria vindo pra Pelotas, ela foi de Pelotas pra Cruz Alta e a gente se conheceu, aí criou vínculo com Pelotas [...] por que nunca teve necessidade, nunca tinha vindo, não tinha parentes, não tinha amigos enfim com relação [...] com a cidade, então o fato dela ter ido é o que me traz pra cá e depois[...] tem a função da Jaci também, tem a função da Carminha ter vindo pra cá [...] também ela foi essa ponte ou o elo de ligação entre esses dois mundos digamos assim, de Cruz Alta e de Pelotas, [...]” (Thiago S. Amorim Jesus, parágrafo 62)*



## *Parte 4 - Supernova*

Para esse momento trago o estágio de evolução de uma estrela e, por este motivo é chamado de Super Nova, por ser uma explosão muito brilhante. E essa explosão vem em forma de depoimentos de pessoas que são importantes para a história que foi registrada até aqui, através de familiares, professor e professoras, alunas e amigas que, através da mesma pergunta, sentiram-se a vontade para falar um pouquinho sobre “Quem foi Janaína Jorge?”



FOTO 22 Aura de Janaína

*“[...] a gente fez muita coisa junto [...] deixa de ser só uma relação entre colega [...] de aula, [...] começa a frequentar as casas, as famílias [...] extrapola, vira uma amizade mesmo [...]”*  
(Thiago S. Amorim Jesus, parágrafo 62)

*“[...] ela pegou muito das coisas que, [...] conviveu no ambiente de arte também por que aqui a gente já convivia, porque [...] meu pai era o escultor Caringi, [...] então daqui o pai já incentivava, minha mãe já incentivava então a gente via na arte que passava aquela alegria, a arte que gostava de passa pra os alunos, os professores [...]” (Antônia C. de Aquino, depoimento)*

*“Dança para ela era tudo” (Carmen Lúcia Martins Borges, depoimento)*

*“[...] alguma coisa boa ia dá [...]” (Antonella Caringi de Aquino, depoimento)*

*“Nós trabalhamos juntas de 2000 a 2006. Depois desta data continuamos nossa ligação de forma direta, ela era uma das minhas melhores amigas, fomos muito próximas, nos intitulávamos irmãs de coração! Foi com ela que aprendi tudo que sei sobre dança, é claro que depois que ela se foi continuei a estudar incessantemente, e cresci muito, porém quando começo um novo trabalho coreográfico sempre peço o olhar dela. [...] Tenho muitas coisas, fotos vídeos, comentários de trabalhos onde ela era jurada [...] Tinha o coração gigantesco! E como profissional excepcional... sabia de tudo, tinha conhecimento de várias áreas mas acredito que sua passagem em Tupanciretã, onde trabalhamos por 6 anos juntas, tenha sido seu grande laboratório... criamos muito juntas, noites e noites pensando, criando e planejando os 6 espetáculos que concebemos, foi uma benção ter conhecido ela, destino mesmo (Alline Fernandez, depoimento)*





FOTO 23 Alessandra Becker, Janaína Jorge (Dr. Copélius) e Alexandre Ritman

*[...] perfeito ela só me apresentou, vamos ali ver o que tu acha,  
[...] aí foi assim doutor Copelius [...] foi realmente perfeito  
(Antonella Caringi de Aquino, depoimento)*

*“[...] não tinha ninguém estudando dança no Rio Grande do Sul naquele momento nem em Santa Catarina [...], então mesmo no interior a gente sempre foi muito conectado [...] e a Jana era uma pessoa muito conectada, conhecia as coisas, as pessoas ou de já ter ido, ou de ter relações [...], então ela teve um papel muito importante nesse ramo político [...] tanto da organização nossa discente, quanto dessa política da dança [...]” (Thiago S. Amorim Jesus, parágrafo 58)*

*Janaína foi muito importante para nós e para o nosso município!  
Trabalhamos muitos anos junto!  
Tenho muitas fotos muitos vídeos!  
Muitas ótimas recordações!  
Ganhamos muitos festivais juntas!  
(Mizi Herter Brum, depoimento)*

*[...] então por tudo isso por todas essas coisas que eu já te falei [...] é difícil você precisar ela: quem é ela, o que ela foi, pensando no singular, pensa muito nesse plural, nessa multiplicidade, nessa diversidade, nessa presença, nessa potência. A Jana era grande, gorda e enorme assim sabe? Mas ela era levíssima, ela era uma pluma, fazia assim coisas que nós ditos magros, na época não fazíamos tão bem, era muito menos a questão de peso muito mais a questão de leveza, de técnica, de suavidade né essas coisas todas [...] assim ela lidava bem com isso, [...] as pessoas não lidavam as vezes, assim “aí como assim professora de dança? Bailarina? Coreógrafa essa grande essa gorda?” tipo assim, talvez as pessoas não falavam com a boca, mas pensavam ou faziam, “aí tipo ela?” [...] ela dava conta entende, ela se garantia com o que ela sabia, o que ela era, ela não precisava, tá mas tal coisa ela, ia lá e fazia, ou ia lá e ensinava, [...] então ela se garantia, [...] não precisava se esconder atrás disso [...], foi muito forte.” (Thiago S. Amorim Jesus, parágrafo 65)*

*"[...] artista/bailarina/coreógrafa, acho que ela foi completa [...]" (Antonella Caringi de Aquino, depoimento)*

*"Janaína Jorge, uma bailarina fora do biotipo que se entende que deva ser uma bailarina, uma leveza e graça como poucos, uma estudiosa. Viveu respeitando a arte de dançar com muita responsabilidade e cumplicidade, um legado que não devemos esquecer pois foram muitas as pessoas que se beneficiaram do seu trabalho, desde profissionais da área até os amantes da dança. Um ser humano fundamental pra este mundo tão cruel, sempre pronta para ajudar quem quer que fosse, uma energia pra lá de positiva, uma alegria de viver inigualável.*

*Fica na minha memória e tenho certeza que na de muitos, o solo de sua autoria em que ela mesma dançava, sobre Isadora Duncan. Aplausos eternos pra você Janaína!!"* (Anai Sanches, depoimento)

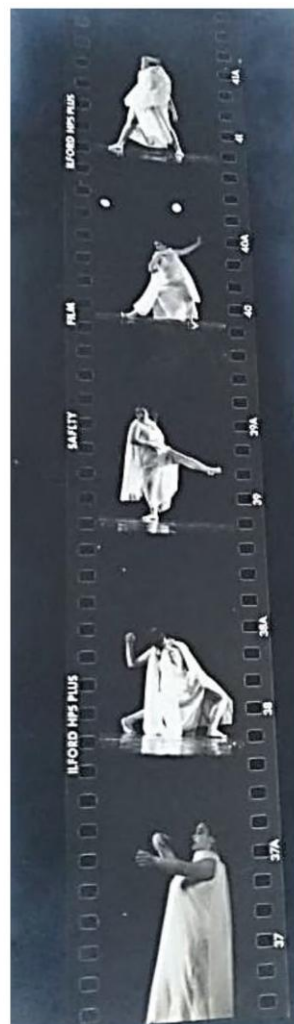


FOTO 24 Janaína Jorge interpretando Isadora Duncan



*“Bom Janaína foi minha melhor amiga, minha irmã, minha coreógrafa, minha professora, uma pessoa espiritualmente e mentalmente muito à frente do que vivemos, parece que ela veio ao nosso convívio para que hoje às pessoas que conviveram com ela estivessem todas próximas quando ela partisse. Excelente profissional de dança, de uma sensibilidade gigantesca, fazia coreografia com uma facilidade que nunca vi em outras pessoas. Uma artista completa, um ser humano fantástico, sempre pronta para auxiliar a todos. Competente, exigente com a qualidade do trabalho que realizava, profissional impecável, que tive o prazer de conviver. Hoje na dança sou reflexo do que ela espalhou, realizou na arte e como pessoa com certeza ela me transformou numa pessoa melhor, lapidou de alguma forma a todos que estavam a sua volta. Janaína é dança, é arte, é amor pela dança, amor pela arte” (Patrice Oliveira, depoimento)*

*“Grande coreógrafa a verdade era essa [...]” (Cheila Coelho Paiva Jorge, depoimento)*

*“[...] alegria de viver [...]” (Maria Balbina da Silva Jorge, depoimento)*



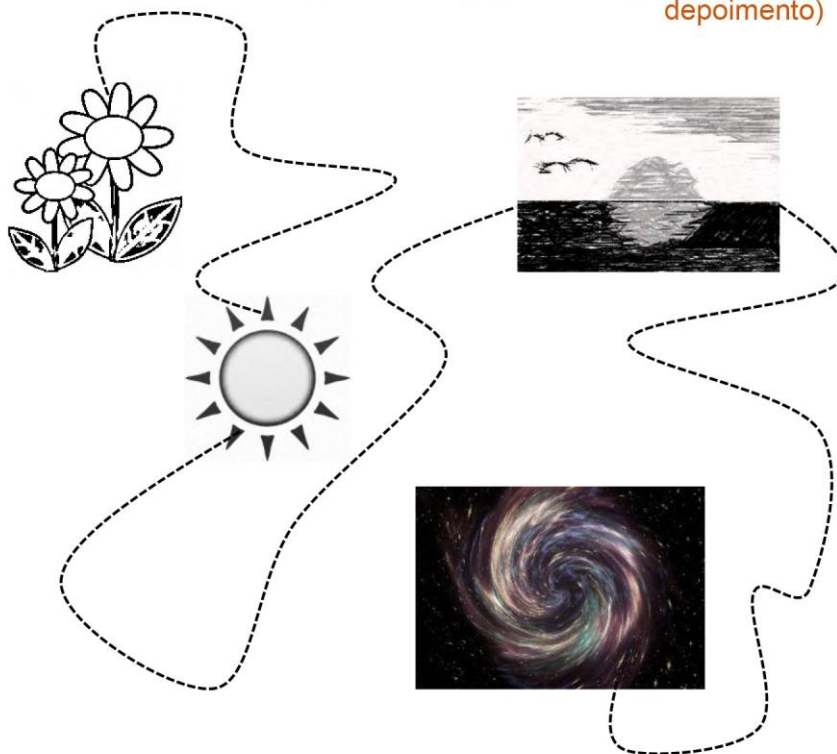
“Convivi com a Janaína no período da graduação em licenciatura em Dança na UNICRUZ. Mais ou menos de 1999 a 2003, não tenho certeza. Eu era da primeira turma que iniciou em 1998 e a Janaina era da segunda turma que começou o curso em 1999. Nossas turmas eram próximas e lutávamos para representar a universidade e divulgar o curso de licenciatura em dança da UNICRUZ, pois era uma universidade particular e precisa de alunos para existir. A Janaína gostava de criar danças. Eu gostava de dançar. Então nossa ligação era de coreógrafa e bailarina. A Janaina coreografou alguns trabalhos para os acadêmicos do Curso de Dança da UNICRUZ para dançarmos em festivais competitivos, mostras de danças, e, eventos da universidade. A coreografia dela, que eu mais gostei de dançar, foi um trio chamado: “Efêmera”. Essa coreografia foi dançada por mim, pelo W. F. e pela C. Y. com a música “Bandolins” de Oswaldo Montenegro. A Janaina Jorge era uma pessoa que vibrava criatividade, era uma boa ouvinte, boa conselheira, espiritualizada, sensível. Uma amiga querida.” (Rubiane Zancan depoimento)

“Cheia de ideais ainda estava” (Carmen Lúcia Martins Borges, depoimento)

“[...]muito talentosa [...] eu lembro dela escutando a música, contando a música, desenhando a coreografia [...], fazendo os rabiscos dela num papel [...] da coreografia mesmo, de organizar a ideia, ela tinha muitas coisas num bloquinho que ela fazia e [...] ela sabia ela sabia o que ela queria isso é muito [...] importante, acho que isso eu aprendi com ela sobre coreografar sabe, você tem que entender o movimento que você faz, ele acontece de um jeito que não é o mesmo jeito no seu corpo o que acontece no corpo do outro, mas você tem que sabe o que você que com aquela poética [...], ela sabia o que ela queria [...] na hora de coreógrafa, ela era muito rápida, [...] isso eu acho que também [...] fui influenciado por ela, [...]

*num ensaio, numa tarde sai uma coreografia [...] e eu acho que muito disso eu herdei dela, pelo menos eu fui contaminado por ela desse modo de coreografa [...], essas coisas que eu vou me lembrando, foram momentos lindos, memórias lindas, são até hoje, a gente não pode pensa muito que chora, faz parte também, mas ela tá aí tá viva, tá em nós, [...] tá gente no que a gente aprendeu com ela, tá no ensino da dança dela, tá nas coreografias, tá nos conceitos, tá na energia que continua circulando por ai, tá ai agora né louca [...]*(Thiago S. amorim Jesus, parágrafo 65)

*“[...] mas assim ó, é isso assim, ela plantou várias sementes e isso é a parte boa e o trabalho não morreu nela a ponto de tu dança coisas dela e ter interesse em saber quem é essa criatura e de onde é que ela saiu [...] e é isso”* (Jaciara Jorge, depoimento)





“Então dessa forma assim, eu só tenho a dizer que tenho lembranças agradáveis da Janaína, que ela teve pouco tempo mas o tempo em que ela esteve com a gente foi muito intenso, muito forte, muito visceral porque tudo virava dança ela não deixava lacuna nenhuma, e o conhecimento dela e a sensibilidade, eram fatores assim relevantes para ela realmente ser uma pessoa da dança, para ela ser uma bailarina, pra ela ser uma coreógrafa né muito embora era fosse volumosa em todos os sentidos ela tinha uma leveza e uma prontidão criativa assim super reconhecida, eu a reconheço com uma figura importantíssima na dança do Rio Grande do Sul e acho fundamental esse trabalho, Carol, esse trabalho que vai registrar a trajetória dessa pessoa que circulou tanto né, e eu sei o que te instigo foi de tanto ouvir nesse meio aqui em Pelotas não só com as pessoas de Pelotas, mas as pessoas da dança que reconhecem todo esse trabalho da Janaína, então quero encerrar assim o meu depoimento dizendo que a poucos meses eu estive em Santa Maria ... com uma profissional da dança muito parceira da Janaína que é a Aline Fernandez, e ela tem uma foto assim no... aparelho de som dela assim... uma foto dela com a Janaína com um dizer assim “pra que eu nunca esqueça de onde eu parti no mundo da dança”, então que ela começou com a Janaína então ela acha super importante assim esse reconhecimento, essas pequenas ações assim demonstram o reconhecimento da Janaína nesse ambiente da dança.” (Carmen A. Hoffmann, parágrafo 31)

“Engraçado tudo isso, as coisas vão passando e a gente vai tomando noção da dimensão das coisas, e claro toda essa história aí eu não era nascida ou era muito bebê então para mim tudo isso não existe lembrança, e das coisas que eu vivi depois que eu era adulta, já era grande e tudo mais e já era no tempo delas em Cruz Alta, que eu vivi só a distância porque afinal de contas eu morava aqui e elas moravam lá. Pra mim isso era o normal, é engraçado porque depois que a gente vai passando é que se dá conta do tamanho da potência daquilo e acho que de tudo o único momento que eu lamento, é quando eu vejo que de alguma forma tudo isso passou, e é muito

*louco, o referencial que eu tinha em casa era da pessoa mais gênia que eu conheci em qualquer área da vida, e especialmente porque eu não sou da área talvez, mas eu não conheço ninguém, com esse ímpeto, dessa certeza de vida de tudo, e que claro em alguns momentos chegava até ser pesado porque eu não podia duvidar das coisas, “como é que tu não sabe”, eu não sei e deixa eu não saber, mais eu não conheço ninguém na vida que não soubesse tanto o que queria quanto ela, e que tivesse muita certeza que as coisas eram tão claras, como viver é claro, e óbvio, era isso a vida era óbvia, era clara [...]” (Jordana Jorge, depoimento)*

*“[...] várias pessoas ainda me procuram, [...] eu falo pra mãe que isso é muito positivo de quando a gente tá meio “jururu” pensando nela, na saudade que a gente sente dela, que é uma pessoa que faz muita falta, não só pra família, mas para mim principalmente, quando eu vou comentar alguma coisa, quando eu vejo alguma coisa de dança penso, não tenho com quem comentar que me entenderia a ponto de eu trocar experiência. Mas o que eu falo para ela é muito importante, muitas pessoas falam da Janaína e falam no trabalho da Janaína, falam nesse sentido quando ela coreografava e tudo mais, muito amigos, e falam como a Jana era querida e ainda não tive a experiência de passar por alguma coisa muito ruim, [...] a gente sempre ouve as pessoas falando dela com muito carinho, muita saudade, de coisas engraçadas que ela viveu com as pessoas, dessas indiadas que ela fazia, [...] então a gente sempre tem relatos bem positivos, em relação a ela, então isso é pra deixar qualquer familiar feliz. E isso nos acarinha muito, muitas vezes a gente está chateado “jururu” e tal sempre tem uma pessoa para lembrar de uma coisa dela [...] de extrema positividade com relação à ela, então isso para gente é super bom” (Jacira Jorge, depoimento)*



*“Sempre de bom humor, sempre de bem com a vida,  
alegria de viver”*  
(Carmen Lúcia Martins Borges, mãe de Janaína Jorge)



FOTO 25 Fotografia registrada por Thiago S. de Amorim Jesus

*“Quem é Janaína Jorge?”*

[illegible]



## **Anexos**

## Anexo A - Depoimentos

Olá Carol.

Que trabalho lindo! Nós trabalhamos juntas de 2000 a 2006. Depois desta data continuamos nossa ligação de forma direta... ela era uma das minhas melhores amigas, fomos muito próximas, nos intitulávamos irmãs de coração! Foi com ela que aprendi tudo que sei sobre dança, é claro que depois que ela se foi continuei a estudar incessantemente, e cresci muito... porém quando começo um novo trabalho coreográfico sempre peço o olhar dela.

Tenho muitas coisas... fotos videos, comentários de trabalhos onde ela era jurada.. será um prazer participar

Você precisa contar.. Aline Silveira Andreatta e Mitsi Herter Brum. Elas terão muito a contribuir também..

Ela trabalhou alguns anos em Curitiba, com o Octavio Nassur, foram muito amigos e próximos também.. sem contar que ele é conhecido nacionalmente, terá um relato de alguém importante

Escrever sobre isso remexe muitas coisas em mim, por isso preciso de um tempinho para juntar materiais e ideias para escrever.

Outra pessoa importante é a Paty. Patrice.... elas moraram juntas em Cruz Alta durante todo curso da Unicruz.

Acredito que fora de Pelotas estas são as pessoas que mais conviveram com ela.. tem a Fernanda Araújo de Santa Barbara do Oeste...

Octavio e Fê Araujo do Laboratório da Dança conviveram com a Jana após 2006... quando ela morou fora do RS

Acredito que terá bastante retorno... todos adoravam ela.

Tinha o coração gigantesco! E como profissional excepcional... sabia de tudo, tinha conhecimento de várias áreas mas acredito que sua passagem em Tupanciretã, onde trabalhamos por 6 anos juntas, tenha sido seu grande laboratório... criamos muito juntas.. noites e noites pensando, criando e planejando os 6 espetáculos que concebemos... foi uma benção ter conhecido ela.. destino mesmo.

Mas fica tranquila, participarei com o maior prazeruito obrigado!!!

Em dezembro estarei sim!



**Alline Fernandez - 17/08/2018**

---

"Janaína Jorge

Uma bailarina fora do biotipo que se entende que deva ser uma bailarina, uma leveza e graça como poucos, uma estudiosa. Viveu respeitando a arte de dançar com muita responsabilidade e cumplicidade, um legado que não devemos esquecer pois foram muitas pessoas que se beneficiaram do seu trabalho desde profissionais da área até os amantes da dança.

Um ser humano fundamental pra este mundo tão cruel, sempre pronta ajudar quem quer que fosse, uma energia pra lá de positiva, uma alegria de viver inigualável.

Fica na minha memória e tenho certeza que na de muitos, o solo de sua autoria em que ela mesma dançava, sobre Isadora Duncan.

Aplausos eternos pra você Janaína!!"

**Anai Sanches - 19/08/2018**

---

Boa noite!

Sim! Janaína foi muito importante para nós e para o nosso município!

Trabalhamos muitos anos junto!

Tenho muitas fotos muitos vídeos!

Muitas ótimas recordações!

Ganhamos muitos festivais juntas!

Está semana estou viajando mas na próxima tento te enviar muitas coisas!

Tenho muita coisa foi muitos anos juntas!

Mas a melhor amiga, a qual ela ajudou a ser a profissional maravilhosa, que é Aline Fernandez de Santa Maria e Aline Silveira de Tupanciretã (está ela deixou no lugar dela aqui em Tupa, quando foi embora)

**Mizi Herter Brum - 19/08/2018**

---

Oi Carol...Bom Janaína foi minha melhor amiga....minha irmã....minha coreógrafa....minha professora...uma pessoa espiritualmente e mentalmente muito a frente do que vivemos...parece que ela veio ao nosso convívio para que hoje às pessoas que conviveram com ela estivessem todas próximas quando ela partisse. Excelente profissional de dança...de uma sensibilidade gigantesca...fazia coreografia com uma facilidade que nunca vi com outras pessoas. Uma artista completa...um ser humano fantástico...sempre pronta para auxiliar a todos. Competente... exigente com a qualidade do trabalho que realizava... profissional impecável, que tive o prazer de conviver... Hoje na dança sou reflexo do que ela espalhou...realizou...na arte...e como pessoa com certeza ela me transformou numa pessoa melhor...lapidou de alguma forma a todos que estavam a sua volta. Janaína é dança... é arte... é amor pela dança...amor pela arte.

**Patrice Oliveira - 29/08/2018**

---

Convivi com a Janaína no período da graduação em licenciatura em Dança na UNICRUZ. Mais ou menos de 1999 a 2003, não tenho certeza.

Eu era da primeira turma que iniciou em 1998 e a Janaina era da segunda turma que começou o curso em 1999. Nossas turmas eram próximas e lutávamos para representar a universidade e divulgar o curso de licenciatura em dança da UNICRUZ, pois era uma universidade particular e precisa de alunos para existir.

A Janaína gostava de criar danças. Eu gostava de dançar. Então nossa ligação era de coreógrafa e bailarina. A Janaina coreografou alguns trabalhos para os acadêmicos do Curso de Dança da UNICRUZ para dançarmos em festivais competitivos, mostras de danças, e, eventos da universidade.

A coreografia dela, que eu mais gostei de dançar, foi um trio chamado: "Efêmera". Essa coreografia foi dançada por mim, pelo Wilson França e pela Cristiane Yabiku com a música "Bandolins" de Oswaldo Montenegro.

A Janaina Jorge era uma pessoa que vibrava criatividade, era uma boa ouvinte, boa conselheira, espiritualizada, sensível. Uma amiga querida.

**Rubiane Zancan - 01/10/2018**

---

## **Anexo B – Termo de autorização de uso de imagem e depoimentos**

### ***TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS<sup>13</sup>***

Eu \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_,

depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a aluna do curso de Dança-Licenciatura Carolina Martins Portela, cuja orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso é a Professora Andrisa Kemel Zanella, a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto Nº 3.298/1999, alterado pelo Decreto Nº 5.296/2004).

Pelotas - RS, \_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

\_\_\_\_\_  
Participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Pesquisador responsável pelo projeto

<sup>13</sup> As autorizações, preenchidas e assinadas, encontram-se com a pesquisadora, bem como, a autorização da família para a realização da pesquisa.